

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Caio César Costa Ribeiro Mira

**Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da
gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos
afásicos e não-afásicos.**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do Título de
Doutor em Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria
Morato

**Campinas
2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR TERESINHA DE JESUS JACINTHO –
CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP**

M67a

Mira, Caio César Costa Ribeiro; 1981-

Afasia e interação : uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos / Caio César Costa Ribeiro Mira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Edwiges Maria Morato.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Interação. 3. Conversação. 4. Turno conversacional. 5. Tópico discursivo. I. Morato, Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Aphasia and interaction: an analysis of dynamic shifts and management of topic in the conversational practices of aphasics and non-aphasics.

Palavras-chave em inglês:

Aphasia

Interaction

Conversational turn

Conversation

Discourse topic

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Anna Christina Bentes da Silva

Heloisa de Oliveira Macedo

Vanda Maria da Silva Elias

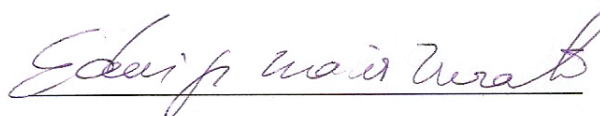
Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

Data da defesa: 27-02-2012.

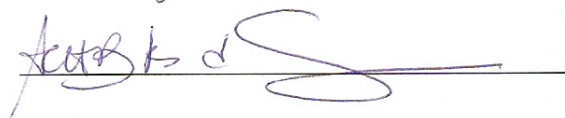
Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

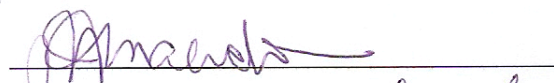
Edwiges Maria Morato



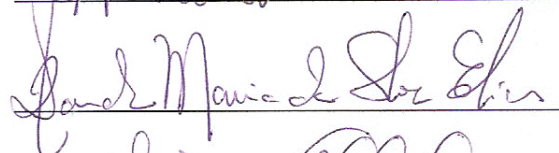
Anna Christina Bentes da Silva



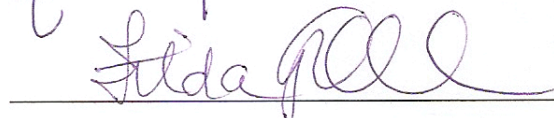
Heloisa de Oliveira Macedo



Vanda Maria da Silva Elias



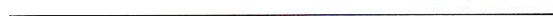
Zilda Gaspar Oliveira de Aquino



Elisa Battisti



Paulo Cortes Gago



Ingedore Grunfeld Villaça Koch



IEL/UNICAMP
2012

Dedico este trabalho à minha querida avó, Aparecida Costa. Seu amor, dedicação e força são as bases do que sou hoje. Apesar de sua partida, carrego sua presença em meu coração. Também dedico este trabalho à minha mãe, Tânia Ribeiro Costa, por sua força e perseverança em meio aos tempos difíceis.

Agradecimentos

De todas as etapas da escrita de uma tese, escrever os agradecimentos certamente é um dos momentos mais delicados e emotivos. Durante os 5 anos em que fiquei envolvido com a pesquisa, algumas pessoas passaram pela minha vida e desempenharam papéis fundamentais que, direta ou indiretamente, possibilitaram o término dessa etapa. Escrever os agradecimentos é também um grande exercício de reconhecimento dos valores e das qualidades das pessoas que estiveram e estão ao meu redor.

Primeiramente, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela Bolsa de Doutorado concedida no período de 2007 a 2011. Graças à concessão da bolsa, tive a oportunidade de financiar os custos de produção da pesquisa.

Devo um agradecimento mais que especial à duas pessoas fundamentais na minha formação acadêmica e pessoal: as professoras Edwiges Maria Morato e Anna Christina Bentes, que me acolheram desde o primeiro momento do meu ingresso na UNICAMP, compartilhando comigo sua *expertise* intelectual. Além disso, a Profa. Anna e a Profa. Edwiges confiaram em minha capacidade como pesquisador e me apoiaram no momento mais crucial da minha vida: o fatídico abril de 2008. Nunca esquecerei do carinho, generosidade e atenção dispensados a mim naquele período. Creio que não existem palavras para expressar a minha sincera gratidão por isso.

Agradeço à Dra. Heloisa Macedo pela suas valiosas sugestões na banca de qualificação e por aceitar o convite da defesa. Às Profa. Dra. Zilda Aquino e Profa. Dra. Vanda Elias, agradeço a disponibilidade em ler meu trabalho e participar da defesa da tese, um momento tão significativo no meu percurso acadêmico.

Sem o companheirismo, paciência, tolerância e honestidade de Henry Albertin minha vida teria sido muito diferente. Obrigado por me permitir fazer parte de sua vida, obrigado por tudo que vivemos nesses 4 anos.

Sou extremamente grato ao Danilo Ponchet por ter cuidado de mim nos momentos caóticos que vivi há 4 anos atrás. Agradeço sua boa vontade e disponibilidade em me

atender sempre que preciso, mesmo diante do meu mau humor e teimosia. Obrigado pela sua competência e profissionalismo Danilo!

Aos meus poucos e sinceros amigos, agradeço os momentos de companheirismo, compreensão e descontração. Obrigado Juliana Maia pelas nossas conversas a respeito da vida, da profissão e do cotidiano. Aos amigos de longa data, André Checchia, Antônia Pereira, Eliana Tavares, Eloisa Dalbem, Íria Reisdorfer, Greice Cintra e Júlia Maués, um agradecimento pela lealdade. Devo também agradecer à Vivian Rio, por ser uma amiga tão agradável com ideias parecidas com as minhas a respeito da vida acadêmica e das formas de se viver nesse mundo sem perder a alegria e a beleza. Sua companhia nos eventos científicos em que participamos foi maravilhosa.

Ao meu amigo e ex-chefe, Luiz Carlos Correa, agradeço a oportunidade que me foi dada para ingressar como docente no ensino superior. Também agradeço por ter aprendido muito com ele como é o dia a dia da prática do professor em uma sala de aula. Ao Centro Universitário Padre Anchieta de Jundiaí agradeço por permitir minhas ausências nos períodos em que participei de eventos científicos fora do país, e por acreditarem em meu trabalho. À Rose, Claudio e Carlos, agradeço pela ajuda e boa vontade nos trâmites administrativos e burocráticos da vida acadêmica

Agradeço aos meus tios Inês, João, Francisco e Odete por apoiarem minha mãe nos momentos difíceis que ela viveu nos últimos tempos. À minha prima Flávia Mira, agradeço por ter realizado com muita boa vontade as traduções das citações. Agradeço à minha madrinha, Mariza Leopoldo, à Maria Emília Rodrigues e à Lúcia por terem ajudado a cuidar da minha avó, quando ela estava doente, e do meu irmão Thales.

Por fim, agradeço a minha grande amiga, companheira de jornada Daniela Plachi, que está sempre pronta para “o que der e vier”, por estar comigo nos momentos bons, nos momentos tensos (que não foram poucos), pelas longas conversas, por às vezes me dar um “choque de realidade” em meio aos meus dilemas. Não só por isso agradeço à Dani, mas também pelos bons momentos em que rimos, compartilhamos sonhos e acolhemos um ao outro.

Tudo passa – sofrimento, dor, sangue, fome e peste. A espada também passará, mas as estrelas ainda permanecerão quando as sombras de nossa presença e nossos feitos se tiverem desvanecido da Terra. Não há homem que não saiba disso. Por que então não voltamos nossos olhos para as estrelas? Por quê?

Mikhail Bulgakov – The White Guard

Esta pesquisa foi integralmente financiada pela
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de
São Paulo (FAPESP). Processo: 2007/50264-3.

Resumo

As práticas interativas do Centro de Convivência dos Afásicos (doravante, CCA) constituem um *locus* bastante interessante para análise da relação entre linguagem, cognição e vida social. O CCA, que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, é um espaço de interação entre afásicos e não afásicos que procura, metodologicamente, evocar em encontros semanais rotinas significativas de vida em sociedade, o que envolve variados processos de significação (verbais e não verbais) e diversas práticas com linguagem, que mobilizam recursos pragmáticos, textuais e discursivos (Morato et al., 2002). Diante da configuração social CCA e a partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise da Conversação e dos estudos brasileiros no campo da Linguística Textual, esta pesquisa tem por objetivo analisar episódios interacionais que envolvem sujeitos afásicos e não afásicos, por meio de duas categorias que sustentam a estrutura e a gestão da conversação: o turno conversacional e o tópico discursivo. Este trabalho parte da seguinte hipótese: poderíamos dizer que sujeitos afásicos não deixam de ser competentes do ponto de vista pragmático? Poderia a análise textual-interativa demonstrar que sujeitos afásicos possuiriam uma capacidade de reconhecer as formas de inserção, sobreposição e tomadas dos turnos conversacionais para participarem do desenvolvimento de um do tópico em situações conversacionais? Poderia essa análise demonstrar que afásicos podem ser capazes de reconhecer as especificidades das dinâmicas de turnos e das formas do desenvolvimento do tópico demandadas pelas situações conversacionais ocorridas no CCA? Para tratar de questões como essas, consideramos que a análise interpretativa das práticas linguísticas dos sujeitos afásicos contribui para a compreensão da inserção e da participação dos sujeitos afásicos nas práticas cotidianas, algo que passa largamente pela linguagem ou pelos seus contextos de uso. Também por essas práticas podemos compreender melhor como o afásico procura se inserir nas mais diversas atividades sociais e assim contribuir para o incremento de ações inclusivas e para a diminuição do isolamento social que geralmente ocorre em função da incompreensão das especificidades dos déficits linguísticos nas situações concretas de uso da linguagem. Os resultados de nossas análises demonstram que os afásicos não perdem necessariamente a competência pragmática ou textual-interativa. Tanto aspectos estruturais, quanto funcionais da linguagem em uso permitem o enfrentamento criativo de dificuldades impostas pelas dificuldades características dos quadros afásicos. Assim, de forma intersubjetiva, multimodal e cooperativa, afásicos se tornam capazes de interagir nas situações conversacionais, manipulando de forma adequada em relação aos seus propósitos comunicacionais, engajando-se na dinâmica de turnos conversacionais e contribuindo para o desenvolvimento do tópico. Nossos achados demonstram que afásicos reconhecem a configuração textual-interativa da conversação, manifestada pela movimentação do tópico, das formas de participação dos enquadres interativos e pelas dinâmicas de turno. A afasia, e também a análise desse fenômeno neurolinguístico, não se reduz, pois, ao que acontece ao nível do sistema linguístico *stricto sensu* ou tomado em si mesmo.

Palavras chaves: afasia, interação, conversação, turno conversacional, tópico.

Abstract

The interactive practices of the Aphasic Social Centre (henceforth, CCA) are a very interesting locus to analyze the relationship between language, cognition and social life. The CCA, located at the Language Studies Institute at UNICAMP, is a place for interaction between aphasics and non-aphasics that tries to evoke methodologically, in weekly meetings, the routine of life in society. Those practices involve various processes of meaning (verbal and non-verbal language) that mobilizes pragmatic, textual, and discursive resources (Morato et al, 2002). Given the social configuration of the CCA and the theoretical-methodological conversation analysis as well as the text-interactive approach of the field of Brazilian studies on Textual Linguistics, this research aims to analyze three interactional episodes involving non-aphasic and aphasic subjects through two categories that sustain the conversation: the topic of discourse and conversational turn. This work is based in the following hypothesis: could we say that aphasic subjects are nonetheless competent according to the pragmatic point of view? Could textual and interactive analysis show that aphasic subjects possess an ability to recognize forms of integration, overlap and shifts taken from conversational to participate in the development of a topic in a conversational situation? Could this analysis demonstrate that aphasics may be able to recognize the specificities of dynamic shifts and shape the development of a conversational topic demanded by the situation that occurred in the CCA? We believe that the interpretative analysis of the language practices of aphasic subjects contributes to the understanding of inclusion and the participation of them in daily practices, something that goes largely by language or by their contexts of use. Also, according to those practices, we can better understand how the aphasics can participate in various social activities and thus contribute to the growth of inclusive actions to reduce the social isolation that often occurs due to the misunderstanding of the specific deficits of language in concrete use of language situations. The results of our analysis show that aphasics do not necessarily lose the pragmatic or textual interaction competence. Both structural and functional use of language allows communicative creative strategies imposed by the difficulties of aphasic subjects. Thus, in intersubjective and cooperative multimodal ways aphasics become able to interact in conversational situations, manipulating appropriately in relation to their communicative purposes, engaging in the dynamics of conversational turns and contributing to the development of the topic. Our findings demonstrate that aphasics recognize the configuration of interactive text-chat, as manifested by moving the topic of forms of participation frameworks for interactive and dynamic shifts. Therefore, Aphasia, and also the analysis of this neurolinguistics phenomenon, is not reduced to what happens at the level of the linguistic system *stricto sensu*.

Key words: aphasia, interaction, conversation, conversational turn, topic.

Sumário

Introdução: Apresentação do problema teórico	1
Capítulo 1 – O objeto e o domínio empírico da pesquisa: a conversação.....	13
1.1 – Duas estruturas essenciais da conversação face a face: turno conversacional e o tópico discursivo.....	17
1.1.1 – Os estudos pioneiros no âmbito da Análise da Conversação: Sacks, Schegloff e Jefferson.....	19
1.1.2 – As unidades de construção de turno e os lugares relevantes de transição do turno.....	22
1.1.3 – A noção de contexto e as dinâmicas de turno.....	39
1.2 – O Tópico Discursivo.....	45
1.3 – A articulação do aparato teórico-metodológico: Análise da Conversação e Linguística Textual.....	56
Capítulo 2 – O Centro de Convivência de Afásicos (CCA).....	61
2.1 – As atividades do CCA.....	64
2.2 – Descrição dos integrantes CCA no ano de 2004.....	68
2.3 – O estatuto social do CCA, segundo seus integrantes afásicos e pesquisadores.....	79
2.4 – O CCA como uma “comunidade de práticas”.....	76
Capítulo 3 – Descrição do corpus e procedimentos metodológicos.....	95
3.1 – Descrição do corpus.....	95
3.2 – Procedimentos metodológicos.....	96

Capítulo 4 – Análise de Dados.....	105
4.1 – Enquadre Interativo: <i>Discussão / Debate de notícias</i>	105
4.1.1 – Dado 1.....	105
4.2 – Enquadre Interativo: <i>Relatos do Cotidiano</i>	121
4.2.1 – Dado 1.....	121
4.2.2 – Dado 2.....	131
4.3 - Quadro geral de recorrências do turno conversacional e do desenvolvimento de tópico discursivo nos enquadres interativos.....	139
5 – Conclusões.....	149
6 – Referências Bibliográficas.....	157
Anexo.....	165

Introdução: apresentação do problema teórico

As afasias são, fundamentalmente, sequelas de um acidente vascular cerebral, de traumatismos cranianos ou de tumores cerebrais que afetam sensivelmente a linguagem em seus vários níveis de constituição e processamento. As afasias podem afetar as formas de articulação e produção dos segmentos fonético-fonológicos, a capacidade de ordenar sintaticamente os elementos dos enunciados, a seleção de itens lexicais em situações comunicativas, os processos semânticos de compreensão e produção (cf. Jakobson, 1954; Luria, 1976, 1981).

No entanto, a definição acima reduz e ao mesmo tempo simplifica as consequências que o fenômeno afásico pode acarretar tanto no plano linguístico, quanto no interacional. Reduz e simplifica porque a questão das afasias não está somente circunscrita nos domínios das alterações estruturais da linguagem humana. Esta definição simplificadora reduz as afasias sob um único invólucro: o das patologias da linguagem cujos traços ou características de disfluência e dificuldade metalinguística seriam uma espécie de excrescência em relação às situações normais e correntes da linguagem em contextos de uso.

A concepção tradicional das afasias tem se servido de uma forte idealização de um normal da linguagem, sendo os testes metalingüísticos e descontextualizados o terreno

propício para a consolidação de uma tradição no campo da Afasiologia. Nesse contexto, as manifestações afásicas em nada teriam a ver com processos que também ocorrem na linguagem não patológica; além disso, são diagnosticadas a partir de testes de base estruturalista e normativa que têm o pressuposto de que elas são, essencialmente, um problema da ordem de uma metalinguagem estrita, ou seja, um problema de reconhecimento das estruturas e das propriedades da língua tomada como um sistema fechado em si mesmo. Morato (2001) sintetiza este posicionamento que por muito tempo norteou os estudos afasiológicos:

A afasia tem sido definida tradicionalmente como um problema metalinguístico conforme postula Jakobson (1954/1981): “a afasia pode ser definida amiúde como um problema relativo às operações metalinguísticas”. Isso quer dizer que o que estaria afetado nas afasias diz respeito fundamentalmente a um conhecimento metalinguístico do mundo. Procedimento recorrente para o estudo, a descrição de sua semiologia e a conceituação tradicional das afasias, as baterias de testes-padrão, prenhes de tarefas metalinguísticas quase caricaturais com relação às propriedades da língua “Tornou-se clássico perturbam a metalinguagem. Isso porque falar uma língua (e fazê-lo adequadamente) estaria subordinado à capacidade (lógico-perceptiva, bem entendido) de falar sobre esta língua. (...) perder-se-ia nas afasias não apenas a capacidade de falar sobre a linguagem, mas essa possibilidade de reflexividade da linguagem que consiste numa reação de reparação e de reconstituição de processos linguísticos” (Morato, 2001:22).

Conceber as afasias como um problema de metalinguagem (aqui reduzida ao metalinguístico) e de perda da capacidade reflexão de seu uso instiga-nos refletir a respeito da seguinte questão: seriam as afasias, que dizem respeito a linguagem e todo tipo de processo afeito a ela, somente um problema de ordem metalinguística? Ao responder essa questão, e encontrando uma resposta negativa, deparamo-nos com uma outra questão igualmente ou até mais instigante: se a afasia não se restringe apenas a um problema de metalinguagem (reduzida por sua vez a uma questão relativa ao sistema linguístico *stricto sensu*), os sujeitos acometidos por ela seriam capazes de refletir e operar não só com as estruturas linguísticas responsáveis pela prática de linguagem mais recorrente na vida do ser humano, a conversação?

Para tratarmos da questão do uso da linguagem afásica na conversação, primeiramente é necessário considerar as outras implicações das afasias, que vão além da definição de um problema de metalinguagem no sentido de perda de capacidade

realizar operações metalinguísticas (cf. Jakobson, 1954; Lebrun, 1981). A afasia desestabiliza cognitivamente e descaracteriza justamente a capacidade de comunicação, de utilizar um sistema simbólico, verbal e não-verbal, para veicular sentidos e organizar-se socialmente e, conseqüentemente, de manter e incrementar seus diversos vínculos sociais constituídos ao longo da vida.

Nesse sentido, a afasia não é só um problema de reconhecer e operar as unidades linguísticas, mas, um problema de ordem discursiva e sociocognitiva, pois há um quadro de instabilidades provocado por um evento neurológico e suas implicações, que vão além das sequelas neurocognitivas. O impacto se produz no âmbito biopsicossocial. Uma das principais consequências acarretadas pela afasia é o isolamento social que é desencadeado pela interrupção da atividade de dar forma aos conteúdos de nossas experiências e de construir aquilo que é vivido em um sistema simbólico que constitui nossa realidade (cf. Vygotsky, 1984; Tomasello, 2003, 2008).

Nesta pesquisa, a afasia será investigada a partir de uma ótica interacionista da relação entre linguagem e cognição (Salomão, 1999; Koch, 1993; Van Dijk, 1992; Marcuschi, 1998, 2002; Morato, 1996, 2005; 2008). Nossas escolhas teórico-metodológicas visam desvencilhar a afasia de uma mera questão de desordem mental ou metalinguística, conforme é tradicionalmente considerado no campo dos estudos afasiológicos. Pretendemos aprofundar seu contorno linguístico-interacional a partir da análise das situações conversacionais nas quais os sujeitos afásicos e não afásicos engajam-se cotidianamente. Por situar a compreensão das práticas psicossociais que envolvem as afasias no terreno da “cognição situada”, local e historicamente, essa perspectiva permite um entendimento mais abrangente do fenômeno afásico e também do uso da linguagem nas práticas conversacionais, pois possibilita colocar em evidência as relações entre linguagem, cognição e interação.

A concepção de cognição enquanto prática social, que subsidia o aporte teórico-analítico desta pesquisa, é assim delimitada por Mondada & Pekarek:

A cognição pode ser compreendida como situada em dois sentidos: de uma parte, ela pode ser considerada como enraizada na interação social (Rogoff, 1990); de outra parte, ela pode ser compreendida como estando ancorada nos contextos institucionais e culturais mais largos (Cole, 1994 et 1995; Wertsch, 1991a et 1991b); a abordagem sociocultural procura reunir esses dois aspectos em um modelo coerente (...) A atividade, enquanto processo dinâmico situado nas estruturas sócio-históricas, encontra-se assim apresentada como ponto de

partida para o estudo do funcionamento mental. Nesses termos, encontra-se ao mesmo tempo estabelecida a concepção de cognição como prática, distribuída, emergente das atividades locais, que não somente se opõe à sua modelização tradicional e individualizante em termos de interioridade e de intencionalidade, mas que, mais geralmente, se recusa à separação entre o que releva do domínio do desenvolvimento individual, cognitivo e autônomo, e do que releva do domínio da atividade coletiva, interativa e social (Mondada & Pekarek, 2000: 154-5).

Aliada à concepção de cognição como situada local e socialmente, esta pesquisa assume em seu escopo teórico-analítico algumas categorias advindas da Análise da Conversação (doravante, AC) e outras provenientes dos estudos textuais-interativos, sobretudo, de estudos brasileiros que privilegiam a dimensão textual- discursiva para a análise de situações conversacionais. Autores deste viés, como Marcuschi (1998), Jubran (2006a, 2006) e Koch (2006), dão suporte importante ao nosso quadro teórico, juntamente com alguns autores afiliados à Análise da Conversação, como Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), Selting (1996), Ferguson (1998), Ford, Fox & Thompson (1996) e Schegloff (2007).

As práticas interativas do Centro de Convivência dos Afásicos (doravante CCA) constituem um *locus* bastante interessante para análise da relação entre linguagem, cognição e vida social. O CCA, que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é um espaço de interação entre afásicos e não afásicos que procura, metodologicamente, evocar em encontros semanais rotinas significativas de vida em sociedade, o que envolve variados processos de significação (verbais e não verbais) e diversas práticas com linguagem, que mobilizam recursos pragmáticos, textuais e discursivos (cf. Morato et al., 2002).

Em termos de sua estruturação, o CCA é um grupo organizado de tal forma que pode ser entendido como uma *comunidade de práticas* (Wenger, 1998). Sua dinâmica interativa apresenta as seguintes propriedades: i) o engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana); ii) o empreendimento conjunto (que diz respeito não a um objetivo compartilhado *a priori*, mas a um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos); iii) o repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido social (Wenger, 1998). O CCA, sendo um grupo organizado, centrado principalmente nas práticas coletivas que nele se

desenvolvem, acaba sendo um *locus* revelador e instigador dos fenômenos cognitivos e sociais imbricados à linguagem (Morato et al., 2005).

Diante da configuração social CCA e do aporte teórico-metodológico mencionado acima, esta pesquisa tem por objetivo analisar de forma qualitativa três episódios interacionais extraídos dos encontros semanais do Centro, que envolvem sujeitos afásicos e não afásicos, por meio de duas categorias que sustentam a conversação: o turno conversacional e tópico discursivo. O objetivo deste trabalho parte da seguinte hipótese: os sujeitos afásicos seriam competentes do ponto de vista textual-interativo, isto é, os sujeitos afásicos possuiriam a capacidade de reconhecer as formas de inserção, sobreposição e tomadas dos turnos conversacionais para participarem do desenvolvimento de um do tópico em situações conversacionais? Seriam eles capazes de reconhecer as especificidades das dinâmicas de turnos e das formas do desenvolvimento do tópico demandadas pelas configurações das situações conversacionais ocorridas no CCA?

A investigação das condições de emergência de uma competência de natureza pragmático-textual, que é responsável pelo conhecimento das formas de organização da conversa e de natureza interativa, relacionada ao reconhecimento das especificidades demandadas pela situações conversacionais, nos quadros das instabilidades linguístico-cognitivas permite-nos questionar frontalmente a noção chomskiana de competência como faculdade inata responsável por uma capacidade linguística de gerar sentenças gramaticalmente perfeitas desvinculadas das práticas sociais. Esta nossa investigação no campo das patologias de linguagem proporciona uma rediscussão da noção de competência conversacional nos campos dos estudos linguísticos, especificamente no campo dos estudos neurolinguísticos.

Classicamente, a noção “competência” na Linguística esteve, e certamente ainda está relacionada ao legado teórico de Noam Chomsky. Basicamente, para Chomsky, a competência é a capacidade inata e intuitiva que as crianças têm de construir e de entender, na língua materna, um número indefinido de sentenças que jamais ouviram e que, talvez, jamais tenham sido enunciadas. Essa ideia de que “a gramática *gera* todas as sentenças da língua” forja o conceito de “*gramática gerativa*”, ou seja, aquela que “projeta” qualquer dado conjunto de sentenças contra o conjunto mais amplo e,

possivelmente infinito, de sentenças que constitui a língua sob descrição, é sob este postulado que se sustenta a concepção de competência linguística. Originalmente, a noção de competência chomskiana (cf. *Syntactic Structures*, 1957) foi cunhada para responder a algumas das mais intrigantes questões acerca da linguagem: a sua aquisição:

De particular importância para esse propósito (a aquisição da linguagem) é a capacidade que têm as crianças de derivar regularidades estruturais de sua língua materna – as regras de gramática dessa língua – a partir da fala de seus pais e das pessoas que as rodeiam, fazendo uso dessas mesmas regularidades na construção de expressões orais nunca antes ouvidas (Lyons, 1981: 136).

Contemporaneamente ao surgimento e consolidação das ideias de Chomsky, destacamos as críticas suscitadas pelos linguistas Dell Hymes e John Gumperz no campo da Sociolinguística, mais especificamente no campo da Etnografia da Comunicação. Hymes & Gumperz (1972) introduzem a noção de competência comunicativa em termos de um conjunto de habilidades e conhecimentos requeridos na interação, não redutível a uma capacidade inata de reconhecimento de estruturas linguísticas. Gumperz (1982) enfatiza que a noção de competência ultrapassa o domínio das regras gramaticais, numa clara alusão à *competence* da teoria gerativa¹.

A competência comunicativa pode ser definida em termos interacionais como o conhecimento linguístico e convenções comunicativas relacionadas que falantes devem ter para criar e sustentar a cooperação conversacional, e assim envolve tanto gramática como contextualização” (Gumperz, 1982: 09)².

Hymes detém-se mais detalhadamente sobre a questão da competência linguística, reafirmando seu ponto de vista no qual, fundamentalmente, a noção recebe uma interpretação estreita e limitada na teoria chomskiana. O autor nos oferece uma produtiva noção de competência que ultrapassa o conceito de linguagem enquanto código e conjunto de regras que os falantes têm em mente e dominam perfeitamente quando colocados em situações de interações.

¹ Ao longo desta tese, traduzimos as citações em língua estrangeira no corpo do texto. Dessa forma, manteremos as citações originais em notas de rodapé.

² “Communicative competence can be defined in interacional terms as the knowledge of linguistic and related communicative conventions that speakers must have to create and sustain conversational cooperation, and thus involves both grammar and contextualization” (Gumperz 1982: 09).

Sucintamente, para Hymes (1974), a competência comunicativa consiste em um conceito que excede tanto o falante, quanto a forma linguística. O autor refere-se basicamente às habilidades sociais e contextuais dos indivíduos inscritos numa comunidade de falantes cujo contexto é marcado justamente pela heterogeneidade social e subjetiva e pela desigualdade de oportunidades de uso da palavra que o contexto impõe. O ponto mais importante da argumentação de Hymes concentra-se no fato de que é preciso ultrapassar a noção de “competência linguística perfeita” e de uma “comunidade homogênea de fala” para admitir a existência de várias competências interatuantes nas práticas comunicativas. Na ótica adota por Hymes, a faculdade da linguagem é um dos componentes dos sistemas complexos da competência. Em uma crítica à noção internalista de competência, Hymes aponta que:

uma abordagem adequada deve distinguir e investigar quatro aspectos da competência: a) potencial sistêmico – se e a qual extensão algo não é compreendido, e em um sentido, não conhecido ainda; é a isso que Chomsky na realidade reduz competência; b) adequação – se e a qual extensão algo é adequado, efetivo ou conveniente em algum contexto; c) ocorrência – se e a qual extensão algo é feito; d) viabilidade – se e a qual extensão algo é possível, dados os meios de implementação disponíveis (Hymes 1974: 95).³

A noção de competência comunicativa que Hymes preconiza, trata-se, portanto, de uma reflexão essencial para as abordagens que tomam a interação como objeto de análise, como o caso deste trabalho. Para o autor, a competência ultrapassa os limites do conhecimento inato. Hymes considera que a noção de competência é um termo mais abrangente que se aplica às capacidades que os indivíduos lançam mão na cena interativa. Vejamos uma passagem em que Hymes explicita sua concepção de competência:

Competência é dependente tanto do conhecimento (tácito) e (capacidade de) usar. Conhecimento é distinto, então, tanto para a competência (como sua

³ an adequate approach must distinguish and investigate four aspects of competence: a) systemic potential – whether and to what extent something is not yet realized, and, in a sense, not yet known; it is to this Chomsky in effect reduces competence; b) appropriateness – whether and to what extent something is in some context suitable, effective, or the like; c) occurrence – whether and to what extent something is done; d) feasibility – whether and to what extent something is possible, given the means of implementation available (Hymes 1974: 95).

parte), quanto da possibilidade do sistema (cuja relação é uma questão empírica) (Hymes 1971: 282).⁴

A noção de competência em Hymes parece-nos mais abrangente do que a postulada por Chomsky, por considerar a dimensão social e o conhecimento regras pragmáticas e outras competências envolvidas no uso da linguagem, e não apenas o julgamento do valor gramatical e da descrição do conhecimento do sistema de regras internalizados pelos falantes. De acordo com Morato (2003), a competência não se reduz somente ao domínio interno e cognitivo da linguagem, ela se constitui no campo de ações sócio culturais em que os sujeitos se inscrevem:

Ou seja, a competência é algo que está dentro da linguagem, mas ao mesmo tempo, "de fora" isto é, de uma exterioridade sociocultural – portanto, “um exterior concebido enunciativamente” - a mobiliza e constitui”, (Morato, 2003: 134).

Assim, neste trabalho adotaremos uma concepção de competência como “um saber em uso” que conjuga não só uma capacidade inata, mas também os conhecimentos múltiplos a respeito do partilhamento de regras sociais que envolvem o uso na linguagem. Nesse sentido, consideramos que a:

a linguagem é constituída não apenas como um sistema público de sinais, mas também através do uso mútuo de práticas públicas para construir ações e significado em união com outros. (...) Sua capacidade de agir como falante emerge da sua habilidade de participar em diálogo através do uso das práticas sequenciais que se situam no centro da organização de fala-em-interação (Goodwin, 2004: 166, 167)⁵

A noção de competência também evoca de certa forma uma ideia de capacidade ou “atitude” cognitiva dos interactantes, no sentido de que os indivíduos têm uma capacidade de saber o que lhes acontece. Dessa forma, a noção de competência que subsidia este trabalho é entendida como:

⁴ Competence is dependent upon both (tacit) knowledge and (ability for) use. Knowledge is distinct, then, both for competence (as its part) and from system possibility (to which its relation is an empirical matter)” (Hymes 1971: 282).

⁵ Language is constituted not only as a public sign system but also through the mutual use of public practices for building action and meaning in concert with others. (...) His capacity to act as speaker emerges from his ability to participate in dialogue through use of the sequential practices that sit at the center of organization of talk-in-interaction (Goodwin, 2004: 166, 167).

prática que desvincula a ideia de competência à de “faculdade” (Cf. Ogien, 2001); (ii) a noção de competência evoca diferentes modalidades de exercício de diferentes capacidades (isto é, diz respeito a um “saber em uso”), ou seja, a competência não tem apenas uma existência pragmático-discursiva, como também é heurísticamente concebida ou enformada pelos sujeitos nas situações enunciativas; (iii) se a competência é antes uma prática que uma faculdade, é porque a noção de prática imbrica atos de linguagem e ações sociais; (iv) a postulação de uma competência para a linguagem, enquanto conhecimento, é parte integrante de um “discurso competente”, legítimo/legitimado sócio-politicamente (Cf. Bourdieu, 1982/1998 ; Chauí, 1989); (v) se pensarmos no caráter avaliativo e regulador do termo, nada que seja considerado “natural” pode ser chamado de competência”; (vi) não sendo entendida como uma faculdade ou uma disposição mental, a competência pode ser analisada empiricamente” (Morato & Bentes, 2002).

Considerando a competência como um saber em uso, uma prática, optaremos por delineá-la como um saber em uso específico, que, porém se articula com outras formas de competências. No caso deste trabalho, adotaremos uma noção de competência textual-interativa. Em função dos pressupostos teóricos de base, e levando em conta o tipo de *corpus* com que trabalharemos, assumimos que a competência é um saber em uso que possibilita aos sujeitos interagirem numa situação conversacional face a face desempenhando, mantendo e organizando as estruturas básicas da conversação. Em outras palavras, assumimos a noção de competência não como uma faculdade, mas, como prática (Morato, 2005). Assim pensada, a noção de competência que utilizaremos neste trabalho aproxima-se de um:

ajuste às restrições pragmáticas e às exigências locais e situadas da interação, bem como às ações que esta projeta, a concepção de competência vincula-se fortemente nessa abordagem à intencionalidade e à comunicação, definindo-se em função de um caráter de adequação de alguma maneira (verbal, não verbal) manifestada pelo comportamento dos indivíduos. Um dos problemas práticos que se impõe ao estudo das afasias, nesse contexto, é entendê-las a partir da distinção competência-desempenho (Morato et al., 2008).

Posto que esta pesquisa tem por objetivo analisar o trabalho linguístico-comunicacional dos sujeitos afásicos no curso de suas interações, pretendemos explorar no plano empírico a tese de que a relação entre cognição e linguagem não é marcada somente por fatores mentais e cerebrais, tal como postulado sobejamente pela Afasiologia tradicional. Para esta, cumpre salientar que, uma vez afásico, o sujeito se torna ineficaz, ou até mesmo incompetente linguística e interativamente.

É esta questão – a de um saber que se constrói e reorganiza-se na ação – que é o cerne deste trabalho, pois a partir da análise das práticas do CCA pretendemos demonstrar a emergência, consolidação e a reorganização de variadas competências (social, comunicativa, linguística, pragmática, cognitiva, *etc.*) relativas à linguagem dos sujeitos afásicos. Assim, considerando a competência relativa à linguagem sob uma perspectiva sociocognitiva, e não a reduzindo a uma simples capacidade metalinguística, podemos postular, por meio de análises das situações interativas nas quais se engajam os sujeitos afásicos, que tal competência não se perde ou se destrói necessariamente nas afasias (cf. Morato, 2005; Morato et al., 2008). Para esta tarefa, nosso domínio empírico é especificamente as práticas de linguagem cotidianas que ocorrem CCA, em especial as que envolvem duas categorias fundamentais da conversação: o turno conversacional e tópico discursivo.

A justificativa da presente pesquisa reside na tese de que a compreensão mais apurada das práticas linguísticas dos sujeitos afásicos pode contribuir para a melhor inserção e participação dos sujeitos afásicos nas práticas cotidianas familiares e afetivas, algo que passa largamente pela linguagem ou pelos seus contextos de uso, e também para a diminuição do isolamento social que geralmente ocorre em função da incompreensão das especificidades dos déficits linguísticos nas situações concretas de uso da linguagem. Nesse sentido, as análises das situações conversacionais entre sujeitos afásicos e não afásicos podem fornecer valiosos subsídios para o maior entendimento do fenômeno afásico, para o próprio enfoque e conceituação das afasias, além de poder esclarecer que a produção dos afásicos não é marcada somente pela concepção de erro e incompletude em relação às práticas de linguagens ditas normais ou saudáveis.

Do ponto de vista de sua estrutura, esta tese está organizada em 4 capítulos. O primeiro deles tem por objetivo explicar sobre o domínio empírico da pesquisa e das duas categorias nucleares que servirão para a análise dos dados: o turno conversacional e tópico discursivo. Nesse capítulo, resgatamos, ainda que brevemente, o desenvolvimento de estudos conversacionais, no intuito de compreendermos a gênese da noção de turno conversacional abordada no estudo seminal de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) em torno da “sistemática de trocas de turnos”. Por meio disso,

assinalamos os desdobramentos que a definição de turno conversacional implica nos estudos posteriores no campo da Análise da Conversação. O mesmo percurso será feito em relação à noção de tópico discursivo. Discutimos nesse capítulo o desenvolvimento da noção de tópico como uma categoria analítica e sua configuração textual-interativa no âmbito de estudos brasileiros de análise de textos orais. Ainda no capítulo 1, procuramos tecer algumas críticas ao modelo de teórico-metodológico proposto pelos estudos da Análise da Conversação de base etnometodológica, além de justificar nossa opção pelo enfoque textual-interativo oriundo do campo dos estudos brasileiros da Linguística Textual para a análise dos textos orais.

O capítulo 2 é dedicado à descrição do CCA, onde ocorrem semanalmente as interações que são objetos de análise desta pesquisa. A primeira parte desse capítulo traz o histórico do grupo, sua fundamentação teórico-metodológica e suas particularidades. Ainda nesse capítulo, descrevemos as atividades que ocorrem semanalmente no CCA e apresentamos o perfil de cada integrante do grupo que participa do período que diz respeito ao nosso *corpus* de análise.

No capítulo 3, procedemos à descrição de nosso *corpus*, trazendo especificamente o detalhamento do acervo de dados do Grupo de Pesquisa Cogites (Cognição, interação e significação), coordenado pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato⁶, que originou nosso *corpus* de análise. Ainda nesse capítulo, descrevemos e justificamos a nossa opção pelo uso da noção de enquadre como recorte do *corpus*, e apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nas análises.

No capítulo 4, desenvolvemos nossa análise dos dados. Seleccionamos para o estudo 3 situações interativas, que compõem ao todo o *corpus* da pesquisa. Esse capítulo

⁶ O Grupo de Pesquisa COGITES, cadastrado no Diretório do CNPq, reúne pesquisadores de IC a pós-doutorado e está consagrado ao estudo das relações entre linguagem e cognição por meio da análise de práticas linguístico-interacionais, em especial as que envolvem sujeitos com afasias e com Doença de Alzheimer, com foco em determinados processos enunciativos (significação, metalinguagem, competência, referenciação, metaforicidade, relação oral/escrito) e processos meta (metalinguísticos, meta-enunciativos, metadiscursivos, operações epilinguísticas, etc.). Mais recentemente, o Grupo se dedica também ao estudo de processos conversacionais e multimodais das interações (gestão do tópico conversacional, dêiticos, gestualidade, dinâmica de turno, constituição de comunidade de prática, atividades de reformulação, estruturação da interação conversacional, etc.) (Morato, 2011). Os detalhes de sua configuração, perspectiva teórico-metodológica e trabalhos desenvolvidos podem ser consultados no site: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00798014981QOS>.

traz a análise do *corpus* e um quadro geral comentado da dinâmica de turnos e da movimentação do tópico.

Por fim, apresentamos algumas conclusões a que chegamos por meio da análise dos dados, bem como da retomada e discussão dos objetivos e hipóteses da pesquisa.

1

O objeto e o domínio empírico da pesquisa: a conversação

O domínio empírico deste trabalho é a conversação, especificamente a conversação face a face, que constitui o cenário básico da aquisição e do uso da linguagem humana (Clark, 1996). A conversação face a face estabelece e configura “o uso básico e primordial da linguagem, e a melhor descrição para todos os outros usos vem a ser em termos do modo como eles se desviam daquela base” (Filmore, 1991, apud, Clark, 2000: 53).

Sendo a conversação o cenário básico do uso da linguagem e o domínio empírico deste trabalho, torna-se necessário explicitarmos suas principais propriedades:

- 1º) Co-presença: os participantes compartilham o mesmo ambiente físicos;
- 2º) Visibilidade: os participantes podem se ver um ao outro;
- 3º) Audibilidade: os participantes podem se ouvir um ao outro;
- 4º) Instantaneidade: os participantes percebem as ações um do outro sem atraso perceptível;
- 5º) Evanescência: o meio é evanescente – desaparece rapidamente;
- 6º) Ausência de registro: as ações dos participantes não deixam registros ou artefatos;
- 7º) Simultaneidade: os participantes podem produzir e receber imediata e simultaneamente;
- 8º) Extemporaneidade: os participantes formulam e executam ações extemporaneamente em tempo real;

9º) Autodeterminação: os participantes determinam para si próprios que ações tomar e quando;

10º) Auto-expressão: os participantes executam ações sendo eles próprios (Clark & Brennan, 1991, *apud*, Clark, 2000: 55).

É no interior desse domínio empírico que constituímos nosso *corpus* de análise e elencamos duas categorias nucleares que sustentam a conversação face a face: o turno conversacional e tópico discursivo. Além dessas propriedades da conversação, é importante salientar que esta atividade interativa não é somente constituída pelo elenco de propriedades explicitadas acima ou pela regularidade na troca de turnos e informações. A conversação ocorre no interior de quadros sociais mais explícitos que, ao mesmo tempo, dão forma e conteúdo às ações comunicativas. Partindo dessa premissa, bem como das propriedades estabelecidas por Clark & Brennan (1991), a conversação no âmbito desse trabalho é tomada como:

(...) uma interação centrada, da qual participam pelo menos dois interlocutores que se revezam, tomando cada qual pelo menos uma vez a palavra, dando-se o evento comunicativo uma identidade temporal e num determinado “quadro social” (W. Labov / D. Fanshel, 1977, p. 26). Como numa conversação várias pessoas agem (ao mesmo tempo ou sequencialmente), trata-se também de uma sequência de ações interrelacionadas que, de algum modo, devem formar um todo coerente para que sejam compreensíveis. Evidentemente, uma conversação deve preencher uma série de condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas para que se dê uma interação bem-sucedida (Marchuschi, 1988: 319-320).

A definição de Marchuschi situa a conversação em um terreno mais amplo, onde a simetria das trocas conversacionais cede espaço à realização de eventos comunicativos, que por sua vez, ocorrem em função de “condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas” essenciais para uma interação. É justamente por causa dessas condições que o embasamento teórico desse trabalho buscará alinhar os pressupostos dos estudos da Análise da Conversação (doravante AC), de inspiração etnometodológica, representados aqui pelo conceito de turno, aos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos brasileiros que analisam a organização e a natureza textual-interativa das interações face a face.

O alinhamento destas duas vertentes dos estudos conversacionais ocorre em função de nossos objetivos e, principalmente, da peculiaridade do *corpus* deste trabalho:

episódios conversacionais que envolvem sujeitos afásicos e não afásicos. Dessa forma, optamos metodologicamente por uma noção de turno que não esteja integralmente restrita às classificações rígidas dos estudos oriundos da Análise da Conversação de inspiração etnometodológica, representada principalmente pelos autores como Sacks, Schegloff e Jefferson. Nossa opção foi compreender as transformações que o conceito de turno sofreu no âmbito dos estudos da AC para possibilitar em nossa análise entrever a dinamicidade dos fatores contextuais e pragmáticos que ocorrem no curso da interação. Tal dinamicidade ocorre seja por conta da dinâmica de turnos, seja em função dos desdobramentos do tópico.

No domínio empírico deste trabalho, isto é, a conversação, inúmeros elementos estão simultaneamente partilhados e co-construídos pelos interactantes. As regras que duas ou mais pessoas partilham são reconhecidas prontamente e, nesse processamento *on line*, desenvolve-se a construção conjunta de sentidos. São inúmeros elementos que entram em jogo no ato cotidiano de conversar. Dentre essa constelação de elementos que permitem o entrosamento comunicativo, elegemos duas categorias que são responsáveis pela a ossatura da conversação: o turno conversacional e o tópico discursivo.

No âmbito dos estudos da AC, os turnos são constituídos pelas unidades de construção de turno (UCT), que são responsáveis pela configuração e transição de turnos. Uma das grandes questões investigadas pela AC é a configuração linguística dessas unidades, ou seja, qual o nível linguístico responsável pela construção dos turnos. Essa preocupação é visível desde o estudo de Sacks, Schegloff e Jefferson de 1974, que institui a “sistemática elementar das trocas de turnos”. Estudos posteriores investigaram também a materialidade linguística que constitui os turnos e é responsável pelo sistema de transição.

Não procuramos aqui negar a materialidade linguística dos turnos e a sistematicidade das trocas de turnos. Pelo contrário, será a partir desses postulados que buscaremos em nossas análises comprovar a hipótese de que os afásicos, apesar dos déficits de linguagem, conservam e reorganizam uma competência de natureza textual-discursiva que permite que participem e conduzam ativamente da conversação, realizando a movimentação dinâmica e cooperativa dos turnos. Ao verificarmos essa hipótese, podemos também comprovar qual é a materialidade das UCT's nas interações do CCA.

O mesmo ocorre, em certa medida, no desenvolvimento da noção de tópico. Em um primeiro momento, nos trabalhos de Brown & Yule (1983) e Maynard (1980), fica mais evidente a preocupação de delimitar uma categoria analítica que fosse capaz de delimitar um conjunto de referentes mais salientes na materialidade linguística de textos orais ou escritos. Em outro momento, destaca-se sua função interacional de organização do discurso, sobretudo, nos textos orais. Em função da percepção dessa ideia de dicotomia presente na concepção da noção de turno e da noção de tópico, adotamos o enfoque textual-interativo, que conjuga tanto a função textual dessas duas noções quanto seu caráter interativo (cf. Jubran, 2006a).

A estruturação dos turnos mantém uma intrínseca relação com o desenvolvimento tópico da conversação. Há uma projeção de possibilidades que um elemento do turno antecedente desencadeia para o próximo turno. Essa relação de interdependência entre os turnos é sustentada pelo entrosamento entre os interlocutores que procuram articular suas falas e mantê-las coesas e coerentes em relação a um dado conjunto referencial, que é salientado num dado momento do evento comunicativo. Os fenômenos relacionados à manutenção, progressão, organização e estabelecimento do tópico são, para Marcuschi (1998: 14):

o fio condutor da organização discursiva, que constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns e para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura.

A topicalidade manifesta-se, portanto, como o grande fio condutor da atividade discursiva que organiza a aparente fragmentação da fala. As noções de turno e de tópico desempenham um papel fundamental na organização da conversação, o fenômeno prototípico do uso da linguagem. Em outras palavras, essas duas noções sustentam:

o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade de comunicação humana. Neste contexto, a língua é um dos tantos investimentos, mas não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento (Marcuschi, 1998: 07) – [ênfase adicionada].

Se, conforme assinala Marcuschi, a conversação é o *exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais*, as práticas conversacionais entre sujeitos afásicos e não afásicos podem constituir um *locus* privilegiado tanto para a análise da conversação e da sua natureza linguístico-discursiva, quanto também para a observação dos fenômenos sociocognitivos imbricados no entendimento das relações entre linguagem e cognição.

Sendo delimitado neste trabalho o domínio empírico exposto acima, abordaremos na próxima seção as categorias de turno conversacional e de tópico discursivo. Será por meio da compreensão destas categorias no interior dos estudos conversacionais que pretendemos dar forma e desenvolvimento à nossa pesquisa.

1.1 – Duas estruturas essenciais da conversação face a face: turno conversacional e tópico discursivo.

No interior do arcabouço teórico-metodológico da Análise da Conversação, o turno conversacional constitui objeto de inúmeros estudos sobre a organização sequencial das interações. Essa categoria adquire dimensões distintas em relação a dois importantes aspectos: *i)* a sua constituição como unidade sequencial, denominada na literatura como *unidades construcionais de turnos* (UCT); *ii)* o reconhecimento destas unidades construcionais do turno como os *lugares relevantes de transição de turno* (LRT)⁷.

Foi possível perceber que, na literatura da AC, a definição das UCT é objeto de sucessivas pesquisas que buscam compreender basicamente uma questão: como os falantes reconhecem prontamente, numa conversação, as formas de tomada e passagem de turnos? Para responder a essa questão, muitos estudos buscam apontar quais são os traços linguísticos que caracterizam as UCT, e, assim, fixar um parâmetro analítico para a explicação das trocas de turnos. O ponto de partida para a definição das UCT é o estudo clássico de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974)⁸ (doravante SSJ), no qual os autores

⁷ A definição mais completa acerca destes dois elementos será explorada posteriormente.

⁸ O trabalho citado refere-se ao clássico texto da AC: SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Nesta pesquisa, utilizamos a tradução do referido texto publicado em: VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz

apontam alguns traços sintáticos do inglês que são mais salientes para a concepção de uma sistemática de trocas de turno. Posteriormente, várias pesquisas corroboram e refutam as afirmações destes autores, como também agregam evidências pragmáticas pertinentes às trocas de turno.

A consequência mais direta da caracterização das UCT influi diretamente em outra unidade que opera a dinâmica dos turnos conversacionais: *os lugares relevantes de transição do turno* que, por sua vez, são uns dos elementos responsáveis pela organização sequencial e dinâmica das trocas de turno. Assim, torna-se pertinente a compreensão dessas unidades, para a análise das estratégias que os sujeitos afásicos lançam mão para operar dinamicamente as trocas de turno em situações conversacionais.

Julgamos importante no ponto em que estamos percorrer o caminho e os desdobramentos que a noção de turno apresenta na literatura da área, seja no que tange à sua definição *stricto sensu*, seja no que se refere às diferentes abordagens que buscam incorporar em seus procedimentos analíticos os aspectos cognitivos e pragmáticos envolvidos na conversação.

A justificativa para esse trajeto encontra-se fundamentada em dois fatores: *i)* a peculiaridade do *corpus* de análise da pesquisa, que demanda um olhar atento para as formas da manipulação interativa dos elementos linguísticos por parte dos sujeitos afásicos, e também para os aspectos pragmáticos e contextuais envolvidos diretamente nas situações conversacionais; *ii)* a opção por uma concepção de turno que possibilite conjugar na etapa de análise do *corpus* tanto as categorias linguísticas empiricamente operacionalizáveis, quanto os aspectos contextuais envolvidos nas práticas interativas.

Em função disso, realizaremos aqui uma breve explanação com o objetivo de elucidar a origem e a constituição do campo de estudos da AC, e também a concepção da “sistemática elementar para a organização da tomada de turnos” (SSJ, 1974). Em seguida, demonstraremos, por meio da revisão bibliográfica realizada, as diferentes acepções que as UCT adquirem desde a primeira conceituação feita por SSJ (1974), até às abordagens mais recentes de Schegloff (2007) a esse respeito. O objetivo desse levantamento é expor a relação que se estabelece entre as UCT e os LRT. Por fim, pretendemos, a partir

de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003. Os créditos desta tradução são dos Professores Drs. Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago e sua equipe.

da discussão permitida pela pesquisa bibliográfica acima, justificar determinadas decisões teóricas e metodológicas tomadas no âmbito desta tese.

1.1.1 – Os estudos pioneiros no âmbito da Análise da Conversação: Sacks, Schegloff e Jefferson

Os estudos da AC têm sua origem ancorada nas transformações bastante expressivas que o campo da Sociologia sofreu em meados das décadas de 50 e 60 no contexto acadêmico norte-americano. *Grosso modo* a questão central dos debates da Sociologia, neste contexto, era a definição de procedimentos metodológicos consistentes que fossem capazes de abarcar a compreensão das diversas e complexas relações sociais circunscritas em um domínio empírico abrangente: as sociedades urbanas. Resumidamente, o debate que se delineava na área dizia respeito às técnicas de pesquisa aplicadas até então. Neste campo, havia uma forte tradição metodológica baseada, frequentemente, em técnicas quantitativas, como a estatística, para descrever padrões generalizados nos comportamentos sociais. Vale a pena salientar que dessa tradição metodológica surge, em meados de 1960, a Sociolinguística, cuja consolidação é representada pelos estudos quantitativos de W. Labov (1966) (1972) para a explicação dos fenômenos de variação e mudança linguística.

Em contrapartida a essa tendência, em meados da década de 60 e 70 do século XX, surge no âmbito da Sociologia uma opção metodológica oposta, que tinha por base a pesquisa qualitativa aplicada a campos de pesquisa mais restritos. Assim, o resultado da inserção destes novos procedimentos metodológicos culminou numa importante mudança do entendimento dos fatos e das relações sociais. Se antes, para tal tarefa, era necessário recorrer às técnicas quantitativas e estatísticas, o surgimento da etnometodologia promoveu grandes mudanças no aparato metodológico da Sociologia.

Essa “guinada” teórico-metodológica da Sociologia resultou em consequências diretas no campo de estudos da linguagem. O resultado mais expressivo foi o surgimento da “etnografia da comunicação”, ligada aos estudos de D. Hymes e da Sociolinguística Interacional, representada pelos trabalhos de J. Gumperz e E. Goffman, que se propõem a analisar a relação entre sociedade e linguagem a partir dos fatos sociais cotidianos,

compreendendo a organização da comunicação na interação face a face. O trabalho desses autores introduziu no campo de estudos linguísticos uma metodologia qualitativa e interpretativa que leva em conta a relevância de recursos linguísticos e extralinguísticos que são mobilizados durante o evento comunicativo, o que Goffman (1964) denominou como a *situação negligenciada*, ou seja, os recursos extralinguísticos que foram muitas vezes omitidos pelas teorias linguísticas e que constituem e organizam o uso da linguagem (Mira, 2007).

A compreensão dos fatos e das relações sociais passa a ser realizada e descrita empiricamente a partir dos microambientes sociais, nas situações cotidianas em que se engajam os sujeitos, nos lugares em que as relações e fatos sociais são continuamente construídos. Nessa perspectiva, o objeto dos estudos sociais, e também da AC e de algumas áreas da Linguística, é a observação, a descrição e análise dos procedimentos cotidianos que os membros de uma sociedade se valem para construir e interpretar seu próprio mundo e agir nele. Kerbrat-Orecchioni (2006) sintetiza os princípios que fundamentam os estudos de caráter etnometodológico:

As normas que sustentam os comportamentos sociais preexistem parcialmente: ao mesmo tempo em que eles são permanentemente reatualizados e reengendrados pela prática cotidiana num movimento sem fim da construção interativa da ordem social. A vida em sociedade aparece então como uma “realização contínua”, como um trabalho permanente para construir sua identidade social, para tornar inteligível o conjunto desses comportamentos e para ser aceito como membro habilitado dessa sociedade. (...) As conversações aparecem, com efeito, como um lugar privilegiado de observação das organizações sociais em seu conjunto, nas quais elas são somente uma forma particular, e particularmente exemplar: nelas, observamos como os participantes recorrem às regras institucionalizadas para efetuar em conjunto a gestão de diferentes tarefas que eles têm que completar (assegurar a alternância, “corrigir” eventuais falhas da troca comunicativa, conduzir uma narrativa ou uma descrição, encaminhar de modo eficaz a negociação dos temas da abertura e encerramento da troca etc.) (op.cit., 2006: 21-22). – [ênfase da autora]

Assim, especificamente, as práticas conversacionais tornam-se um *locus de* análise duplamente privilegiado por permitir uma abordagem mais específica dos fenômenos sociais em sua origem, e por possibilitar uma análise empírica dos próprios elementos constitutivos e organizacionais da própria da conversação enquanto prática social e interativa.

O estudo pioneiro de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) sobre a sistemática elementar da troca de turnos representa de fato um marco inicial dos estudos da AC, por traçar um modelo de tomada de turnos ancorado na observação empírica dos aspectos sistemáticos recorrentes da conversação. Nesse estudo, fica evidente a definição dos princípios metodológicos norteadores para a consolidação de um aparato analítico consistente, que fosse capaz de explicar a organização sequencial administrada tacitamente pelos falantes numa atividade interativa. Nas palavras dos autores:

O sistema de tomada de turnos é em primeiro lugar para 'sequências da fala'. Há uma ordem de organização para tipos de sequências, em referência à qual a extensão da conversa para unidades deste tipo pode ser determinada. O sistema de trocas de turno em si é compatível com extensões variáveis e não pré-determina nenhuma extensão (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974/2003: 27).

A proposta que os autores lançam configurou-se, na realidade, nos princípios analítico-metodológicos que regem os estudos da AC. Tais princípios são: *i)* uma abordagem rigorosamente empírica, que evita a construção de pressupostos teóricos e de julgamentos intuitivos; *ii)* a busca de padrões recorrentes em um número expressivo de conversações em contextos naturais; *iii)* ênfase às consequências interacionais e inferências que os falantes realizam nas conversações; *iv)* a explicação das propriedades sistemáticas da organização sequencial da conversa e as maneiras como as enunciações são concebidas para gerar tais sequências (Levinson, 2007).

A partir destes princípios, SSJ (1974) concebem um modelo para a dinâmica das trocas de turnos que busca estabelecer uma sistemática elementar calcada em dois elementos: as unidades de construção de turno (UCT) e os lugares relevantes de transição do turno (LRT). Dessa forma, os autores tecem um conjunto básico de regras que governam a construção e a sistemática das trocas de turno:

(1) Para qualquer turno, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno:

(a) se o turno até aqui está construído de modo a envolver o uso de uma técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então a parte assim selecionada tem o direito e é obrigada a tomar o turno seguinte para falar; nenhuma outra parte possui tais direitos ou obrigações, e a transferência ocorre naquele lugar;

(b) se o turno até aqui está construído de modo a não envolver o uso da técnica de 'falante corrente seleciona o próximo'; então, a auto-seleção para a próxima vez de falar pode ser instituída, mas não necessariamente; quem inicia adquire o direito ao turno, e a transferência ocorre naquele lugar;

(c) se o turno até então é construído de forma a não envolver o uso da técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então o falante corrente pode ou não continuar, a menos que outro se auto-selecione;

(2) Se, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno, nem 1a e nem 1b operaram e, seguindo a previsão, 1c, o falante corrente continuou, então o conjunto de regras reaplica-se no próximo lugar relevante para a transição e recursivamente a seguir em cada lugar relevante para a transição, até a transferência ser efetivada. (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974/2003:16-17).

O sistema, conforme proposto por SSJ, fundamenta-se num conjunto de regras que visa sistematizar as sequências de trocas de fala, ou seja, uma tentativa explícita de estabelecer as propriedades de um sistema que opere numa suposta regularidade da alternância de turnos que é administrado localmente pelos falantes. Todas as possibilidades de troca de turno, descritas no modelo acima, estão baseadas fundamentalmente em unidades mínimas. Para que o sistema consiga organizar a alternância de turnos, são necessárias as unidades mínimas sobre as quais operar, sendo necessário que tais unidades constituam simultaneamente o parâmetro mínimo de operacionalização do sistema como um todo, e uma unidade a partir das quais os turnos da conversa são construídos (Levinson, 2007).

1.1.2 – As unidades de construção de turno e os lugares relevantes de transição do turno

A primeira tentativa de definição das UCT ocorre em 1974 no trabalho de Sacks, Schegloff e Jefferson sobre a sistemática de alternância de turnos. Embora esse estudo apresente e exemplifique as bases fundamentais para o entendimento das formas de trocas de turno, a definição das UCT carece de especificidade. Nesse clássico texto da AC, a definição é realizada a partir de traços linguísticos pouco definidos do inglês. Nas palavras dos autores:

Há vários tipos de unidades com as quais um falante pode começar a construir um turno. Os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais. As ocorrências de tipos de

unidades assim utilizadas permitem uma projeção do tipo de unidade em andamento, e, *grosso modo*, o quanto faltará para que uma ocorrência daquele tipo seja completada (SSJ, 1974/2003:16).

A definição das UCT proposta por SSJ não especifica claramente quais são os níveis linguísticos envolvidos no funcionamento do sistema de trocas de turnos. O critério mais claro que os autores mencionam é o *principio de projetabilidade*. Dessa forma, as UCT são caracterizadas empiricamente por alguns aspectos sintáticos e lexicais, no entanto, é a possibilidade de projeção apresentada por tais aspectos que determina as finalizações e as passagens de turnos, tal como é proposto para a operação do sistema de trocas.

Embora SSJ, nesse texto, não busquem estabelecer detalhadamente as unidades que constituem o turno, mas sim demonstrar que as trocas de turnos são passíveis de sistematização, estudos posteriores procuram esclarecer quais são os níveis linguísticos mais salientes que possibilitam mensurar fatores intrínsecos da construção de turnos, tal como a extensão e as finalizações. Nessa perspectiva, Levinson (2007) oferece-nos uma definição mais clara dos traços linguísticos que determinam uma UCT que é atrelada a uma hierarquia entre os elementos sintáticos mais salientes e os elementos prosódicos e entonacionais. É interessante notar que, para esse autor, a primazia dos traços sintáticos é relativizada pelo que ele denomina de *flexibilidade da sintaxe da língua natural*, que confere aos falantes a possibilidade do reconhecimento da extensão e da configuração de uma UCT. Segundo o autor:

Essas unidades, neste modelo, são determinadas por vários traços da estrutura linguística superficial: são unidades sintáticas (sentenças, orações, sintagmas nominais, etc) identificadas como unidades de turno, em parte por meios prosódicos, e, especificamente, por meios entonacionais. Inicialmente, será atribuída ao falante apenas uma destas *unidades construcionais de turno* (embora a extensão da unidade esteja, em grande parte, sob o controle do falante, devido à flexibilidade da sintaxe da língua natural (Levinson, 2007: 377) – [ênfase do autor].

As afirmações de Levinson são corroboradas por alguns estudos que partem do pressuposto de que as UCT são as unidades linguísticas mínimas relevantes constituídas a partir de recursos sintáticos e prosódicos. Os trabalhos de Selting representam essa concepção ao exemplificarem com dados conversacionais do alemão e do inglês os níveis linguísticos mais salientes para a troca de turnos. Segundo a autora, as unidades são potencialmente constituídas e completadas em alguns pontos sintáticos, entretanto, a

sintaxe isoladamente não é capaz determinar a construção dos turnos. Os dados de suas pesquisas demonstram que há uma interface entre elementos sintáticos e prosódicos, ou seja, existiria uma predominância sintática para a construção dos turnos, porém, contextualizada prosodicamente. Segundo a autora:

Meu argumento é que possíveis pontos de realização de estruturas sintáticas constituem a realização potencial de UCTs (Unidades Construcionais de Turno) e / ou turnos possíveis; mas é a contextualização prosódica que sinaliza se os possíveis pontos de realização de tais estruturas – embora eles sejam lugares de respostas dos participantes, tais como símbolos de receptividade e avanços – são projetados para serem verdadeiros LRTs (Lugares Relevantes de Transição de Turno). Se o falante faz uso de meios prosódicos contínuos para contextualizar a continuação da unidade-sob-produção para outra expansão condicional ou frasal, então essa expansão é na verdade mostrada como uma expansão da mesma unidade além de seu ponto de realização sintática possível anterior. Se, entretanto, a prosódia é usada para constituir um intervalo prosódico entre uma possível construção sintaticamente completa e sua expansão gramaticalmente coesiva, então essa expansão gramaticalmente coesiva é compilada e contextualizada como uma nova unidade; e se um turno possivelmente completo, essa expansão também é um novo LRT (Selting, 2000: 494).⁹

Os argumentos sobre a existência de uma interface entre a sintaxe e a prosódia na construção de turnos ganham cada vez maior evidência nos estudos da AC. Muitos estudos da área buscam delimitar detalhadamente as UCT a fim de agregar ao sistema de trocas turnos, proposto por SSJ (1974), uma compreensão mais apurada da organização interativa da conversação, sobretudo, a respeito dos níveis linguísticos manipulados pelos falantes que os permitem reconhecer a extensão e os lugares mais relevantes de tomada e sobreposição dos turnos. Principalmente na década de 1990, a hipótese de que a sintaxe isoladamente não consegue abarcar as estratégias das trocas de turno torna-se mais pertinente. Vinte e dois anos após a publicação de *A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation* (1974), Schegloff retoma a discussão sobre a definição das UCT especificando o termo “gramática” como uma

⁹ My argument is that possible completion points of syntactic structures constitute potential completion of TCUs and/ or possible turns; but it is the prosodic contextualization that signal whether possible completion points of such structures – though they are loci of participant responses, such as reciprocity tokens and early starts – are designed to be actual TRP⁹s. If the speaker deploys continuing prosodic devices in order to contextualize continuation of the unit-under-production for another clausal or phrasal expansion, then this expansion is indeed displayed as an expansion of the same unit beyond its prior possible syntactic completion point. If, however, prosody is used in order to constitute a prosodic break between a possible syntactically complete construction and its grammatically cohesive expansion, then this grammatically cohesive expansion is packaged and contextualized as new unit; and if a possibly complete turn, this expansion is also a new TRP (Selting, 2000: 494).

unidade de organização linguística exequível para a Análise da Conversação. Em suas palavras:

Os componentes dos quais os turnos da conversa são compostos que nós temos no passado (SSJ, 1974: 702-4) denominado “unidades construcionais de turno”. Por “unidades construcionais de turno”, como podem ser lembradas, nós pretendíamos registrar que essas unidades podem constituir turnos possivelmente completos; em sua possível realização, a transição para um próximo falante torna-se relevante (embora não necessariamente concluída). Então, talvez nós possamos começar pensando na gramática como a – ou uma – organização básica para a unidade construcional de turno. Certamente, a gramática não é a única forma de organizar os materiais de linguagem. A Poética – com métricas, rimas, som, padronização, tropos, etc., para unidades tais como suas linhas, estrofes, versos, etc – é outra forma de colocar os elementos linguísticos juntos – pela poesia. E a Lógica é outra – com suas proposições, argumentos, operações, etc. – para análises, demonstrações e provas. Mas a (ou principal) unidade chave de organização da linguagem para a interação da fala é a unidade construcional de turno; seu habitat natural no turno-da-fala; sua organização que chamamos de “gramática”. E começamos com a premissa de que a gramática como um meio de organização é previsivelmente formada pela referência ao habitat, “o turno” (Schegloff, 1996: 55). – [ênfase do autor]¹⁰

A ênfase na argumentação de Schegloff modaliza o determinismo presente na definição das UCT ao mencionar que unidades podem constituir as finalizações de turnos, tornando ou não relevantes as transições de turno, pois as trocas de turnos não recaem somente sobre a configuração linguística das UCT, mas sim no princípio de projetabilidade, isto é, a possibilidade de projeção dos turnos (SSJ, 1974). Para sustentar tal posição, o autor introduz o termo “gramática” como um dispositivo que organiza a construção dos turnos. Ainda no mesmo texto de 1996, Schegloff explicita sua concepção de gramática, atribuindo ao termo uma ideia de flexibilidade e adaptação aos propósitos interativos da conversação, algo semelhante ao que Levinson (2007) menciona a respeito da “flexibilidade da sintaxe da língua natural”. Ao insistir na noção de gramática articulada

¹⁰ The components of which turns-at-talk are composed we have in the past (SSJ, 1974: 702-4) termed “turn-constructional units”. By “turn-constructional units” it may be recalled, we meant to register that these units *can* constitute a possibly complete turns; on their possible completion, transition to a next speaker becomes *relevant* (although not necessarily accomplished). So perhaps we can begin by thinking of grammar as the – or one – basic organization for the turn constructional unit. Of course, grammar is not the only way of organizing the materials of language. Poetics – with metrics, rhyming, sound patterning, tropes, etc., for units such as its lines, stanzas, verses, etc- is another way of putting linguistic elements together – for poetry. And logic is another – with it propositions, arguments, operations, etc. – for analyses, demonstrations and proofs. But the (or one) key unit of language organization for talk-interaction is the turn constructional unit; its natural habitat in the turn-at-talk; its organization we are calling “grammar.” And we are beginning with the premise that grammar as an organizing device is expectably formed up by the reference to the habitat, “the turn” (Schegloff, 1996: 55).

à organização da conversa, Schegloff diminui a predominância da sintaxe como um nível linguístico estático na construção dos turnos:

Considerando que a gramática que tentamos entender permanece nas conversas realmente articuladas à interação (ao invés de protótipos de sentenças construídas), como acontece no habitat de um turno de conversa, em uma série de turnos pelos quais uma sequência pode se desenvolver incluindo um curso de ação, sua realização em tempo real estruturado para ambos falante e receptor(es) é inevitável. Se “sentenças”, “orações”, e “frases” forem entrelaçadas no final, elas serão diferentes em ênfase, e talvez em tipo, dos objetos sintáticos estáticos de muita teorização linguística. A perspectiva central, é, então, que a gramática corresponde a um relacionamento reflexivo e à organização de um ímpeto de fala como o turno. Por outro lado, as contingências organizacionais de fala em um turno (um turno em uma série de turnos, com sequência potencial; SSJ, 1974: 722) forma gramatical – a gramática como uma organização, formal e abstrata da gramática na organização formal de uma expressão particular. Por outro lado, a realização gramatical progressiva de um fluxo de fala em uma ocasião particular pode dar forma às exigências do turno, como uma unidade de participação interacional de uma língua, pode contribuir para a organização dos turnos de fala nessa língua e nos padrões de troca de turno pelos quais eles são implantados (Schegloff: 1996: 56).¹¹

As pesquisas de Selting propõem a ideia, bastante interessante, de flexibilidade dos níveis linguísticos. Em um trabalho de 1996, suas análises apontam que as expansões e os contornos dos turnos constituem-se a partir de propriedades flexíveis orientadas interacional e cognitivamente na conversação. Nas conclusões desse mesmo trabalho, a autora defende o argumento de que existe uma contextualização prosódica de pontos sintáticos na construção dos turnos; porém, a pesquisadora rejeita a ideia de hierarquia entre estes dois níveis linguísticos. Segundo Selting:

Ao analisar o papel dos esquemas linguísticos para a organização e projeção das unidades construcionais de turnos e seus finais, tanto sintaxe como prosódia devem ser estudadas em sua interação. Os participantes usam e

¹¹ When the grammar we attempt to understand inhabits actually articulated talk in interaction (rather than constructed prototype sentences), as it does in the habitat of a turn-at-talk in a series of turns through which a sequence may develop embodying a course of action, its realization in structured real time for both speaker and recipient(s) is inescapable. If “sentences”, “clauses”, and “phrases” should turn out to be implicated, they will be different in emphasis, and perhaps in kind, from the static syntactic objects of much linguistic theorizing. The central prospect, then, is that grammar stands in a reflexive relationship to the organization of a spate of talk as a turn. On the one hand, the organizational contingencies of talking in a turn (a turn in a *series* of turns, with sequence potential; SSJ, 1974: 722) shape grammar – both grammar as an abstract, formal organization and the grammar of a particular utterance. On the other hand, the progressive grammatical realization of a spate of talk on a particular occasion can shape the exigencies of the turn as a unit of interactional participation of a language may contribute to the organization of turns-at-talk in that language and of the turn-taking device by which they are deployed (Schegloff: 1996: 56).

orientam-se na sintaxe como a projeção mais extensa, mas as unidades sintáticas são localmente contextualizadas pela prosódia. Tanto as unidades sintáticas como as unidades de prosódia devem ser julgadas como esquemas flexíveis que os participantes adaptam às exigências da situação. Na projeção das unidades construcionais de turno, ambos desempenham seus papéis individual e complementar. Ainda assim, ao falar sobre a capacidade do projeto mais global de sintaxe e a capacidade mais local de contextualização de prosódia, isso não significa que os dois recursos podem ser classificados em hierarquia de tal forma que a sintaxe tenha o papel mais importante ou 'venha primeiro', e a prosódia tenha um papel menos importante ou 'venha segundo'. Se for verdade que a compilação prosódica do material sintático é, como eu tentei mostrar, interacionalmente significativa e relevante, então a prosódia tem poder diferenciado e pode, em alguns casos, ser o sinal decisivo (Selting, 1996: 384).¹²

O objetivo de muitos estudiosos no âmbito da AC concentrou-se na tarefa de oferecer subsídios teóricos e analíticos à organização dos turnos a partir do sistema de trocas proposto por SSJ (1974). Uma observação detalhada da bibliografia sobre a noção de turno nesse campo revela, entre outras coisas, uma forte tendência descritivista e atenção à definição de traços linguísticos que constituem os turnos. Partindo da premissa segundo a qual “os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais” (SSJ, 1974/2003:16), uma quantidade considerável de trabalhos produzidos na década de 1990 busca corroborar a hipótese de que a sintaxe seguida do léxico prevaleceria na construção dos turnos. Em outras palavras, a insistência na determinação dos níveis linguísticos que, de certa forma, “comandam” os processos de constituição e trocas de turnos, revela uma forte orientação dos estudos da AC: a de tentar sistematizar ou até mesmo de gramaticalizar recursos da linguagem ordinária. Talvez seja esta a razão que leva Schegloff (1996) a mencionar o termo gramática como “a chave” da organização dos “materiais linguísticos” envolvidos nas unidades de construção do turno. Apesar do autor também mencionar que a gramática é

¹² In analysing the role of linguistic schemata for the organization and projection of turn-constructional units and their ends, both syntax and prosody have to be studied in their interplay. Participants use and orient to syntax as the more far-reaching projection, but syntactic units are locally contextualized by prosody. Both syntax as well as prosody units must be conceived of as flexible schemata that participants adapt to the exigencies of situation. In the projection of turn-constructional units, both plays their own individual and complementary roles. Yet, when talking about more global project power of syntax and a more local contextualizing power of prosody, this does *not* mean that two resources can be ranked in hierarchy in such way that syntax plays the more important role or 'come first', and prosody play a less important role or 'comes second'. If its true that the different prosodic packaging of syntactic material, is, as I have tried to show, interactionally meaningful and relevant, then prosody has differentiating power and it many in some case be the decisive cue (Selting, 1996: 384).

flexível aos propósitos interativos da conversação, fica evidente a ideia de atribuir aos fatores linguísticos e, por sua vez, empíricos, o poder de explicação sobre a constituição, a expansão e as trocas de turnos.

No entanto, diante desta forte tendência, alguns estudos no interior da AC procuram refutar a hipótese de uma suposta predominância sintática na construção de turnos. Os trabalhos de Selting, apontados acima, representam este processo ao alegar que os pontos sintáticos de construção de turnos possuem contornos prosódicos. Esse argumento é intensificado por Ford, Fox & Thompson (1996), que afirmam que não estão convencidas a respeito da hipótese da predominância sintática, e defendem a ideia de que os outros fatores estão envolvidos nos processos de projeção e finalizações de turno. Segundo as autoras:

Ao olhar para os turnos em nosso banco de dados, nós não conseguimos nos convencer de que a sintaxe estava desempenhando um papel mais central que uma variação de outros sistemas inter-relacionados em trajetórias de projeção de turnos e possíveis pontos de realização. Essa variação de fator incluiu grupos de interpretações pragmáticas, prosódicas e gestuais. Assim, nós achamos problemático descrever pontos de possíveis realizações sem considerar a localização contextual e a importância interacional de uma expressão (nós usamos o termo “pragmático” para cobrir essas facetas da fala) (Ford, Fox & Thompson, 1996: 429).¹³

De acordo com as autoras, os fatores envolvidos nas trajetórias de turnos incluem uma “constelação” de pistas pragmáticas, prosódicas e gestuais. As análises demonstram que os pontos possíveis de finalizações de turno estão centrados na sequencialidade e no significado do evento interativo, o que minimiza o papel de alguns níveis linguísticos na construção dos turnos. Dessa forma, a inserção do termo “pragmática” para designar outros mecanismos que estão fora de aparato organizacional da sintaxe e até mesmo da gramática, como Schegloff menciona, abre a possibilidade de questionar o que realmente determina as trocas de turnos numa conversação.

¹³ In looking at turns at our database, we were not able to convince ourselves that syntax was playing a more central role than a range of other interrelated systems in projecting turn trajectories and possible completion points. This range of factor included constellations of pragmatic, prosodic and gestural cues. Thus, we found it problematic to describe points of possible completion without considering the sequential location and the interactional import of an utterance (we use the term “pragmatic” to cover these facets of talk) (Ford, Fox & Thompson, 1996: 429).

As reflexões de Ford, Fox & Thompson reabrem um debate em torno do sistema de troca proposto inicialmente por SSJ (1974), o que impulsiona um questionamento interessante para ajudar a esclarecer não só as formas de organização dos turnos, mas, sobretudo, a repensar uma noção de turno que possibilite abarcar analiticamente algumas questões que fundamentam nosso estudo. Na argumentação das autoras:

Voltando para Sacks et al. (1974) nós podemos ver que a tensão que pensávamos existir, isto é, a tensão entre a noção de unidade e a noção de prática. O modelo de Sacks et al. (1974) emprega a noção de unidade para calcular para projeção, um conceito que destina-se a capturar os fatos que participantes podem e fazem para orientar-se para expressões quando possuem trajetórias identificáveis, isto é, inícios, meios, e fim. E unidades que são consideradas para produzir tais trajetórias, pelo menos no modelo original de 1974, são interpretáveis (e de fato foram interpretadas) como um registro de estruturas. Enquanto nós obviamente aceitamos a existência de projeção, nossas pesquisas nos levaram a considerar a possibilidade de que as expressões podem ter trajetórias sem ser construídas por unidades visíveis. Portanto, ao invés de pesquisar e tentar definir UCTs, nós percebemos que nossa tarefa era perguntar e começar a responder às seguintes questões: Quais são as práticas de acordo com quais participantes constroem sua co-participação? Em que os participantes estão se orientando para ordenar, localizar, situar, e interpretar suas próprias contribuições e contribuições dos outros? Quais são os pontos de projetos de realização? Como tais pontos são tratados pelos falantes e receptores quando eles chegam? E como as contribuições subsequentes por um mesmo falante são construídas para serem compreendidas em relação a contribuições anteriores? (Ford, Fox & Thompson, 1996: 430-31)¹⁴.

Conforme ponderam as autoras, o modelo de SSJ enfoca fundamentalmente a noção de unidade para explicar as formas com que os falantes organizam as tomadas de turno. Na realidade, o modelo de SSJ (1974) tem sido interpretado como um inventário de estruturas, o que ocasiona insistentes tentativas de operar as unidades mínimas desse inventário a fim de explicar o funcionamento dos turnos. Assim, fica evidente uma tensão

¹⁴ Going back to Sacks et al. (1974) we could see that the tension we were finding was there as well, a tension between the notion of unit and the notion of practice. The Sacks et al. (1974) model employs the notion of unit in order to account for projection, a concept which is meant to capture the fact that participants can do to orient to utterances as having identifiable trajectories, that is, beginnings, middles and end. And units which are considered to produce such trajectories, at least in the original in the original 1974 model, are interpretable (and indeed have been interpreted) as an inventory of structures. While we obviously accept the existence of projection, our inquiries have led us to consider the possibility that utterances can have trajectories without being constructed out of clear units. Therefore, instead of searching and attempting to define TCUs we have come to see our task as asking and beginning to answer the following questions: What are the practices according to which participants construct their co-participation? What are participants orienting to order to locate, situate, and interpret their own and each other's contributions? What are the project points of completion? How are such points treated by speakers and recipients as they arrive? And how are subsequent contributions by a same speaker built to be understood relative to prior contributions? (Ford, Fox & Thompson, 1996: 430-31).

entre o funcionamento do sistema de tomada de turno, calcado em unidades mínimas e a dinamicidade dos fatores contextuais intrínsecos ao evento interativo. O ponto mais visível dessa tensão é a insistência em capturar as unidades de construção de turno e a exclusão de fatores que fogem à sistematicidade dos níveis linguísticos, ou seja, o que as autoras rotulam sob o termo pragmática: fatores imbuídos na ação interativa.

O deslocamento da concepção de um sistema de troca de turnos fundamentado em unidades linguísticas mensuráveis para uma noção de prática interativa implica em novos questionamentos. A série de indagações suscitada Ford, Fox & Thompson (1996) pode ser resumida em uma única questão: ao invés de apostar na regularidade de um sistema de troca de turnos, por que não enfocar as práticas interativas em que os falantes conjuntamente se situam e interpretam as suas participações? Se esta questão fundamentar o arcabouço analítico da AC, a necessidade da descrição e instrumentalização *stricto sensu* das UCT perdem o sentido, ou, pelo menos, tornam-se muito restritivas.

Nesse sentido, é importante destacar, antes de qualquer tentativa taxonômica, a capacidade de que os falantes dispõem para reconhecer prontamente os traços linguísticos, sejam eles traços sintáticos, prosódicos, lexicais ou semânticos situados no aparato conversacional. Tal capacidade é o fator que permite aos falantes construir e organizar turnos. Em uma conversação, a construção do turno não é definida apenas a partir de um único nível hierarquizado de traços linguísticos, conforme é afirmado nos trabalhos dos autores mencionados acima, mas sim por meio de uma complexa combinação de diversos traços linguísticos e pragmáticos que se conjugam numa situação interativa. A respeito da convergência de fatores linguísticos e pragmáticos para a organização dos turnos, Ford, Fox & Thompson chegam a esta mesma conclusão:

Além disso, nós descobrimos numerosos casos nos quais, ao invés de casos visíveis em que sintaxe, prosódia, gesticulação, e ação previsivelmente convergem para formar unidades inequívocas, até mesmo emergentes, uma variedade de combinação é produzida, unidades que estão abertas para manipulação de vários tipos enquanto estão sendo construídas. (...) Pensar em termos de 'unidades' aparentemente nos permitiu o equívoco na construção de um cálculo do que as pessoas estão fazendo em interação, já que essas várias práticas que nós consideramos, sintática, pragmática, prosódica, gestual, podem ser utilizadas em uma grande variedade de formas para moldar ações conversacionais como aproximação, ou não aproximação, realização, e assim mostrar a compreensão dos participantes se é ou não a

vez de alguém mais falar. (...) Nós também esperamos ter oferecido um corretivo necessário para generalizações inquestionáveis sobre a natureza fundamentalmente sintática da construção do turno, generalizações que parecem ter ficado arraigadas na Análise de Conversação e literatura lingüística interacional desde a aparência de Sacks et al. in 1974. Sugerimos que os pesquisadores interessados nos turnos e trocas de turno devem abordar a análise de turnos tendo em mente o complexo conjunto de práticas através dos quais as contribuições são moldadas e revisadas dentro das contingências de interação-da-fala (Ford, Fox & Thompson, 1996: 449-50).¹⁵

Nas palavras de Ford, Fox & Thompson, o questionamento das generalizações a respeito da natureza sintática da constituição dos turnos largamente difundida na literatura da AC implica uma significativa mudança na agenda de estudos na área. A rigidez da sistemática elementar da organização dos turnos e a descrição exaustiva das unidades que operam tal sistema cedem espaço a princípios analítico-metodológicos que visam teorizar sobre a habilidade interativo-cognitiva dos falantes em situações conversacionais. Nesse sentido, os argumentos de Marcuschi (1998) assinalam esta mudança de foco na AC:

É sugestivo, portanto, conceber a conversação como algo mais do que um simples fenômeno do uso da linguagem em que se ativa o código. Ela é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade de comunicação humana. Neste contexto, a língua é um dos tantos investimentos, mas não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento (*op.cit.*, pp. 92).

A admissão da influência de fatores pragmáticos, intrínsecos à conversação, origina análises centradas nas ações interativas desempenhadas conjuntamente pelos

¹⁵ Furthermore, we find numerous cases in which, instead of clear cases in which syntax, prosody, gesture, and action predictably converge to form unequivocal units, even emergent ones, an array of combination are produced, which are open to manipulation of various sorts as they are being built. (...) Thinking in terms of 'units' seemed to allow us to miss building an account of what people are doing in interaction, since these various practices that we have considered, syntactic, pragmatic, prosodic, gestural, can be drawn upon in a wide variety of ways to frame a conversational actions as nearing, or not nearing, completion, and thus displaying participants understanding of whether or not it is someone else's turn to talk. (...) We also hope to have offered a necessary corrective to unquestioning generalizations about the fundamentally syntactic nature of turn building, generalizations that seem to have become entrenched in the CA and interactional linguistic literature since the appearance of Sacks et al. in 1974. We would suggest that researchers interested in turn and turn-taking must approach the analysis of turns with an informed respect for the complex array of practices through which contributions are shaped and revised within the contingencies of talk-interaction (Ford, Fox & Thompson, 1996: 449-50).

falantes. Em um texto recente, Schegloff reconhece que uma das características das UCT está centrada no contexto onde ocorre a interação, porém, ainda permanece em suas nos seus trabalhos uma ideia de hierarquização de recursos que dão formas às UCT:

Os blocos de construções dos quais os turnos são formados são chamados de unidades construcionais de turno, ou UCTs. A gramática é o recurso organizacional chave na construção e reconhecimento das UCTs: para Inglês e muitas outras línguas (sabido até agora sem exceção), as formas básicas que as UCTs usam são sentenças ou orações, mais geralmente, frases e itens lexicais. Um segundo recurso organizacional de formação das UCTs baseia-se na compreensão fonética da fala, mais familiarmente, na “compilação” das entonações. Uma terceira – e criteriosa – característica da UCT é que ela constitui uma ação reconhecível no contexto; isto é, naquela conjuntura daquele episódio de interação, daqueles participantes em uma determinada esterotipia, etc. Um falante que inicia uma conversa no turno tem o direito e obrigação de produzir uma UCT, que pode realizar uma ou mais ações (Schegloff, 2007:04).¹⁶

Embora diversos fatores estejam abrigados sob o rótulo de “fatores pragmáticos” ou de “dados contextuais”, é possível esclarecer a influência desses fatores extralinguísticos nas dinâmicas dos turnos. Muitos trabalhos na AC focam essencialmente as UCT como os fatores predominantes para a construção e extensão dos turnos para explicar as passagens de turnos. Em outras palavras, o interesse destas pesquisas fica centrado na construção dos turnos e não em seus movimentos de tomada e passagem. Dessa forma, os Lugares Relevantes de Transição do turno (LRT) ficam associados à extensão de uma UCT, ou seja, onde é sinalizado o final de turno. Portanto, as transições de turnos ficam condicionadas a fatores sintáticos, lexicais ou prosodicamente “embalados”. Ao final de cada UCT, pode ocorrer um lugar mais relevante de transição do turno. A transição de turnos fica “bloqueada” até a finalização de uma unidade de turno. Conforme afirma Levinson (2007), seja qual for a forma final das UCT, o que deve ser levado em conta para a transição dos turnos é a projetabilidade ou a previsibilidade do fim de cada unidade.

¹⁶ The building blocks out which turns are fashioned we call turn constructional units, or TCUs. Grammar is key organizational resource in building and recognizing TCUs: for English and many other languages (so far we know of no exceptions), the basic shapes that TCUs take are sentences or clauses more generally, phrases and lexical items. A second organizational resource shaping TCUS is grounded in the phonetic realization of the of the talk, most familiarly, in intonational “packing”. A third – and criterial – feature of a TCU is that it constitutes a recognizable action in context; that is, at that juncture of that episode of interaction, which those participants in that plate, etc. A speaker beginning to talk in turn has the right and obligation to produce one TCU, which may realize one or more actions (Schegloff, 2007:04).

Existem dois problemas em relação a esta definição de LRT: *i)* as transições de turnos ficam equiparadas a um princípio de simetria, só ocorre a transição onde é finalizada uma unidade de construção do turno; neste modelo ficam omitidas as ocorrências de transição de turno por sobreposição e os assaltos aos turnos (Galembeck, 1997); *ii)* os níveis linguísticos das UCT não dão conta de abarcarem sozinhos a projetabilidade ou a previsibilidade de transição dos turnos. A capacidade dos falantes para reconhecer onde é mais apropriado tomar, passar, sobrepor ou reter o turno não está somente relacionada aos níveis linguísticos. É em função dessa constatação que os fatores relacionados ao contexto interativo tornam-se relevantes, isto é, são fatores próprios da atividade interativa que organizam parcialmente os turnos.

Os estudos de Mondada (2006) inserem a questão da organização dos turnos sob esta perspectiva, demonstrando que atividade de inserção, abertura e fechamento dos turnos é atrelada fundamentalmente à dinâmica da interação e é acompanhada não só dos aspectos verbais que formalmente acompanham o desenvolvimento dos turnos. A autora inclui em sua análise as semioses-ocorrentes não verbais que estruturam a interação, realizando uma abordagem multimodal de seus dados para demonstrar a simultaneidade de fatores num evento interativo em sua dinamicidade contextual.

Um exemplo de pesquisa conduzida no arcabouço metodológico da AC que demonstra que aspectos extralinguísticos influem nas trocas de turno é o trabalho de Ferguson (1998). Trabalhando com um *corpus* de interações entre dois sujeitos afásicos e três não afásicos, um *corpus* muito semelhante ao deste trabalho, o autor procura confirmar a hipótese segundo a qual a manipulação dos turnos por sujeitos afásicos em situações conversacionais estava aparentemente preservada. A partir das regras estabelecidas no modelo de SSJ (1974), Ferguson analisa dados conversacionais que ora envolvem um afásico e um sujeito não afásico que não faz parte do convívio social do afásico, ora na situação contrária, na qual um sujeito afásico interage com outro sujeito não afásico mais próximo. Por meio da quantificação das ocorrências de tomada e sobreposição, Ferguson produziu gráficos em que demonstra que os afásicos manipulavam de forma muito satisfatória algumas regras do modelo de SSJ, tais como: a seleção do próximo falante, a retenção e a projetabilidade de turnos. Nas conclusões desse estudo, o autor afirma que:

Aparentemente não houve um padrão de diferença ou reparo em troca de turno dependendo da familiaridade pessoal ou experiência na interação com indivíduos afásicos. Viu-se que o estilo de entrevista de conversa adotado por todos os três falantes normais foi o principal determinante da atribuição da troca de turno, ao invés da familiaridade (Ferguson, 1998: 1025).¹⁷

Apesar de haver nesse trabalho alguns princípios teórico-metodológicos distintos dos que sustentam a presente pesquisa, as conclusões de Ferguson revelam que o padrão das trocas de turnos, considerando o recorte metodológico adotado, não está atrelado a fatores sintáticos e lexicais determinantes das UCT. A conclusão do autor aponta para o estilo de condução das conversas por parte dos sujeitos não afásicos, ou seja, para fatores pragmáticos.

Outro exemplo interessante das pesquisas no campo da AC é o trabalho de Ford & Thompson (1996). As autoras demonstram que a configuração da UCT é complexa, pois, conjuga simultaneamente aspectos entonacionais, sintáticos e pistas pragmáticas. É por meio dessa complexidade que os falantes organizam e administram os turnos. Segundo as autoras, é possível separar tais aspectos nas análises de dados; entretanto, isto não significa que eles operem de forma independente. Pelo contrário, é a combinação desses aspectos que permite perceber as formas complexas da organização e da dinamicidade dos turnos.

Considerando a projetabilidade dos turnos, as autoras analisam os aspectos determinantes de transição do turno. Se a constituição das UCT é permeada pela presença de fatores sintáticos, prosódicos e pragmáticos, como ocorre a inter-relação desses fatores para a transição de turno? Para responder tal questão, Ford & Thompson (1996) estabelecem critérios quantitativos para identificar a incidência de fatores sintáticos, entonacionais e pragmáticos envolvidos na mudança de falante, ou seja, nas transições de turnos.

Os dados do trabalho das autoras são extraídos da gravação de dois episódios conversacionais envolvendo falantes do inglês americano. As autoras não detalham a composição do *corpus*, apenas mencionam que os falantes são amigos e que um deles

¹⁷ The appeared to be no pattern of difference in turn-taking or repair depending on the personal familiarity or experience in interacting with aphasic individuals. It appeared that interview style of conversation adopted by all three normal speakers was main determinant of turn-taking allocation, rather than familiarity (Ferguson, 1998: 1025).

está presente em ambos episódios conversacionais. Com o propósito de esclarecer a natureza das finalizações dos turnos e assim observar os padrões mais recorrentes de transição de turno, as autoras identificam três variáveis (sintática, prosódica e pragmática) envolvidas nos pontos de transição de turno. A quantificação dos pontos de finalização dos turnos demonstrou que a maior incidência (71%) de transição de falantes ocorre justamente nos pontos para onde convergem as três variáveis. Em função dessa constatação, as autoras argumentam que a transição dos turnos não ocorre somente em pontos sintáticos, prosódicos ou pragmáticos, mas, também, conforme demonstram estatisticamente, nos pontos de convergência dos três níveis, ao qual elas denominam *lugares complexos relevantes de transição dos turnos* (LCRT):

Em outras palavras, os dados mostram que a entonação e os pontos de realização pragmática selecionados dos pontos de realização sintática para formar o que chamamos de “Lugares Complexos Relevantes de Transição dos Turnos” (LCRTs). (...) O que os ouvintes parecem fazer, ao projetar os finais das expressões dos outros é prestar atenção na sintaxe, entonação e conteúdo pragmático de tais expressões, isto é, na ação que o outro está fazendo no contexto interacional (Ford & Thompson, 1996: 156-57).¹⁸

Em contrapartida, na análise qualitativa desses mesmos dados, Ford & Thompson atribuem aos contornos prosódicos a função de finalização dos turnos, tanto no nível prosódico, quanto no nível pragmático. Conforme argumentam, os contornos entonacionais, em alguns casos, podem ou não indicar o final de uma ação no nível pragmático. Em termos práticos, as análises qualitativas dos dados apontam para um favorecimento do nível prosódico como o nível mais proeminente para a troca de turno entre os falantes, o que implica na subordinação do nível pragmático aos contornos entonacionais de final de turnos. Segundo as autoras, essas ocorrências justificam-se pelo fato da prosódia embalar pontos sintáticos mais salientes de serem projetados e interpretados pelos falantes como finalizações de turno. Esse papel determinante da prosódia ocorre devido ao fato de que a sintaxe, em função de sua natureza recursiva, oferecer um maior número de pontos propícios às finalizações de turnos quando

¹⁸ In other word, the data show that intonation and pragmatic completion points select from among the syntactic completion points to form what we will call “Complex Transition Relevance Places” (CTRPs). (...) What listeners seem to be doing, then, in projecting the ends of another’s utterances is paying attention to syntax, intonation, and the pragmatic content of those utterances, that is, to the action the other is doing in the interactional context (Ford & Thompson, 1996: 156-57)

comparada com as finalizações de turnos atreladas ao contexto conversacional, o nível pragmático.

Ao demonstrarem de forma quantitativa a convergência dos níveis sintáticos, prosódicos e pragmáticos na transição dos turnos, Ford & Thompson corroboram as conclusões dos trabalhos de Selting (1996, 2000), que apontam que na constituição dos turnos a primazia da sintaxe é substituída ou até mesmo relativizada pela prosódia. As autoras trazem dados quantitativos que demonstram a influência de fatores pragmáticos nas finalizações dos turnos, e, conseqüentemente, nas transições de falantes. O nível pragmático, o contexto onde a ação conversacional ocorre, é posto como um nível “acessório” envolvido na transição dos turnos. O trabalho de Fox & Thompson (1996) é significativo por agregar ao entendimento de transição de turnos e trocas de falantes, fatores pragmáticos, porém, ainda indica que a sintaxe é o maior componente na concepção de LRT.

Na realidade, as conclusões das autoras indicam uma tendência no quadro teórico-analítico da AC, sobretudo a de cunho etnometodológico: a dificuldade de operar metodologicamente com níveis que estão fora do aparato organizacional da gramática, apesar de pressupô-los. Muitas pesquisas da área buscam refutar as bases metodológicas lançadas por SSJ, porém, acabam, na maioria das vezes, corroborando com uma ideia de segmentação da conversa em unidades gramaticais. A metodologia da AC, baseada em uma transcrição finamente detalhada do ponto de vista da sequencialidade e da temporalidade dos eventos, é posta em ação a fim de analisar e descrever a conversação a partir das regularidades manifestas da língua. Esse posicionamento baseado nas ações *in situ* não deixa de ofuscar, de certo modo, a possibilidade de compreender a conversação de forma abrangente, em termos de um evento interativo estruturado a um só tempo de forma macro e micro (cf. Hanks, 2008), como uma prática social e histórica altamente ritualizada, na qual falantes – em meio às suas experiências de vida em sociedade - lançam mão de múltiplos recursos simbólicos que não a língua, voltados para a realização contínua de atividades psicossociais.

O aparato teórico-metodológico da AC tem sido constituído e utilizado para explicar a segmentação do episódio e descrever o texto (na acepção mais gramatical do termo), ou o que ocorre (ou se manifesta) em um determinado episódio conversacional. A

propósito, Schegloff (1997) argumenta claramente que o objetivo da AC é pautado em um princípio metodológico: a fala em interação é por si só um momento de expressão da sua própria realidade, ou seja, para a AC o objetivo primordial é operar análises de dentro da estrutura conversacional para poder constituir uma análise apropriada aos contextos sociopolíticos que circundam a fala.

A razão que talvez leve a AC a privilegiar o que Schegloff (1997) chama de “análise técnica” pode ser, em parte, sintetizada em uma questão: como atribuir a esses fatores o papel de determinarem a organização dos turnos, já que não são passíveis de categorização em unidades linguísticas? De que forma operacionalizá-los analiticamente? Uma resposta encontrada nas pesquisas do campo é hierarquizar os níveis. Os trabalhos de Selting (1996, 2000), bem como os de Ford & Thompson (1996) indicam claramente a ordem dos níveis de constituição e transição dos turnos: primeiramente a recursividade da sintaxe, seguida da realização fonética da fala e, por último, o contexto da ação interativa. Esta ideia de hierarquização é fortemente ratificada por Schegloff (2007), que elege a gramática como a “chave” organizacional da conversação.

A complexa combinação de fatores gramaticais, prosódicos, gestuais e contextuais configura, na realidade, a organização dos turnos. O sistema de troca de turnos proposto por SSJ (1974) estabelece o que poderíamos denominar como uma organização primária dos turnos. As regras descritas nesse sistema são, em grande parte, uma espécie de princípios de cooperação conversacional. Da mesma forma que, de acordo com Grice (1989), as pessoas cooperam umas com as outras para manterem uma conservação, o sistema de troca de turnos, na realidade, elenca regras de um princípio de cooperação primário, isto é, os falantes dominam uma série de pressupostos que governam as trocas de turnos como: quem inicia primeiro adquire o direito ao turno; o falante corrente seleciona o próximo. Se não houver seleção explícita do próximo falante, isso é um sinal para que ocorra a auto-seleção.

Mesmo havendo um princípio maior de cooperação, os falantes adaptam tais regras e organizam as trocas de turnos de acordo com o contexto das práticas conversacionais onde estão inseridos. É por essa razão que a aplicação de um sistema de trocas de turnos fundamentado em unidades gramaticais torna-se incompleto, por conseguir abarcar apenas regras que estão de alguma forma pressupostas devido ao

grau de experiências interativo-conversacionais que os falantes possuem. Nesse sentido, Blommaert (2008) tece críticas à exclusão daquilo que, segundo a AC, é secundário para as análises:

Não se pode dizer apenas que uma pessoa tem ou sabe uma língua; existe uma dinâmica complexa e altamente delicada de aquisição e distribuição diferenciada por trás de frases aparentemente inócuas. Palavras, acentos, contornos entonacionais, estilos têm sua história de uso e mau uso; eles vêm também com uma história de avaliação e julgamento. (...) Observar questões ligadas aos recursos garante que qualquer fragmento de uso da linguagem seja contextualizado socialmente, de forma profunda e fundamental; conexões entre a fala e a estrutura social seriam então intrínsecas (op.cit, pp.592).

A inclusão de fatores pragmáticos para a análise das trocas de turnos complementa o entendimento das estratégias prontamente reconhecíveis e manipuladas para a organização dos turnos e, conseqüentemente, da conversação. Desta forma, podemos pensar não só em trocas de turnos, mas também em dinâmicas de turnos. O funcionamento do sistema de turnos por meio de unidades mínimas pode ser reexaminado a partir de uma perspectiva textual pragmática e sociocognitiva.

Ao invés de focar essencialmente quais os níveis linguísticos que constroem os turnos, podemos buscar delimitar quais são os fatores, ou a combinação deles, que possibilitam a organização de turnos, o que é condizente com um dos métodos básicos de investigação feitos na AC: “tentar localizar certa organização conversacional específica e isolar suas características sistemáticas, demonstrando que os participantes estão orientados para ela” (Levinson, 2007: 406). Este posicionamento, cumpre assinalar, não significa desconsiderar o sistema de trocas de turnos de SSJ (1974); e muito menos negar a natureza linguística constitutiva da conversação. Tampouco deixa de apostar as fichas no que acontece de forma situada em termos locais e históricos, o “aqui e agora” da significação, e abrigar sob a designação “fatores pragmáticos” a responsabilidade de responder ao que nos propomos: analisar, a partir das dinâmicas de turno e gerenciamento do tópico conversacional, a emergência de uma competência de natureza pragmática, textual-interativa, de sujeitos afásicos.

Uma forma de enfrentar a visão dicotômica entre o linguístico e o não-linguístico, ou entre uma abordagem macro e uma abordagem micro da interação está na mobilização da noção de contexto. Vejamos abaixo como ela é formulada por Hanks

(2008). Dedicaremos a seção que segue à noção de contexto, a fim de agregar subsídios teórico-metodológicos à análise das dinâmicas de turnos no *corpus* da presente pesquisa.

1.1.3 – A noção de contexto e as dinâmicas de turno

Os trabalhos de W. Hanks destacam-se por oferecer, seja no campo da Sociologia, seja no da Linguística, uma abordagem teórico-analítica que busca minimizar o peso das clássicas dicotomias presentes no campo de estudos da linguagem, como a dificuldade de arbitrar análises macro e micro.

A teorização a respeito da noção de contexto elaborada por Hanks (2008) proporciona recursos para abarcar as especificidades interativas do CCA¹⁹, entre elas as dinâmicas de turnos. Segundo Hanks (2008), a AC priorizou a organização sequencial das trocas verbais e as regras procedimentais que regulam as tomadas de turno (o modelo SSJ, 1974). Dessa forma, para o autor, torna-se visível nesse campo:

um comprometimento com o individualismo metodológico, que prioriza o individual sobre o coletivo e procura reduzir as estruturas sociais aos comportamentos individuais. (...) Segundo este ponto de vista, o contexto é um concomitante local da conversação e da interação, efêmero e centrado sobre o processo de fala. Se se coloca ênfase principal em situações reais ou sobre exemplos construídos, o quadro de referência e de explicação resultantes são as atividades individuais de fala e as interações nas quais elas ocorrem. De um ponto de vista oposto, outros pesquisadores desenvolveram abordagens da língua e do discurso segundo os quais o contexto não é nem local nem efêmero, mas global e duradouro com escopo social e histórico maior que qualquer ato realizado (op.cit., pp.171).

As ponderações de Hanks sintetizam os dilemas que a noção de contexto provoca no campo da AC, e não só neste campo, vale assinalar. Se, por um lado, a conversação fica reduzida a um processo de trocas de fala, ou seja, um elenco de regras pré-instituídas por um sistema de trocas de turno, por outro, a inserção da noção de contexto a amplifica demasiadamente. Entre outras coisas, isso evidencia a complexidade metodológica da integração dos níveis macro e micro na análise de interações.

Como é possível perceber, a inserção da noção de contexto no quadro AC representa para esse campo um obstáculo ou um impasse. A polarização que a noção

¹⁹ Tais especificidades serão tratadas no capítulo 2

pode suscitar, nas palavras de Hanks, “dá origem a exageros e deixa espaçar muitas oportunidades de pesquisa produtiva” (2008: 173). O desafio, e talvez a solução para tal impasse seria equacionar metodologicamente as dimensões que a noção de contexto evoca. É nesse sentido que Hanks apresenta uma reflexão em torno da noção de contexto mais densa, diferente do tratamento comportamental e circunscrito que esta noção acaba recebendo no campo da AC. Assim, as reflexões de Hanks agregam ao aporte teórico desta pesquisa importantes contribuições para a análise das dinâmicas de turnos em nosso *corpus*.

Com base nas teorias sociológicas de Bourdieu, Hanks (2008) concebe duas dimensões para delinear o contexto: *emergence* (emergência) e *embedding*²⁰ (incorporação/encaixamento). A *emergência* designa aspectos do discurso que surgem da produção e da recepção dos processos no curso da interação, sendo sensível “à mediação verbal, à co-presença, à temporalidade, em um contexto restrito como um fato sensível (em termos fenomenológicos) social e histórico”. Já a *incorporação* compreende a relação entre os aspectos contextuais relacionados ao “enquadramento (*framing*) do discurso, sua centração ou assentamento (*groundedness*) em quadros teóricos mais amplos” (p.175). A integração destas duas dimensões do contexto, nas palavras autor, é concebida como:

um alinhamento inicial da emergência com a esfera altamente local da produção do enunciado, e a incorporação ao contexto em larga escala, por outro lado. (...) A emergência está associada ao chamado tempo real da produção do enunciado e da interação, e a incorporação descreve a situação dos enunciados em algum contexto mais amplo. Entretanto, a emergência pode ser facilmente concebida em níveis temporais diferentes, como qualquer historiador sabe, assim com a incorporação aplica-se a campos mais locais de produção do enunciado (op.cit., pp.175).

Para explicitar a convergência das duas dimensões da noção de contexto, o autor detalha os fatores que compõem a emergência e a incorporação. A emergência, conforme Hanks afirma, implica algumas condições, dentre elas: “a situação é um campo de possibilidades de monitoramento mútuo, o que acarreta a capacidade dos coocupantes

²⁰ A tradução desses termos não foi realizada no âmbito desta pesquisa. O texto em que Hanks apresenta as dimensões da noção de contexto integra uma coletânea de artigos do autor que foram traduzidos e organizados por Bentes, Rezende & Machado: *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*, Cortez: São Paulo, 2008. Especificamente, os créditos da tradução do texto *O que é contexto?* são de Bentes & Machado.

perceberem e prestarem atenção uns aos outros” (p.177). Considerando essa condição da emergência, a tese da hierarquização dos níveis linguísticos envolvidos no sistema de troca de turnos perde a sua pertinência. Em outras palavras, a noção de contexto, agora analisada em duas dimensões, ganha maior importância. Uma das propriedades da dimensão da emergência permite entrever empiricamente a constituição e passagem de turnos sob a ótica da reflexão dos falantes frente à participação dos outros falantes e à ação social que ocorre na e pela conversação. À primeira vista, a solução para a questão da explicação das dinâmicas de turnos estaria somente no exame de uma das dimensões da noção de contexto aventada por Hanks. No entanto, isto significaria uma solução simplista.

O autor refina ainda mais a noção de contexto e sua aplicabilidade na análise de interações. Ainda na dimensão da emergência, a compreensão do contexto como um espaço de possibilidades interativas passa pela definição da situação momentânea, sucedida pela introdução do conceito de relevância e de campo simbólico. Para a elucidação dos cenários relevantes, Hanks (2008) argumenta do seguinte modo:

Nos termos da análise da conversação, a formulação é uma descrição, e consequentemente, uma categorização, em oposição às expressões indiciais que evocam o cenário, mas não o formulam, já que elas carecem de conteúdo descritivo. (...) Introduzir o conceito de relevância é transformar fundamentalmente o conceito de contexto. Por um lado, julgamentos de relevância sempre implicam um tema ou um ponto de interesse a partir dos quais a relação de relevância é estabelecida. Por outro lado, esta relação está ancorada nas experiências prévias dos sujeitos, à luz dos quais o interesse emerge (Schutz, 1970: 5). Um tema, assim como um ponto focal, implica um pano de fundo ou horizonte do qual se distingue e em relação ao qual como um ponto central (op.cit, pp.175).

Conforme argumenta o autor, a AC não formula o cenário interativo como um aspecto relevante para a análise da participação dos falantes em um episódio conversacional. Assim, aquilo que é relevante dentro de um macro ambiente social deixa de ser pertinente para a Análise da Conversação. É neste ponto que Hanks agrega à dimensão da emergência a relevância do cenário. Em suas palavras: “a definição de um tema de onde deriva um ponto focal ou pano de fundo que acarreta consequências diretas nas formas de participação” (p.176). A relevância pode ser um aspecto essencial que integra as formas de construção e transição de turnos nas interações do CCA.

No âmbito de um trabalho anterior, no qual analisamos as interações do CCA a partir do conceito de comunidade de práticas²¹, observamos, entre outras coisas, que os aspectos emergentes dos enquadres interativos determinavam as formas de participação dos sujeitos nas interações do CCA, o que influenciava diretamente nas maneiras de tomada e sobreposição de turnos. As conclusões desse trabalho também indicaram uma inter-relação entre o tópico discutido pelo grupo e o engajamento dos sujeitos nas atividades do “Programa de Linguagem”, momento da reunião em que os participantes afásicos e não-afásicos se engajam em conversações sobre diversos temas. Assim, a partir do desenvolvimento do tópico discursivo, foi possível observar diferentes configurações da dinâmica de turnos. É por essa razão que formulamos a hipótese de que o estabelecimento de um ponto relevante, um tema ou um pano de fundo influi no trocas de turno.

A situação momentânea, a relevância e o campo simbólico compõem conjuntamente a dimensão da emergência da noção de contexto. A vantagem que esses três aspectos da emergência do contexto oferecem é a possibilidade de desenvolver análises que permitam apreender fatores influentes na conversação, que antes eram delegados a um papel secundário na explicação da organização e da sequencialidade da conversação. Segundo Hanks, a propósito:

a situação, o cenário, e o campo demonstrativo são emergentes no sentido de que eles se desdobram no tempo. Esta é uma consequência do fato de que as práticas linguísticas produzem contexto de forma contínua. (...) O tempo é central para o estudo da conversação e a seqüência é fundamental para os sistemas de tomada de turno, para a anáfora, para a coerência temática, para a produção de sentenças (Goodwin & Goodwin, 1992), e para a organização de inúmeras estruturas conversacionais (Hanks, 2008: 182)

A *incorporação* ou *encaixamento* constitui a outra dimensão que complementa a noção de contexto. Tal dimensão pretende recobrir os aspectos contextuais mais amplos, arraigados em estruturas sociais e institucionais maiores. Enquanto a dimensão da emergência abrange os aspectos sequenciais e temporais das práticas linguísticas, a incorporação refere-se a “processos de credenciamentos e divisões sociais que existem antes e além de qualquer campo demonstrativo, que não são assinaladas em algum lugar

²¹ Este trabalho refere-se à nossa dissertação de mestrado intitulada: O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos (2007). Nessa dissertação, propomos uma tipologia das interações do CCA a partir do quadro teórico da Sociolinguística Interacional.

do discurso e mesmo assim, moldam o contexto e restringem o acesso dos sujeitos ao discurso” (p.186). Assim, o que diferencia a incorporação da emergência é o seu caráter amplo, que abrange uma esfera além do momento interativo e os seus limites que controlam e credenciam o acesso a valores vigentes.

Para dar subsídios à dimensão da incorporação, Hanks traz o termo “campo social”, adaptado da teoria sociológica de Bordieu para designar um espaço delimitado onde valores e tomadas de posições circulam e configuram o contexto. O campo social não é um aspecto “radial, nem baseado no discurso”, apesar das práticas conversacionais ocorrerem e circularem neles. As características de um determinado campo social produzem contextos críticos incorporados que modelam e agem nos campos demonstrativos radiais (a dimensão da emergência) que são interativamente centrados. Para Hanks, é:

a partir da perspectiva dos campos sociais, a questão correspondente seria em que medida o engajamento em um campo, conforma os participantes, não apenas em seus engajamentos externos baseados na função de agente, como sempre foi, mas, de forma mais ampla, conforma-os em seus hábitos, disposições e intenções. (...) Campos sociais também autorizam e legitimam determinados contextos e modo de engajamento, mas não outros. Um caixa tem a autoridade de dizer a você quanto você deve pagar por um produto, da mesma forma que um médico tem a autoridade de diagnosticar seu estado físico e que um professor é autorizado a avaliar seu trabalho acadêmico. Essa autoridade é desempenhada em processos intencionais, mas sua fonte é o campo, não o estado intencional dos indivíduos. Descrevemos isso como um processo e não como um atributo com o objetivo de salientar a dinâmica pela qual é conferida autoridade a certos contextos e certos agentes dentro deles (Op.cit, pp.192-198).

A incorporação, concebida a partir da noção de campo social, atribui à noção de contexto as dimensões sociais amplas para a análise dos modos de engajamento dos sujeitos nas práticas conversacionais. Isso pode ser um instrumento analítico útil para a análise das dinâmicas de turnos, pelo fato de que a incorporação do campo social ao enquadre interativo (re) configura o evento interativo e demandam dos participantes diferentes maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno na fala e mantê-lo, de conduzir e ser conduzido (Erickson & Shultz, 1981/2002).

Retomando a discussão sobre contexto, para Hanks (2008), em suma, ele decorre da integração dos aspectos da emergência e da incorporação nas práticas: “especificamente, na prática comunicativa que eles são sincronizados uns com os outros

na atualidade emergência da prática” (p.200). A importância da noção de contexto proposta pelo autor agrega a este trabalho valiosas contribuições analíticas, abrindo possibilidades de aprofundar categorias mobilizadas pela AC e pelos estudos textais na descrição e análise das práticas interacionais do CCA, dentre elas a dinâmica de turnos.

O sistema de turno, no campo da AC etnometodológica é concebido, conforme mencionamos, como aparato simétrico estruturado a partir de unidades sintáticas. Tal concepção do sistema restringe, parcialmente, as possibilidades de análises. Tal restrição é perceptível em função da primazia da sintaxe sobre os outros níveis linguísticos que constituem os turnos. Desse modo, a predominância sintática presente na concepção das UCT, e na explicação das formas de transição do turno (LRT), acaba por colocar em segundo plano outros níveis linguísticos e principalmente os chamados aspectos contextuais e pragmáticos envolvidos diretamente nas dinâmicas de turnos das interações.

Cumpra ainda salientar que este reexame das trocas de turnos no quadro teórico-analítico da AC é condizente com duas concepções essenciais que sustentam o aporte teórico desta pesquisa: (i) a concepção sociocognitiva, interacionista²² da linguagem; (ii) a concepção de que conversação não é somente uma manifestação da modalidade oral da linguagem, mas sim uma prática social, “o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais” (Marcuschi, 1998: 07). Assim, pretendemos em nossas análises, abarcar as dinâmicas de turno a partir de seu estatuto interativo, isto é, a partir de sua relação com a organização interativa da conversação.

Isoladamente, o quadro teórico-analítico da AC pode sugerir uma tendência de segmentação da língua na conversação, ou seja, um enfoque estruturalista que procura descrever a disposição dos níveis linguísticos da fala.

²² O termo interação aparece na literatura linguística e também em outras áreas das ciências humanas em sentido amplo e difuso. De acordo com Morato (2004: 315-316): “longe de ser ou de apresentar com um programa teórico definido no campo linguístico, o interacionismo tem sido capaz de marcar uma disposição de tomar a interação como uma das categorias de análises dos fatos da linguagem, e não apenas o *locus* onde a linguagem como espetáculo. (...) Desse modo, ela é capaz de indicar que toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve num quadro social do mundo, submete-se às regras da gestão histórico-cultural, não é nunca ideologicamente neutra. (...) Essa ponderação indica que também a interação – e tudo que é afeito a ela – produz sentido, o sentido é a produção da interação: o outro nos é necessário para sabermos o que estamos a dizer, e mais, para construirmos o sentido daquilo que estamos a dizer. Nesse aspecto é que a interação – enquanto categoria de análise – por ser um elemento de distinção e definição do sentido é capital para a compreensão das tarefas interpretativas.”

Por isso, torna-se imperioso, neste trabalho, adotar um enfoque do turno conversacional mais voltado para a sua função textual-interativa do que para a forma. Esse deslocamento permite-nos analisar os turnos como uma categoria interativa, voltada à organização das práticas sociais e, sobretudo, comunicativas que ocorrem no CCA. Portanto, desconsiderar ou dar pouca visibilidade aos aspectos pragmáticos e contextuais mais amplos implicaria uma evidente contradição em relação aos objetivos desta pesquisa.

1.2 – O Tópico Discursivo

Em alguns *handbooks* encontrados no campo da Linguística, sobretudo naqueles que se dedicam à Análise do Discurso de linha anglo-americana, a definição mais comum da noção de tópico é revestida de um caráter intuitivo, calcado na identificação “daquilo sobre o que se fala”. Dessa maneira, a noção de tópico é frequentemente utilizada, porém, raramente definida de uma maneira explícita e esclarecedora em termos de análise (Brown & Yule, 1983). Entretanto, para contornar tal indefinição, outras alternativas podem ser encontradas na literatura linguística.

Fundamentada no nível sintático da frase, o *tópico frasal* é concebido a partir da distinção *tema/rema* difundida pela Escola de Praga. Nessa perspectiva, o tópico frasal relaciona-se ao tema e à sintaxe, sendo equivalente ao sujeito do enunciado, por ser aquilo sobre o qual se fala (Marcuschi, 2006a). Outro esforço para delimitar o que vem a ser o tópico, ainda no nível da sentença, é distinção entre *tópico e comentário*, ou seja, aquilo que o falante anuncia como tópico para, então, posteriormente, falar sobre tal assunto. Apesar de tais definições de tópico possibilitarem esclarecer uma noção problemática, para a análise de textos, principalmente os orais, elas são limitadas, pois não são as sentenças que detêm os tópicos, mas, sim os falantes (Morgan, 1975, *apud*, Brown & Yule, 1983).

A diferença da noção de tópico discursivo em relação às noções de tópico e de tópico frasal reside no fato de eleger como ponto de partida um domínio mais amplo, que

ultrapassa o nível da sentença: o discurso²³. Assim, essa noção de tópico permite abarcar analiticamente os aspectos inerentes ao caráter interativo das situações conversacionais.

Para Brown & Yale (1983):

Cada diferente maneira de expressar 'o tópico' representará efetivamente um julgamento diferente do que está sendo escrito (ou falado) em um texto. (...) Em qualquer conversa 'o que está sendo falado' será julgado diferentemente em pontos diferentes e os próprios participantes podem não ter visões idênticas do que cada um está falando. As pessoas, entretanto, reportam 'sobre' o que a conversa era. Há maneiras informais de expressar o tópico, até mesmo no discurso conversacional (op.cit., pp.73).²⁴

Delimitada, então, a esfera em que se circunscreve a noção de tópico discursivo e a sua designação, surge outro desafio: como operar analiticamente as formas de expressão do tópico? Essa questão leva-nos a refletir sobre a definição no plano discursivo de uma categoria que seja capaz de apreender os diferentes pontos de atenção que os falantes atribuem mutuamente. Retomando a discussão de Brown & Yale, a definição discursiva de tópico ainda padece de um certo intuitivismo por parte do analista ao determinar o que é focalizado pelos falantes, isto é, ao decidir a delimitação daquilo que se fala. Os autores problematizam a definição mesma de tópico discursivo, pois há um pressuposto de que o termo tópico evoca uma ideia de singularidade ou de estaticidade:

Essa definição de tópico tem um certo apelo intuitivo, no sentido de que, o que dois participantes estão se concentrando, na sua conversa por exemplo, é razoável candidato para 'o tópico'. Há, entretanto, dois problemas básicos aqui. Primeiramente, essa definição de tópico parece estar baseada na mesma noção de 'tópico = título de termo único' que nós desafiámos anteriormente. Quando apresentamos então, embora um trecho de discurso possa parecer estar amplamente ligado a um único indivíduo, ou um sujeito de discurso, então, aquele discurso pode ser livremente reportado como sendo 'sobre' aquele indivíduo. Isto não nos deve levar a afirmar que todos os discursos são sobre indivíduos únicos ou podem ser dados convenientes títulos de uma palavra. Uma segunda objeção é que está longe de ser claro como decidiremos, em alguma maneira fundamentada, em que os participantes estão, de fato, 'se concentrando' (Brown & Yale, 1983:82).²⁵

²³ Utilizaremos o termo *discurso* para designar primordialmente textos orais e situações conversacionais.

²⁴ Each different way of expressing 'the topic' will effectively represent a different judgement of what is being written (or talked) about in a text. (...) In any conversation 'what is being talk about' will be judged differently at different points and the participants themselves may not have identical views of each is talking about. People do, however, regularly report on what conversation was 'about'. There are informal ways expressing the topic, even in conversational discourse (op.cit., pp.73).

²⁵ This definition of topic has a certain intuitive appeal, in the sense, that what two participants are concentrating on, in their conversation talk for example, is reasonable candidate for 'the topic'. There are, however, two basic problems here. First this definition of topic seems to be based on the same 'topic = single

Em contrapartida aos empecilhos aludidos por Brown & Yale (1983) na definição do tópico discursivo, Maynard (1980) analisa a topicalidade sob outro prisma. Descomprometido com a definição *stricto sensu* da noção de tópico, Maynard centra-se não na forma que o tópico assume na perspectiva discursiva, mas sim na sua função. Especificamente, para esse autor, o tópico é visto como um fator que organiza a conversação, sendo, fundamentalmente, um processo conjuntamente operado pelos falantes na construção da interação face a face. O autor insere a noção de tópico no quadro da interação, na explicação das transições de turno e nas consequências que a movimentação do tópico implica nas configurações da interação. Em suas palavras:

As mudanças de tópico, entretanto, não são acontecimentos aleatórios; eles ocorrem em ambientes específicos e de formas caracterizáveis. (...) Além disso, os falantes mostram uma sensibilidade interacional bem organizada ao fazer as trocas de tópico. É geralmente em resposta aos desacordos ou vários tipos de desatenção do receptor que as trocas de tópico são produzidas. Também, quando, ambos os falantes conhecidos e desconhecidos usam o cenário como um recurso para fazer algumas mudanças de tópicos, nos tópicos em que cujo referente está fora do cenário, os participantes conhecidos formam as expressões de troca de tópico como exigência para 'bases' de conversas, enquanto as partes desconhecidas as constroem como convites (Maynard, 1980: 284).²⁶

A concepção da noção do tópico, calcada inicialmente no âmbito gramatical da frase, passando para a abordagem funcionalista e posteriormente para o domínio discursivo, aponta para delimitação da *forma* do tópico, ou melhor dizendo, para a configuração de uma categoria de análise. Na realidade, a indagação de Brown & Yale (1983) a respeito do caráter intuitivo da noção de tópico traduz a dificuldade de operar uma categoria de análise no plano empírico do discurso, isto é, na materialidade linguística de textos orais e escritos. A saída alternativa ao intuitivismo que cerca a noção

term title' notion which we challenged earlier. As we pointed out then, although a stretch of discourse can appear to be largely concerned with a single individual, or one discourse subject, so that discourse may be loosely report as being 'about' that individual this should not lead us to claim that all discourses are about single individuals or can be given convenient one word-titles. A second objection is that it is far from clear how we would decide, in any principled way, what the participants in a discourse fragment are, in fact, 'concentrating on' (Brown & Yale, 1983:82).

²⁶ Topic changes, however, are not random happenings; they occur in specific environments and in characterizable ways. (...) Furthermore, conversationalists display a finely-turned interactional sensitivity in doing topic changes. It is often in response to disagreements or various sort of recipient inattention that topic changes are produced. Also, while, both acquainted and unacquainted conversationalists use the setting as a resource in doing some topic changes, in those new topics whose referent is outside the setting, acquainted participants form the topic changing utterances as claim to conversations 'floor' while unacquainted parties construct them as invitations (Maynard, 1980: 284).

de tópico na perspectiva anglo-saxônica do discurso é fixar parâmetros analíticos na *relevância* daquilo que é falado num determinado ponto discursivo.

Por outro lado, a abordagem de Maynard enfoca a função que o tópico tem na interação, ou seja, no caráter interativo que o tópico exerce para a organização do discurso, sobretudo, nos textos orais. O contraste perceptível na definição da noção de tópico demonstra uma tensão entre a forma que o tópico tem (a partir de qual critério ele é identificado) e sua função (o que ele exerce). A tensão entre essas duas faces da noção de tópico discursivo é atenuada de maneira satisfatória para fins teórico-analíticos a partir da integração da forma e da função do tópico: o enfoque *textual-interativo*.

Os estudos brasileiros realizados no âmbito do projeto da Gramática do Português Falado (PGPF), fruto de um grande empreendimento que congregou pesquisadores renomados para a elaboração de uma gramática de referência do português falado no Brasil, agregam à noção de tópico o viés de uma categoria textual-interativa. Dessa forma, a noção de tópico passa a ter uma caráter eminentemente discursivo, pois:

manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem (Jubran et al., 1992: 361).

No âmbito da perspectiva textual-interativa, é fundamental que o produto linguístico seja abordado a partir das marcas que os fatores interacionais imprimem na superfície textual (Jubran, 2006a). Assim, a noção de tópico acrescenta à interação um caráter organizador discursivo. A base que sustenta o tópico discursivo é a noção de texto, oriunda do campo de estudos da Linguística Textual, que o considera como:

uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir os parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais” (Koch, 1998: 22).

A abordagem textual-interativa conforme é desenvolvida nos estudos da PGPF, particularmente na argumentação de Jubran (2006a), apresenta uma tendência em atribuir um maior peso na dimensão textual do que na dimensão interativa para

conceituação do tópico como uma categoria analítica. A autora justifica tal posicionamento em função “do estabelecimento de traços que definam uma categoria analítica operacionalizável com alguma segurança e objetividade na identificação de unidades textuais” (2006a: 91). Especificamente, o peso interacional do enfoque de tópico discursivo denomina o envolvimento conjunto dos interlocutores na produção de um texto, e não como o fator de demarcação tópica. A opção de dar maior ênfase ao caráter textual do tópico, isto é, direcionar a análise para as marcas textuais salientes nas situações conversacionais, minimiza o intuitivismo do analista para delimitação dos pontos de formação tópica em textos orais. Esse posicionamento, tal como é defendido por Jubran, resulta em uma maior segurança metodológica na etapa de análise do nosso *corpus*. Sendo assim, buscamos trabalhar analiticamente a noção de tópico a partir deste viés. Conforme argumenta a autora, a razão para o menor peso dos fatores interacionais justifica-se por:

possibilitar a análise da centração tópica de texto em geral, afastamo-nos da compreensão de tópico discursivo exclusivamente como decorrente do envolvimento colaborativo dos participantes de um ato conversacional que atuam conjuntamente na elaboração textual. Concebemos, então, a função interacional de modo amplo, como inerente a todo e qualquer texto, já que o produtor de um texto, seja falado ou escrito, orienta suas escolhas lingüístico-discursivas em função do interlocutor presente no intercâmbio oral ou pretendido no evento comunicativo realizado por meio da escrita (2006a: 35).

Outra justificativa para ênfase da dimensão textual recai justamente nas propriedades que definem a noção de tópico como uma categoria analítica. São duas as suas propriedades, segundo a autora: *centração* e *organicidade*.

A propriedade de centração assume um papel fundamental para definição de tópico, pois é por meio dela que é possível identificar na dinamicidade da conversação os referentes textuais mais recorrentes que compõem um conjunto de semelhanças temáticas. Para isso, a propriedade da centração abrange três traços: a *concernência*, a *relevância* e a *pontualização*. A especificidade de cada um dos traços na propriedade da centração é a seguinte:

a) *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem

– , pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específicos de referentes (objetos-de-discurso);

b) *relevância*: proeminência desse conjunto decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;

c) *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento do texto falado (Jubran, 2006c: 92). – [ênfase adicionada]

Os traços da propriedade de centração visam delinear o tópico em sua materialidade textual, ou seja, apreender o conjunto de referentes dispostos na superfície do texto que apresentem entre si uma dada simetria temática. A propriedade de centração e seus traços são os instrumentos que permitem identificar com maior clareza (de forma menos intuitiva) o tema ou o assunto que emerge nos textos orais, estando de relacionada à dimensão textual do enfoque textual-interativo da noção de tópico discursivo. Jubran (2006c) salienta que a concernência e a relevância são os traços imprescindíveis para precisar a centração tópica, enquanto a pontualização é o traço que permite localizar os limites de um segmento tópico num determinado momento da conversação.

Já a segunda propriedade da noção de tópico, a organicidade, diz respeito às relações de dependência tanto no plano intratópico, quanto no plano intertópico. É a propriedade de organicidade que permite estabelecer a abrangência dos tópicos. A organicidade abrange o:

a) plano hierárquico conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;

b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso (Jubran, 2006a: 94).

O plano hierárquico configura uma relação de ordenação dos tópicos, uma relação vertical em que um tópico maior se ramifica em tópicos menores em função da abrangência referencial e temática. A organização hierárquica é o que permite ao analista formar os “quadros tópicos” (QT). As condições necessárias para a elaboração de um QT, segundo a autora, são: a centração mais abrangente e focal de um tópico (supertópico – ST), numa porção maior do texto; a divisão desse ST em tópicos co-constituintes (subtópicos – SbT) (Jubran, 2006c: 96). A respeito da relação de interdependência tópica

no nível vertical, a autora menciona que no âmbito das pesquisas do Grupo da PGPF foi enfatizado inicialmente que a organização dos tópicos ocorria por meio de relações intertópicas, porém, tal constatação foi revista em análises posteriores.

A organização tópica também ocorre num plano linear, pois, “os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos” (Koch, Urbano & Jubran, 1992: 392). As marcas de estruturação internas indicam a organização intratópica, isto é, o plano linear da organicidade. As relações entre os tópicos na linearidade discursiva ocorrem por meio de dois fenômenos: a *continuidade* e a *descontinuidade*. A continuidade decorre da organização sequencial dos tópicos – quando a abertura de um tópico ocorre após o fechamento de outro. No outro extremo, a descontinuidade ocorre em três casos: (i) pela suspensão definitiva de um tópico, quando a inserção de um novo tópico implica no encerramento de um tópico antecedente; (ii) pela cisão de tópico em partes que se apresentam de forma não-adjacente; (iii) pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente (Jubran, 2006c). Os mecanismos da organização intratópica manifestam-se em algumas estratégias de construção textual.

Jubran classifica as estratégias de construção textual como um critério auxiliar para delimitar a segmentação tópica. As estratégias de construção textual englobam diversos aspectos prosódicos, sintáticos e léxico-semânticos que atuam na delimitação de segmentos tópicos e também em sua organização. Dentre essas estratégias, observamos que a hesitação e a repetição são recorrentes em nosso *corpus*²⁷, e apresentam um caráter predominantemente coesivo e interacional. Não são sempre e necessariamente meros fenômenos de disfluência impostos pela afasia (em função de dificuldades de evocação ou seleção lexical, por exemplo).

Em nosso *corpus*, a hesitação é um fator tanto de organização do tópico, quanto do turno. Devido às diferentes instabilidades que os quadros afásicos desencadeiam no

²⁷ A recorrência da hesitação e da repetição como fatores de organização tópica em nosso corpus foi constatada durante a etapa de análise de nossa dissertação de mestrado. Tais fenômenos tem sido estudados por Silva (2008), pesquisadora que integra o Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação”, coordenado por Edwiges Maria Morato. Portanto, podemos apontar, preliminarmente, que estas estratégias estão relacionadas à construção/organização do tópico nas situações conversacionais do CCA. Cumpre mencionar, ainda, os trabalhos de Chacon Jurado (2006) sobre o fenômeno da hesitação em sujeitos parkinsonianos, sob um enfoque discursivo.

funcionamento discursivo²⁸, a hesitação é uma estratégia que configura e auxilia os sujeitos afásicos nos mecanismos de desenvolvimento tópico. Entretanto, a hesitação não é um mecanismo de construção textual-interativo exclusivo dos sujeitos afásicos. Pelo contrário, ela é um fenômeno intrínseco à oralidade presente em todas as línguas faladas e que permite introduzir no próprio discurso o processo de formulação prospectiva (Koch & Oesterreicher, 1990, apud, Marcuschi, 2006b). A hesitação, como uma estratégia de formulação discursiva, é um mecanismo que permite aos falantes (sejam eles afásicos ou não) solucionar determinadas incongruências comuns que surgem na conversação, durante o processamento da forma e do conteúdo daquilo de que se fala. Compartilhamos com Marcuschi a ideia de que a hesitação é uma estratégia relevante de organização do texto falado porque:

analisar a língua é analisar também usos, adota-se aqui a posição de que a *hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante*. Embora não se possa defender que a hesitação tenha funções tais como outros aspectos da oralidade, pode-se dizer que ela desempenha papéis importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. É uma atividade textual-discursiva que atua no plano do processamento e não no da formulação textual (op.cit.,2006b:48). – [ênfase adicionada]

Ainda segundo o autor, a hesitação materializa-se por meio de determinados fenômenos:

- prosódicos: pausas, geralmente prolongadas, e alongamentos vocálicos;
- expressões hesitativas: *éh, ah, ahn, mm*;
- itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação;
- itens lexicais: substantivos, advérbios, adjetivos, verbos;
- marcadores discursivos acumulados: sei *lá, quer dizer, sabe, então, né ah* etc.;
- fragmentos lexicais: palavras iniciadas e não concluídas;
- uso de *prompting*²⁹.

²⁸ Alguns exemplos destas instabilidades linguísticas que os sujeitos afásicos apresentam e contornam interativamente por meio da hesitação são: as dificuldades de articulação de segmentos fonológicos; a supressão de algumas marcas morfosintáticas nos verbos ou de determinados constituintes gramaticais que articulam sintaticamente os enunciados, como as conjunções, e as dificuldades de acesso lexical.

²⁹ Em nosso *corpus*, nas ocasiões em que ocorre alguma cisão lexical, os integrantes do CCA utilizam frequentemente os *promptings* orais no intuito de dar continuidade ao desenvolvimento do tópico e também do turno. O *prompting* oral é a pista articulatória; ou seja, é a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto articulatório ou das primeiras sequências do gesto, que compõem as primeiras sílabas da palavra pretendida (Freitas, 1997).

Os fenômenos de hesitação elencados acima são amplamente recorrentes em nosso *corpus*. As pausas alongadas e as fragmentações lexicais, em especial, constituem um repertório de recursos compartilhados que são mobilizados pelos participantes do CCA para a construção das formas de significado social, entre elas o desenvolvimento textual-iterativo do tópico conversacional. Se analisados separadamente, os fenômenos relacionados às hesitações podem ser vistos como um indício de instabilidade da produção linguístico-discursiva dos afásicos, que origina enunciados fragmentados e incoerentes. Porém, tais fenômenos adquirem coerência e funções claras na organização tópica quando analisados dentro do contexto interativo³⁰ das práticas do CCA.

A repetição é o outro mecanismo de construção textual-organizacional do tópico que ocorre com uma considerável frequência em nosso *corpus*. Longe de ser apenas uma característica da inconstância e da descontinuidade da oralidade, a repetição revela uma dinamicidade na organização discursiva e na monitoração da coerência textual. Na perspectiva textual-iterativa, a repetição corresponde à:

produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito do mesmo evento comunicativo. Nessa definição entram vários termos a serem esclarecidos. Assim:

- a) a expressão *segmento textual* designa qualquer produção lingüística de um texto oral, seja ele um segmento fonológico, uma unidade lexical, um sintagma (um constituinte suboracional) ou uma oração;
- b) o termo *idêntico* refere uma repetição, em que o segmento repetido é realizado sem variação em relação com a sua primeira entrada; seria a repetição exata;
- c) o termo *semelhante* aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical ou na estrutura (ou parte dela), incluindo-se aí a variação prosódica;
- d) a expressão *evento comunicativo* designa uma unidade de interação desde seu início até o final. Essa especificação faz com que a repetição seja observada no âmbito do mesmo evento comunicativo como condição necessária para a consideração (Marcuschi, 2006b: 221-21). – [ênfase do autor]

Por meio da repetição, os falantes orientam o desenvolvimento tópico, ressaltando a pertinência da continuidade ou descontinuidade de um determinado conjunto de referentes tópicos, ou seja, reintroduzindo, mantendo ou delimitando os tópicos. Explicitada a definição e a função das repetições, podemos constatar que os sujeitos

³⁰ Sobre da noção de contexto adotada neste trabalho, conferir a seção 1.1.3.

afásicos utilizam a repetição como uma estratégia de organização tópica, que age simultaneamente nas dinâmicas de turnos e no desenvolvimento tópico. Por esse ponto de vista, a repetição é uma das estratégias interativas presentes nas situações conversacionais do CCA que auxiliam os afásicos a contornarem as instabilidades linguístico-discursivas ocasionadas pela afasia, principalmente as que são relacionadas às supressões de certos articuladores sintáticos, fenômeno conhecido como “fala telegráfica” (cf. Mira, 2007).

Em função de seus aspectos coesivos e reorganizadores no decurso da produção textual é que nos detemos sobre a hesitação e a repetição em nossa discussão teórica referente ao desenvolvimento e gestão do tópico discursivo. Tais fenômenos, cumpre salientar, são igualmente relevantes para a organização e gestão da dinâmica de turnos na conversação.

Os dois mecanismos constituem um importante fator de movimentação linear dos tópicos, de estruturação interna de um tópico, denominados como as marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos tópicos (Koch et al., 1992).

Cabe destacar que tópico, definido a partir do enfoque textual-interativo a partir das propriedades de centração e organicidade, é uma categoria de análise abstrata, primitiva, que permite ao analista recortar os segmentos tópicos em textos orais. Neste sentido, Jubran esclarece que:

portanto, os segmentos que compõem um texto são identificáveis fundamentalmente pelo princípio de *centração*, e *podem eventual e complementarmente, serem limitados por marcas linguístico-discursivas de abertura e fecho dos tópicos* (2006c: 119). – [ênfase adicionada]

Em suma, a centração é a propriedade que permite delimitar o tópico, identificá-lo a partir das relações semânticas entre os referentes mais relevantes e pontuais no discurso. Em outras palavras, é a centração que permite ao analista identificar com maior clareza aquilo que é falado no discurso. Os traços desta propriedade são, na realidade, as ferramentas para demarcar as marcas textuais que dão contornos nítidos a um conjunto de referentes coerente e organizado na superfície do discurso oral. A propriedade de organicidade está relacionada mais diretamente à dimensão interacional do tópico, à função que o tópico desempenha na organização do discurso oral.

A topicalidade se manifesta, então, conforme argumentam Maynard (1980) e Marcuschi (1998) como o grande fio condutor da atividade discursiva, que organiza a aparente fragmentação da fala. Além da topicalidade desempenhar tal papel na organização de textos falados, ela é um fator influente na construção de *objetos-de-discurso*, na construção situada e conjunta do sentido, a *referenciação*.

Os dados de sujeitos afásicos em situações conversacionais com sujeitos não afásicos revelam de uma maneira extremamente interessante os processos referenciais, pois se tem neles a possibilidade de verificar empiricamente toda a negociação coletiva em torno da referência, da construção dos objetos discursivos e do percurso tópico nestes dados. Morato (2003) aponta para essa peculiaridade dos dados dos sujeitos afásicos e também para os fatores que entram em jogo nas atividades referenciais:

[...] a referenciação pode ser entendida como um fenômeno discursivo que marca enunciativamente os processos de significação nela envolvidos. Pressupondo e transcendendo o linguístico, a noção aventa a existência e o trabalho de várias semioses co-ocorrentes. O que pode se tornar problemático nas patologias da linguagem é precisamente a consideração do conjunto a seletividade dos diferentes fatores implicados na referenciação, sobre os quais os sujeitos se apóiam e trabalham coletivamente para dar inteligibilidade às coisas do mundo. É possível observar nas atividades referenciais de sujeitos com afasia, por exemplo, como se constroem de maneira solidária os processos linguísticos e não-linguísticos ou entre as várias competências (lingüística, comunicativa, discursiva, pragmática) de que os sujeitos são dotados, ou entre os muitos movimentos de convergência e divergência dos intuitos discursivos (ver Bakhtin, 1929) que ocorrem na rede de significações que se vai construindo na interlocução (Morato, 2003:578-79).

Conforme argumenta a autora, as atividades referenciais realizadas pelos sujeitos afásicos revelam movimentos intersubjetivos de convergência e divergência que são estabelecidos nas situações concretas de uso da linguagem. Esses movimentos são materializados discursivamente pela centração dos segmentos tópicos e a formas de organização destes segmentos na conversação.

A coerência entre os tópicos é construída ao longo das trocas de turno pela colaboração dos falantes. A coerência tópica e as trocas de turnos são os fatores que possibilitam a *progressão tópica* em função da projetabilidade dos turnos. Há uma projeção de possibilidades que um elemento do turno antecedente desencadeia em relação ao próximo turno, de modo a estruturar a conversação.

A relação de interdependência entre os turnos é sustentada pelo entrosamento interativo entre os interlocutores, que procuram articular suas falas e mantê-las coesas e coerentes em relação a um conjunto de segmentos tópicos, salientando-se num dado momento do evento comunicativo. No entanto, o desenvolvimento de um tópico não decorre somente em função do encadeamento de turnos, mas também em função da *progressão referencial*, que diz respeito “à introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às estratégias de designação de referentes ou formando o que se pode denominar cadeia referencial” (Marcuschi, 2006a: 21).

1.3 A articulação do aparato teórico-metodológico: Análise da Conversação e Linguística Textual

Ao longo do Capítulo 1, mencionamos o domínio empírico desta pesquisa e destacamos as duas categorias nucleares que subsidiam a análise de nosso *corpus*. Observamos também os princípios gerais que fundamentam o campo da Análise da Conversação, no intuito de compreendermos o sistema de troca de turnos proposto por SSJ (1974).

Pudemos observar também a problematização de alguns autores desenvolvida no âmbito da AC a respeito do funcionamento desse sistema de troca de turnos, que foi concebido a partir de unidades sintáticas que regulam os movimentos de passagem e tomada de turno. Na concepção de SSJ (1974), assinalamos, o sistema funciona a partir de pontos sintáticos que possibilitariam a constituição das unidades construcionais de turnos (UCT), responsáveis pela função de sinalizar aos falantes o momento oportuno das mudanças de turno na conversação. Tal concepção gera, de acordo com os críticos desse tipo de perspectiva que toma a interação muito localmente:

o interesse apenas pelas relações sociais “mais miúdas”; a ingenuidade na concepção das relações entre sujeitos; a preocupação com o processo de interação entre falantes, em detrimento do exame sintático dos procedimentos de constituição ou organização textual (Leite et al., 2010: 51).

O quadro que se forma diante de tal percepção indica uma tendência em atribuir à língua, e a todos os seus níveis, a capacidade de organização da conversação. O interesse da AC em atribuir à sintaxe o papel do elemento linguístico norteador da

organização da conversação pode residir no fato de que muitos autores utilizam o aparato das categorias gramaticais (provenientes do inglês americano) para constituírem um quadro metodológico capaz de explicar as trocas conversacionais em todas as culturas. Soa um pouco contraditório, sem dúvida, constatar que a AC investe “suas fichas” apenas nos fatores linguísticos para a compreensão da conversação, em função de uma visada essencialmente interacional reivindicada por esse domínio interdisciplinar.

Tal posicionamento parece contraditório pois os aspectos interativos e pragmáticos são praticamente negligenciados no aparato analítico (semelhante ao que Goffman chama de a *situação negligenciada*, em um artigo originalmente publicado em 1964), e também porque a conversação não é somente a realização de um sistema de trocas mensurável a partir de unidades linguísticas, mas sim uma prática social e interativa.

Outro ponto que suscita controvérsias em relação a essa visão da AC diz respeito à influência “praxeológica” da Etnomedologia nos estudos da interação humana, que toma os indivíduos como “metodólogos” de suas ações (cf. Morato et al., 2005). A inspiração da Etologia e das ciências naturais, em certa medida, acabam por afastar as bases de cunho sociológico e interpretativo dos estudos em torno da linguagem em interação.

No interior de estudos da AC, a constituição das UCT visa investigar a configuração linguística responsável pela organização dos turnos. Os estudos de Selting (1996) (2000) investem na hipótese do “empacotamento” prosódico dos pontos sintáticos favoráveis às trocas de turnos. Já o estudo de Ford & Thompson (1996) insere a possibilidade das trocas de turno ocorrerem em pontos de convergências de aspectos sintáticos, prosódicos e pragmáticos, que as autoras denominam como os *lugares complexos de transição dos turnos*.

Um estudo que intensifica o debate acerca da materialidade das trocas de turnos é trabalho de Ford, Fox & Thompson (1996). Nesse trabalho, as autoras argumentam que os possíveis pontos de finalizações dos turnos estão arraigados na sequencialidade e na construção conjunta de sentido imbrincados no ato conversacional. É justamente este argumento que inspira nossa pesquisa e, conseqüentemente, os parâmetros teórico-metodológicos empregados na análise dos turnos dos episódios conversacionais do nosso *corpus*.

Ao analisarmos o percurso que a noção de turno conversacional apresenta no campo de estudos da AC e a natureza de nossos dados, o argumento de Ford, Fox &

Thompson (1996) demonstra ter força não só para negar a primazia sintática responsável pela funcionamento do sistema de troca de turnos, mas também por situar os aspectos semânticos e discursivos como elementos responsáveis pela organização da conversação. Em outras palavras, o argumento das autoras possibilita que examinemos a conversação como um fenômeno situado do ponto de vista social, contextual e pragmático, o que é condizente com os objetivos deste trabalho e com as peculiaridades de nosso *corpus*.

Cabe ressaltar que as práticas conversacionais do CCA, a serem descritas mais adiante, são carregadas intersubjetivamente de sentido cultural denso, circunstanciado local e historicamente. Portanto, considerar a materialidade dos turnos conversacionais somente a partir do vista sintático ou prosódico é, de certa forma, negar que os fenômenos de linguagem podem ser investigados a partir da relação da língua com o mundo externo, marcado fundamentalmente pelas condições heterogêneas e múltiplas que forjam as mais diversas ações em que os sujeitos se inscrevem cotidianamente. Em outras palavras, isso significa desconsiderar a interação como:

(...) uma das categorias de análise dos fatos da linguagem, e não apenas o *locus* onde a linguagem como espetáculo. (...) Desse modo, ela é capaz de indicar que toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve num quadro social do mundo, submete-se às regras da gestão histórico-cultural, não é nunca ideologicamente neutra. (...) Essa ponderação indica que também a interação – e tudo que é afeito a ela – produz sentido, o sentido é a produção da interação: o outro nos é necessário para sabermos o que estamos a dizer, e mais, para construirmos o sentido daquilo que estamos a dizer. Nesse aspecto é que a interação – enquanto categoria de análise – por ser um elemento de distinção e definição do sentido é capital para a compreensão das tarefas interpretativas (Morato, 2004: 315-16).

A hipótese de Ford, Fox & Thompson (1996), ressalte-se, não nega o legado dos estudos da AC. Pelo contrário, ela nos proporciona a possibilidade de tecer críticas à rigidez ao empirismo da AC sem abandonar o *locus* privilegiado de organização da conversação constituído pelo turno e que foi objeto de desse campo de estudos. Há muitas críticas, que devem ser mencionadas, em relação à abstração da face discursiva da conversação e dos alinhamentos próprios da atividade interativa face a face que são desempenhados pelos falantes. Tais críticas podem ser sintetizadas no fato de que:

a Análise Conversacional parte, em geral, de dados empíricos em situações reais e peca, muitas vezes, pela falta de uma teoria mais ampla do discurso ou do texto que permita o exame dos procedimentos e de seus efeitos interacionais no quadro de uma organização discursiva e mais completa. Isso explica os diálogos interdisciplinares que se estabeleceram em vários lugares e, em particular, no Brasil, entre a Análise da Conversação e outros estudos do texto e do discurso, tal como acima mencionado. Essas relações teórico-metodológicas resolveriam a questão da falta de uma proposta de análise mais completa no quadro da Análise da Conversação (Leite et al., 2010: 51).

A falta de atenção à discursividade e aos efeitos da organização interativa dos episódios conversacionais possibilitou o surgimento no Brasil de uma vertente da Análise da Conversação que conjuga os postulados da campo da Linguística Textual. Essa vertente, da qual as pesquisas de projetos coletivos como o NURC³¹ e a Gramática do Português Falado³² são exemplares, propõe-se à análise da conversação a partir da perspectiva interativo e textual que estão imbrincadas no processos de constituição dos textos orais. É em função dessa convergência que o enfoque interativo-textual permite-nos analisar de forma consistente as marcas textuais da construção do discurso no fluxo interacional da conversação. Assim, elegemos o enfoque interativo para embasar nossas análises. Acreditamos que essa opção teórica-metodológica seja capaz de demonstrar a relação das dinâmicas de turnos e a movimentação tópica nas diferentes configurações interativas que o nosso *corpus* apresenta.

Entretanto, a escolha do enfoque textual-interativo não significa, nesta pesquisa, excluir os resultados das pesquisas da AC que visam a esclarecer a configuração linguística dos turnos. Conforme argumentamos acima, alguns estudos da AC, como, por

³¹ O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior. O Projeto NURC tem caráter conjunto e coordenado e se pauta pelos mesmos princípios metodológicos nas cinco cidades. Os informantes são dos dois gêneros, distribuídos por três faixas etárias — I-25 a 35, II-36 a 55 e III-de 56 em diante —, e nascidos na cidade objeto de estudo, na qual devem ter permanecido pelo menos três quartas partes de sua vida. O *corpus* constituído em cada cidade compreende três diferentes categorias de texto: elocuições formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). O *corpus* nacional constitui-se de um total de 1.870 inquéritos gravados, perfazendo, aproximadamente, 1.570 horas de gravação. Fonte: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibNurc>. Acesso em 26 de janeiro de 2012.

³² O Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) foi iniciado em 1988. Coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho, o projeto congrega pesquisadores das mais importantes universidades brasileiras e tem por objetivo descrever o português falado no Brasil, com foco nos aspectos textuais, sintáticos, morfológicos, fonológicos e lexicais do português falado por brasileiros cultos em cinco grandes capitais. O PGPF produziu oito volumes da *Gramática do Português Falado*.

exemplo, a pesquisa de Ford, Fox & Thompson (1996), admitem a influência dos fatores natureza pragmática na organização da conversação. Assim, podemos considerar que a investigação da organização textual e interativa é também uma viés de análise que interessa ao campo de estudos da AC.

O enfoque textual-interativo será utilizado em nossas análises para contemplar tantos os fenômenos relacionados ao turno conversacional, quanto os que dizem respeito ao tópico discursivo. A opção pela noção de tópico discursivo, tomado a partir do enfoque textual-interativo, indica algumas pistas para o esclarecimento desta relação devido ao:

caráter interativo da atividade discursiva torna-se altamente evidente nesse processo de manutenção tópica. Para que o falante/escrevente consiga concretizar seu projeto de dizer faz-se necessária a colaboração do ouvinte/leitor; isto é, faz-se necessária a sua inserção no mesmo contexto sócio-cognitivo do produtor; o partilhar de conhecimento entre ambos, o esforço cognitivo do co-enunciador no sentido de produzir inferências; enfim a disposição para “negociar” o sentido (Koch & Penna, 2006b: 25).

A relação entre fatores textuais (a materialidade linguística do tópico) e interacionais (os turnos) nas atividades do CCA constitui o objetivo primordial de nossas análises. O desafio que surge diante desse objetivo é explicitar em que medida os fatores interativos atuam e influenciam o desenvolvimento do tópico, e vice versa, já que tal influência ocorreria de forma inversa, ou seja, a movimentação tópica imprimiria algum tipo de configuração nas dinâmicas dos turnos.

A partir dessa premissa, buscamos na análise do *corpus* demonstrar as formas pelas quais os sujeitos afásicos manipulam tais estruturas conversacionais, a fim de demonstrar a emergência de uma competência de natureza textual-interativa que os permitem participar de forma ativa dos encontros do CCA como seres da linguagem e atores sociais.

No próximo capítulo, procederemos à descrição do CCA e às peculiaridades do nosso *corpus*. Nosso objetivo no próximo capítulo é explicitar as principais características do funcionamento do CCA e o seu modo de organização interativa, que são os fatores responsáveis pelo recorte dos dados e também pelos procedimentos metodológicos selecionados para o desenvolvimento deste trabalho.

O Centro de Convivência dos Afásicos

Fruto de uma ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e do Departamento de Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem (IEL), ambos da UNICAMP, o Centro de Convivência de Afásicos surgiu em 1990 com o intuito de proporcionar aos indivíduos acometidos pelas afasias uma rotina expressiva de experiências comunicacionais cotidianas, de forma diferente dos moldes tradicionais. Nas palavras de Morato, o objetivo do CCA é:

desmedicalizar o entendimento das afasias, de abrir possibilidades de estudos neurolinguísticos num contexto de práticas efetivas com a linguagem, além de estabelecer um espaço de reflexão entre pesquisadores e afásicos e seus familiares em torno dos impactos psicossociais da afasia. (Morato, 2005: 245).

O CCA foi concebido como um espaço de interação para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos a fim de contribuir para o maior entendimento da condição de afásico, e oferecer alternativas para a reintegração social desses sujeitos pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência onde pesquisadores e alunos de pós-graduação desenvolvem pesquisas que abrangem a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro, cognição. Os sujeitos afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de

assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (Morato et al., 2002).

As afasias, *grosso modo*, são sequelas na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), um traumatismo crânio-encefálico ou um tumor cerebral. O que estas sequelas acarretam ao indivíduo são dificuldades nos processos de produção e compreensão de linguagem. As dificuldades afetam a linguagem em seus vários níveis: no nível fono-articulatório (a dificuldade de articular e produzir sons), no nível sintático (a dificuldade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente”); no nível lexical (dificuldade de acesso às palavras) e no nível semântico (dificuldades de produção e interpretação do sentido dos enunciados). Morato (2001) exemplifica as dificuldades que os diferentes tipos de afasia impõem aos sujeitos:

Do ponto de vista linguístico (língua oral e escrita), podem-lhe faltar as palavras de maneira importante (anomias, dificuldades de selecionar ou evocar palavras), o que resulta muitas vezes em substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou de partes delas (são as parafasias que têm diversas naturezas: fonético-fonológicas, semânticas, morfológicas), longas pausas ou hesitações, muitas vezes seguidas de desalento, abandono do turno da fala ou do tópico conversacional, bem como a perda do “fio da meada”; pode também acontecer de sua fala resultar muito laboriosa (alterações apráxicas, fono-articulatórias) ou ter um aspecto “telegráfico”, em função de dificuldades de ordem sintática (como o agramatismo) ou semântico-lexical (como as dificuldades de encontrar as palavras) (Op. cit: 155).

Apesar das afasias acometerem a linguagem dos sujeitos em diferentes graus de severidade e deixá-los, sem dúvida, em uma situação instável do ponto de vista linguístico, cognitivo e social, geralmente, o afásico não perde a memória sobre os vários usos e funcionamentos da linguagem nas situações cotidianas, tais como a interpretação de provérbios e expressões idiomáticas usadas no dia-a-dia (Cazelato, 2003). Em outras palavras, o indivíduo acometido pela afasia não deixa de desempenhar atividades que dão “forma ao conteúdo variável de nossas experiências, o trabalho de construção, de retificação do vivido, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera a realidade e constitui a realidade como um sistema de referência em que aquele se torna significativo” (Franchi, 1977: 22).

Não é possível abstrair ou atenuar as sérias implicações que a afasia acarreta na

vida dos sujeitos em vários sentidos. No entanto, é necessário considerar as possibilidades que os afásicos preservam de agir sobre os recursos que lhes restam para interagirem e produzirem de outras maneiras seus discursos (Camerin, 2005). As interações do CCA instigam-nos, justamente, a investigar os aspectos conversacionais e cognitivos envolvidos na organização interativa do grupo e, principalmente, nas práticas sociais e linguísticas em que os sujeitos cérebro-lesados estão inseridos. Nessa conjuntura, temos a possibilidade de compreender o funcionamento das patologias da linguagem a partir da inserção dos afásicos numa estrutura interativa que busca evocar práticas cotidianas de linguagem. Assim, a afasia ganha outros contornos, que não se reduzem a sua carência metalinguística ou às alterações das formas de produção de enunciados. Dessa forma, a afasia torna-se:

(...) uma questão de linguagem; um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis linguísticos, isto é à língua. Envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos de alguma maneira a ela associados: envolve, dessa maneira, as práticas linguísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativamente humanas (Morato, 2000: 13).

Os trabalhos desenvolvidos no CCA, em grupo coordenado por Edwiges Maria Morato em conjunto com membros de seu grupo de pesquisa, são orientados epistemologicamente por uma abordagem interacionista, sociocognitiva, da linguagem e da interação, baseada em postulados de Vygotsky (1984) e de Tomasello (2003) segundo os quais não há possibilidades integrais de cognição fora da linguagem e nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos (Morato, 1996).

Conceber a linguagem a partir dessa concepção sociocognitiva, interacionista, possibilita um ganho no entendimento das relações entre linguagem e cognição por situar a compreensão das práticas psicossociais que envolvem a linguagem patológica no terreno da “cognição situada”, local e historicamente. Este posicionamento teórico-metodológico que embasa os trabalhos do CCA leva à forma de realização dos encontros semanais do grupo, nos quais os participantes afásicos e não-afásicos se engajam conjuntamente em atividades cotidianas de uso da linguagem e varias práticas sociais.

Assim, o CCA constitui-se de um espaço de interações onde as ações verbais são ações conjuntas, ou seja, onde usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação

na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros sujeitos (Clark, 1996).

A nosso ver, o CCA, em função dos seus objetivos e de seu modo de funcionamento, pode ser definido como uma “comunidade de práticas”, se o considerarmos como um cenário de práticas que possibilitam uma nova relação dos sujeitos afásicos com a linguagem, como um cenário de reconstrução da relação do afásico com a linguagem e como um espaço de reinserção social destes sujeitos.

2.1 – As atividades do CCA

O CCA é hierarquicamente subordinado diretamente à Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e o Instituto de Estudos de Linguagem. Os sujeitos afásicos membros do CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia da FCM, e o não afásicos são pesquisadores geralmente vinculados ao grupo de pesquisa Cogites, coordenado pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, Departamento de Linguística do IEL. Decorre desse fato, uma primeira categorização social dos membros, isto é: pacientes do hospital da universidade (“alguém de fora” do âmbito acadêmico, que não integra o aparato institucional do IEL, ocupando um determinado estatuto na UNICAMP: o de doente); e alunos, professores e pesquisadores já vinculados à instituição (ou seja, têm uma imagem previamente construída de detentores de conhecimento científico, competência técnica, responsabilidade profissional, etc.).

A fim de desmedicalizar as afasias, o espaço físico que abriga o CCA fica nas dependências físicas do IEL, localizado dentro do *campus*, estando a manutenção física e econômica do CCA sob a responsabilidade do IEL e da UNICAMP. Assim, apesar dos membros já terem um histórico consolidado de interações, persistem algumas convenções sociais e padrões de comportamentos relacionados a esse caráter institucional local do CCA. Tal aspecto encontra-se refletido de algum modo nas interações, agindo mesmo na organização da conversação.

Os encontros desse grupo do Centro de Convivência de Afásicos acontecem semanalmente, às quintas-feiras, em um prédio especialmente adaptado para tal finalidade, situado nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem. As atividades do grupo são iniciadas, geralmente, às nove horas, estendendo-se até aproximadamente

ao meio dia, desdobrando-se em duas partes principais, mediadas por uma pausa para o café preparado coletivamente: o Programa de Expressão Teatral e o Programa de Linguagem.

Frequentemente, os encontros são iniciados com a atividade de linguagem e terminam com a atividade de teatro. Entretanto, verificamos que, às vezes, essa sequência é alterada. Entre as duas atividades, independentemente da sequência, existe uma pausa para um “café”. É um momento de maior espontaneidade, no qual os participantes preparam juntos a mesa, compartilhando alimentos que trazem de casa. O ritual de “comer juntos” evidencia e aprofunda os rituais e os laços sociais e afetivos do grupo. Essa pausa faz parte da rotina interativa do grupo e marca a passagem de uma atividade para outra. Os encontros duram aproximadamente três horas, sendo que cada uma das atividades têm uma hora e quinze de duração e a pausa para o café cerca de meia hora. Segue abaixo uma descrição geral de cada uma dessas atividades.

As atividades do Programa de Linguagem procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro, e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como também relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo. Em outras palavras, tais atividades constituem um espaço “marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades linguístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem” (Camerin, 2005: 21).

Na realidade, tais atividades são situações concretas de práticas de linguagem. Longe da formalidade de outros tipos de intervenção com objetivos de natureza médica ou fonoaudiológica, o Programa de Linguagem busca evocar contextos de interação verbal que, na maioria das vezes, não fazem mais parte do cotidiano dos afásicos. O regaste de situações que desencadeiam a conversação, considerada um dos pilares da vida social, promove além do exercício das habilidades linguísticas, a reatualização dos elos sociais e cooperativos inerentes às rotinas humanas. Esse é o principal diferencial

das atividades de linguagem promovidas no/pelo CCA em relação a grupoterapias tradicionais, que via de regra visam à normalização das formas lingüísticas e aos comportamentos padronizados.

As atividades de linguagem ocorrem, em geral, ao redor de uma mesa, onde os sujeitos estão dispostos numa situação razoavelmente comum: uma reunião informal para uma conversa sobre vários assuntos de interesse do grupo. O evento comunicativo “reunião” caracteriza-se pelo fato de se pressupor o direcionamento das atividades, sendo que a responsabilidade deste direcionamento recai sobre um (ou mais) participante (s) envolvido (s) nessa atividade. A figura a seguir ilustra um momento da disposição espacial dos participantes durante a interação.



Fig 1: Disposição dos integrantes do CCA durante as atividades do Programa de Linguagem em um dos encontros de 2004. No sentido horário: EF, MS, HM, SP, MN, EM, SI, NS e MR. Os rostos dos integrantes foram anonimizados para preservar a identidade dos participantes.

O Programa de Expressão Teatral, coordenado por uma profissional da área consiste em resgatar nos sujeitos afásicos os movimentos e a expressão corporal muitas vezes atingida pelos danos neurológicos. Essas atividades têm um tom lúdico, no interior das quais os afásicos, juntamente com o profissional de teatro, se lançam “em um jogo semiológico” de forma interativa: diálogos, monólogos, jogos dramáticos, práticas de comunicação verbal e não-verbal (movimentos corporais, expressão facial), realizadas conjuntamente pelos alunos-atores).

O objetivo dessas atividades é proporcionar aos afásicos a experiência da descoberta e redescoberta de suas potencialidades multisemióticas. A possibilidade do trabalho teatral com o sujeito afásico foi justamente fazê-lo compreender que pode lançar mão de várias semioses concomitantes, complementares, constitutivas, alternativas e compensatórias para se expressar neste mundo e com seus pares, pois outros sistemas simbólicos, afora a língua, também significam: “O surgimento e a tomada de consciência da co-ocorrência de semioses pôde desenvolver, ao mesmo tempo que a singularidade expressiva do sujeito, a tomada de consciência deste sujeito em relação à sua participação em sociedade” (Calligaris, 2007: 13).

A dinâmica do Programa de Expressão Teatral envolve atividades de reconhecimento da organização expressiva da pessoa cérebro-lesada e exercícios constantes de representação e reflexão as atividades e atitudes cotidianas. O Programa possuiu uma estrutura que divide as sessões em seis partes: instalação da proposta de trabalho; aquecimento (vocal e corporal) e exercícios de articulação e projeção da voz; exercícios de expressão corporal; jogos interativos de percepção espacial; jogos interativos de percepção do coletivo e do social; exercícios de criatividade e improvisação, como a proposta de realização de cenas realistas ou absurdas para fins de compreensão do processo interativo e expressivo e, por consequência, do processo teatral (Calligaris, 2007).

2.2 – Descrição dos integrantes do CCA no ano de 2004

A descrição a seguir dos sujeitos afásicos e não afásicos foi realizada com base nas informações referentes aos encontros do ano de 2004 que compõem o acervo de interações registradas em vídeo, denominado *AphasiAcervus*³³.

As descrições sobre os integrantes afásicos do CCA incluem informações gerais sobre eles, tais como perfil sociolingüístico e diagnóstico neurológico, bem como algumas observações sobre sua participação nas atividades do Centro. As descrições sobre os integrantes não-afásicos focalizam especialmente a formação profissional de cada um dos pesquisadores e sua participação no CCA. Muitas dessas informações, extraídas do *AphasiAcervus*, também se encontram nas teses de integrantes do grupo de pesquisa Cogites, como Macedo (2005) e Cazelato (2003), que também analisaram dados de sujeitos que freqüentam o CCA.

SP

SP é um senhor nascido em março de 1933, de origem italiana que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França, tendo se naturalizado francês. Desde seus vinte e poucos anos, SP, executivo aposentado de uma empresa multinacional, vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou com uma afasia expressiva e com uma hemiplegia³⁴ à direita, diagnosticadas no Hospital de Clínicas da UNICAMP. Sofreu novo AVC cerca de 30 anos depois, o que agravou seu quadro afásico.

Segundo SP, o terceiro de oito irmãos, todos falavam francês em sua família, tanto em casa, como fora dela, isto é, na escola ou em outras práticas sociais no país em que passaram a viver. De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora os pais fossem italianos. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter

³³ Os detalhes acerca da constituição material e técnica do acervo serão apresentados no capítulo 3.

³⁴ Paralisia muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (Rapp, 2001).

tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês e, ainda que seja o francês a sua “língua do pensamento”, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras ou expressivas: dificuldades de evocação, hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações³⁵ e parafasias³⁶ verbais e fonológicas *etc.* No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais perceptível, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, verbal e gestualmente, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit linguístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem para contornar as dificuldades de processamento lexical. SP demonstra ter uma grande integração com os outros participantes e é membro assíduo do CCA desde 1992.

IP

IP é uma senhora brasileira, destra, casada, enfermeira aposentada nascida em março de 1931. Em novembro de 1988, foi diagnosticada no Hospital das Clínicas da UNICAMP, após crises de dor de cabeça e tontura, uma estenose carotídea bilateral com arritmia cardíaca, ou seja, uma obstrução arterial crônica de carótidas. Ainda em novembro de 1988, IP foi submetida à cirurgia: uma endarterectomia arterial da carótida interna direita. Em dezembro do mesmo ano, ela foi à mesma cirurgia do lado esquerdo para ressecção do aneurisma. Foi diagnosticado um Acidente Vascular Cerebral

³⁵ Tendência de repetir o mesmo enunciado verbal em resposta aos diferentes estímulos (Rapp, 2001).

³⁶ Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados (Reisdorfer, 2006).

isquêmico da artéria cerebral média à esquerda, distúrbio vascular isquêmico parietal esquerdo. O quadro afásico de IP, diagnosticado no Hospital de Clínicas da UNICAMP, caracteriza uma afasia motora (expressiva) com discreta hemiparesia fácil à direita. No ano de 2004, IP, residente em São Paulo, participou esporadicamente das atividades do CCA.

SI

SI, nascida em novembro de 1940, é uma senhora nissei (paulista), casada e mãe de quatro filhos. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é quarta série do primeiro grau. Ela trabalhou no meio rural durante quase toda a vida, trabalhando como agricultora.

Segundo SI, sua língua materna foi o japonês, mas os irmãos falavam português. Com o marido japonês, sempre falou português. Antes do AVC, SI relata que entendia o japonês e compreendia alguma coisa da escrita dessa língua. Porém, após o AVC, perdeu esta capacidade.

SI sofreu um AVC hemorrágico em 1988. Na avaliação neuropsicológica inicial, realizada no Hospital de Clínicas da UNICAMP, SI apresentou discreta paresia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, apraxia³⁷ buco-facial e construcional, discalculia, paralexias.

Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente toma iniciativa de participar das discussões ou de introduzir tópicos ou de se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre na maioria das vezes quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado por outros afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação mais próxima.

³⁷ Apraxia é geralmente definida em termos clínicos como perturbação dos movimentos propositivos e da agilidade motora adquirida, que não pode ser atribuída a um problema motor primário ou a um déficit de compreensão (Boetz, 1987, *apud*, Freitas, 1997).

Na concepção de SI, o CCA, que é bastante assídua e receptiva, tem um caráter parecido com a experiência “escolar” (cf. Tubero, 2006), por interagir com colegas e desenvolver atividades que raramente experimenta em sua vida doméstica (ler, discutir assuntos variados, opinar, comentar, etc.). SI frequenta o CCA desde 1990.

EF

EF é um senhor natural de Uauá (BA), casado e pai de três filhos. Reside há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é superior, tendo feito o curso de Direito. Hipertenso, em 21/12/1988, apresentou queda súbita, com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao Hospital de Clínicas da UNICAMP. Observou-se hemiplegia à direita com predomínio em membro superior direito e alteração de consciência, decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico de origem embólica.

Sua linguagem espontânea, segundo informações de seu prontuário hospitalar, foi reduzida a estereotipias (“não, não”; “au-au”), utilizada em praticamente todas as situações comunicativas. Identificaram-se também alterações práxicas envolvendo os níveis lingual, labial e sub-glótico, que o impediam de executar movimentos voluntários sob comando. O diagnóstico neurológico inicial foi “afasia de Broca, predominantemente eferente”.

A produção oral de EF caracteriza-se por emissão de palavras isoladas, apresentando o que na literatura afasiológica é chamado de “estilo telegráfico”. A articulação da fala é laboriosa, gerando sequências ininteligíveis e, por vezes, criando segmentos que não pertencem ao inventário fonológico da língua portuguesa. Muitas vezes, EF necessita de *prompting* oral para produzir os itens que deseja produzir, recorrendo frequentemente à escrita como apoio para comunicar o que deseja ou para dar a entender os sentidos que produz.

Apesar do severo comprometimento de sua produção verbal, EF participa ativamente das discussões do grupo. Não são raras as ocasiões em que as inserções de EF, realizadas por meio de elementos não verbais, contribuem significativamente para o desenvolvimento do tópico. EF também produz vocalizações e algumas palavras curtas durante o turno de outros participantes, o que funciona como sobreposições de turno, demonstrando seu engajamento nas discussões do grupo.

Nas ocasiões em que EF não consegue se comunicar verbalmente, ele se vale de gestos faciais e expressão corporal, além de fazer uso da escrita e desenhos para tornar compreensível e relevante seu envolvimento nas atividades. EF participa do CCA desde 1990 e tem uma relação de boa convivência e familiaridade com os demais integrantes do grupo, afásicos e não-afásicos.

MG

MG é uma senhora brasileira, nascida em abril de 1948, destra, solteira. Antes de ser acometida pelo AVC, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando sequelas de Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia³⁸ à direita e apraxia oro-facial, diagnosticadas no Hospital de Clínicas da UNICAMP.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração e produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). Embora proceda a operações epilinguísticas, como correções e reformulações, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder, no início de seu quadro afásico, a processos inferenciais.

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são comuns seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família ou mesmo sozinha. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que muitas vezes servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical e atuar no fluxo e na coesão enunciativa.

³⁸ Perda da força muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (Rapp, 2001).

Como mantém um imóvel de veraneio em Bertiooga, MG viaja com frequência para o litoral durante os feriados prolongados, dirigindo seu próprio carro. Independente, demonstra ter uma boa relação com os familiares, especialmente os sobrinhos. De uma forma geral, MG mostra-se bastante ativa, tanto fora quanto dentro do CCA; no período que recobre o corpus focalizado nesta pesquisa, conseguiu tirar habilitação para dirigir e adquiriu um automóvel adaptado às suas necessidades. MG integra o CCA desde 2001.

JM

JM é um senhor brasileiro, destro, casado, nascido em março de 1933 na cidade de São Paulo (SP). JM tem o segundo grau completo e fez vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração (era vendedor, negociava produtos de papel, jornal, fazia encomendas e negócios por telefone).

JM fazia curso de marcenaria e especializou-se em marchetaria, o que o deixou bastante satisfeito. Em 17/11/2000, JM teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP em 23/09/ 2002, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica.

JM gostava de ler revistas, além de jornais (os quais assinava e lia no período que recobre o *corpus* da pesquisa) e livros policiais. Escrevia bastante “Telex” e cartas para clientes, mas não outros tipos de textos. Após o AVC, JM afirma que não mais consegue ler e apreciar a leitura como antes. Apresenta a escrita relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e/ ou parafasias e contaminações. Também apresenta dificuldades fono-articulatórias, produzindo parafasias fonológicas e semânticas, embora consiga comunicar-se de forma razoavelmente satisfatória.

JM demonstra estar integrado aos acontecimentos e fatos noticiados pela imprensa. Sempre participa das discussões agregando novas informações sobre os tópicos debatidos nas atividades de linguagem. Residindo em São Paulo, sua frequência no CCA não é muito constante. Participa do CCA desde 2001.

NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, dona de casa, nascida em dezembro de 1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado, NS apresentou um quadro de afasia transcortical motor decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. NS, além de afasia, apresenta um leve déficit motor à direita.

No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural na região. Em termos neurolinguísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, dificuldade de seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

A principal característica de NS, bastante falante e comunicativa, no CCA é a sua espontaneidade. Ela sempre participa das atividades demonstrando de forma clara sua percepção a respeito de fatos, acontecimentos que se tornam tópico das discussões. NS tem fortes vínculos com a família, especialmente com uma das filhas e um dos netos que moram perto de sua casa. Frequentemente, NS produz narrativas sobre o cotidiano de sua família. Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, realizando repetições e pausas preenchidas para garantir a coesão em suas narrativas.

NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre o tema discutido ou que apresentar sua opinião. NS mantém uma relação de amizade solidária com SI, a quem procura ajudar no desenvolvimento das atividades, e bom entrosamento com os demais integrantes do CCA. Participa do CCA desde 2001.

MS

MS é um senhor brasileiro, paulista, destro, nascido em janeiro de 1946, divorciado, professor de curso pré-vestibular, com nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. MS frequenta cinemas, teatros e apresentações musicais. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Também viajava bastante, segundo seu relato, inclusive para o Exterior.

Após o AVC, MS apresenta, como sequela, déficit motor à direita e afasia expressiva. Em exame clínico, realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP, foi diagnosticado, além de afasia, marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). Após o AVC, MS continua lendo (manchetes, textos curtos), porém, não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria³⁹ leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta em termos motores sua escrita, por ser destro.

A participação de MS nas atividades ocorre de forma muito descontraída. Ele é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor. MS é reconhecido no grupo pela expressão que lança mão sempre que aprecia algo de forma positiva (“ma-ra-vilha”), utilizada também pelos demais integrantes para expressar ênfase em determinadas situações. Demonstra ter bastante envolvimento e familiaridade com os demais integrantes do Centro, apesar de contar com menos tempo de permanência no grupo, o qual integra desde 2004.

MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em setembro de 1927, na cidade Riveira de Espanha, Portugal. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o

³⁹ A disartria abrange um grupo de alteração da fala que são resultantes de transtornos do controle muscular causadas por uma lesão do SNC ou periférica, havendo um certo grau de lentidão, incoordenação ou alteração do tônus muscular que caracterizará a atividade do mecanismo da fala (Rapp, 2001).

Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (*Word-finding-difficulty*) e produção de parafasias semânticas, sobretudo.

MN reside junto com um de seus filhos. Assídua e engajada nas reuniões do grupo, MN, contudo, expressa sempre que possível um grande descontentamento em relação a sua condição de afásica, sendo comuns seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar este descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações em relação ao que se discute ou planeja. Integra o CCA desde 2002.

MR

MR é uma senhora brasileira, nascida em março de 1971 na cidade de São Paulo (SP). Ela é secretária, segundo grau completo, casada, com filhos, residente em São Paulo. Com diagnóstico de aneurisma e posterior clipagem⁴⁰, MR foi encaminhada ao CCA em 2003 com diagnóstico de síndrome frontal leve (falta de iniciativa, lentificação motora, dificuldades de evocação verbal e de memória recente, apatia) secundária ao seu quadro clínico de base. Necessidades familiares e a boa evolução de seu quadro clínico fizeram com que MR retornasse a São Paulo e deixasse de frequentar as reuniões do CCA. À época de seu diagnóstico clínico (outubro de 2003), e posteriormente à sua cirurgia, os achados do SPECT (cintilografia de perfusão cerebral) sugeriam prováveis sequelas de eventos vasculares.

⁴⁰ A clipagem consiste em uma microcirurgia ou cirurgia aberta que interrompe o suprimento de sangue para o aneurisma cerebral através de um corte realizado por um clipe de metal (titânio).

Pesquisadora EM

Edwiges Maria Morato é Professora-Associada do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui graduação em Linguística pela UNICAMP e em Fonoaudiologia, pela PUC de Campinas. Seu mestrado e doutorado foram realizados na UNICAMP na área da Neurolinguística. Atualmente, orienta pesquisas nessa área e estudos que envolvem as relações entre linguagem e cognição.

Nas interações do grupo do CCA pelo qual é responsável, a professora Edwiges coordena as atividades do Programa de Linguagem. Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades e introduz os tópicos, distribuindo os turnos ao requerer dos participantes o envolvimento nas atividades planejadas e desenvolvidas conjuntamente. A professora integra a equipe do Centro de Convivência de Afásicos desde seu início, em 1989, e coordena o grupo analisado neste trabalho desde 2001 (atualmente há três grupos de afásicos e não-afásicos vinculados ao CCA, coordenados por docentes da área de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem).

Pesquisadora HM

Heloisa Macedo é fonoaudióloga, mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC-SP e doutora pela UNICAMP na área de Neurolinguística. Em seu doutorado, Heloísa foi orientada pela professora Edwiges Morato e abordou os processos de refacção textual na linguagem escrita dos sujeitos afásicos.

Durante o seu doutorado, Heloísa passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2000, a pesquisadora observou as interações do grupo através de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA. Posteriormente, Heloisa participou dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do grupo. A partir de 2003, ela passou a integrar o grupo, participando das atividades do Programa de Linguagem.

Na ausência da professora Edwiges, Heloisa assume o papel de coordenadora das atividades. Ressalte-se que Heloísa desenvolveu de 2007 a 2010 uma pesquisa pós-

doutoral a partir de trabalho desenvolvido com sujeitos afásicos do CCA, com supervisão da professora Edwiges Morato e financiamento da FAPESP.

Pesquisadora FC

À época de sua participação no grupo, Fernanda Cruz era mestranda em Linguística (IEL / UNICAMP).

Inicialmente, entre 1999 e 2000, Fernanda participava das atividades do Programa de Teatro e do Programa de Linguagem na condição de observadora responsável pelo registro audiovisual dos encontros. Em 2000, Fernanda passou a integrar o grupo e a participar das atividades do Programa de Linguagem. Devido a sua convivência com o grupo, Fernanda mantém durante os encontros uma relação próxima com os demais pesquisadores e com os sujeitos afásicos. Ela se divide entre as funções de interlocutora nas atividades do grupo e de responsável pelo registro audiovisual dos encontros.

Pesquisadora ET

Eliana Tavares é professora titular da Universidade Federal do Rio Grande. Em 2004, era aluna de doutorado orientada pela professora Edwiges Morato, e participava das atividades de linguagem no primeiro semestre daquele ano.

Pesquisadora JC

Juliana Calligaris é atriz, com formação em artes cênicas pela UNICAMP. À época de sua participação no grupo, era também graduada em Filosofia na mesma universidade. Pesquisadora de Iniciação Científica (CNPq) sob orientação da professora Edwiges, integrou a equipe do CCA de 2004 a 2007, sendo responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral. A pesquisadora, nas atividades do Programa de Expressão Teatral, procura integrar os sujeitos afásicos em situações lúdicas e dramáticas que exijam a comunicação, interlocução e o uso das expressões gestuais, vocais e corporais.

Além de ser responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral, Juliana também participa das atividades do Programa de Linguagem. A sua participação nestas atividades é caracterizada pela descontração e humor, sempre procurando engajar os demais integrantes, sobretudo os afásicos, nas discussões dos tópicos.

Pesquisador JT

José Tonezzi é ator, com formação em Artes Cênicas pela UNICAMP, Mestre em Educação pela mesma universidade e Doutor em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é professor adjunto na Universidade Federal da Paraíba. No período 2000 a 2004, José Tonezzi foi responsável pelo Programa de Expressão Teatral, tendo implantado a metodologia de trabalho que serviu de inspiração para os demais pesquisadores da área de Artes Cênicas que atuaram no CCA, por meio de atividades de reconhecimento da expressão corporal da pessoa cérebro-lesada e exercícios constantes de representação e reflexão as atividades e atitudes cotidianas. JT atuou no CCA até abril de 2004, sendo substituído pela pesquisadora Juliana Calligaris.

2.3 – O estatuto do CCA, segundo seus integrantes afásicos e pesquisadores.

A constituição do CCA é extremamente heterogênea. Os sujeitos afásicos têm diferentes idades, origens sociais, relações familiares, níveis de escolaridade e graus de comprometimento neurológico e linguísticos. Os pesquisadores, apesar partilharem os mesmos interesses de pesquisas, têm formações profissionais distintas.

Todos estes fatores provocam, naturalmente, diferentes tipos de participação. Entre os afásicos, observamos que alguns integrantes têm uma postura interativa mais ativa, outros mantêm uma relação amistosa com os demais integrantes devido ao tempo de convívio no grupo e outros, em função do comprometimento de linguagem, se valem da escrita e dos recursos extralinguísticos como os gestos e desenhos para participarem das atividades do Programa de Linguagem. Entre os pesquisadores, o tipo de participação também é distinto. Todos estão, claro, empenhados no mesmo objetivo: enfrentar o isolamento social, ampliar a recepção social sobre as afasias e proporcionar

aos afásicos situações de uso da linguagem e rotinas significativas da vida social. Entretanto, há pesquisadores cuja participação se volta mais para o registro audiovisual das atividades e formas de captação dos dados; outros se responsabilizam pelas anotações *em situ*; outros ainda ficam mais voltados à organização e condução das atividades.

Os traços de heterogeneidade presentes na constituição do grupo, nas formas de participação, não impedem que os integrantes do grupo reconheçam o papel que cada um exerce no grupo, e também o papel do CCA no cotidiano individual de seus integrantes. A propósito, em um dos encontros do grupo, NS comenta com os demais as dificuldades de comunicação e interação impostas não apenas pela afasia, mas também pela forma como o entorno social reage a ela. NS comenta que mesmo as pessoas com quem convive diariamente conversam com ela “só um pouquinho”. O trecho transcrito abaixo foi extraído do livro produzido pelos integrantes afásicos e não-afásicos do CCA intitulado: “Sobre as afasias e os afásicos: subsídios práticos e teóricos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos” (Morato et al., 2002):

NS: (após comentar que mesmo as pessoas com quem convive diariamente conversam com ela “só um pouquinho”) Sabe por que, não sabe? Eu num falo, sabe...Sabe por quê? A fala num deixa.(...)” Eu quero conversá, eu quero conversá, por que você num escuta?” Nê, aí ele falou: “Ah, que foi, que foi?”. Depois, (...) ele tá assistindo também...Depois: “Ah, vou durmi, vou, durmi”.

FC – E aqui no CCA, você acha que conversa?

NS: AQUI? Nossa Senhora! Aqui? Lá em casa eu sei...sozinha (...). Luana: “N, tal, N tal, tal”, conversando, errado, certo...Eu converso, né!

A fala de NS exprime a situação com a qual os sujeitos se deparam após o evento neurológico: a dificuldade de interagir, de se comunicar com os familiares e pessoas próximas. Diante desta situação, o CCA constitui-se em um espaço onde é possível retomar a experiência sociocognitiva de interagir e, principalmente, compartilhar experiências pela convivência. É um lugar de “encontro que não significa necessariamente, o encontro absoluto entre seus interlocutores, mas justamente a diferença de pontos de vista, de olhares sobre o mesmo objeto ou sobre a situação de comunicação” (Tubero, 2006: 48).

O CCA também é visto pelos pesquisadores como um espaço de convivência, de interlocução. A pesquisadora Heloisa Macedo, a propósito, define seu papel neste espaço de convivência como “alguém que, às vezes, distribui funções, outras, que media conversas, outras vezes sou uma interlocutora como todos ali. E, quase sempre, procuro observar os fenômenos de linguagem no meu papel de pesquisadora” (comunicação pessoal).

O fato de o CCA ser um centro de convivência e não estar fundamentado sob uma concepção tradicional de grupoterapia proporciona condições nas quais os sujeitos afásicos podem desenvolver e reestruturar as competências relativas à linguagem através das práticas diferenciadas nele desenvolvidas. As práticas que nele ocorrem o tornam um espaço terapêutico no sentido de reflexão conjunta evocado pelo termo terapia. É também um espaço terapêutico porque oferece apoio aos sujeitos cérebro-lesados, uma alternativa terapêutica que visa situar a afasia não somente no campo das patologias, das restrições cognitivas, do ambiente clínico-hospitalar. O CCA adquire uma sólida dimensão social ao ser uma ação conjunta entre sujeitos afásicos e não afásicos a favor da recepção social responsável em relação à afasia e contra a exclusão e isolamento social. Em outras palavras, o Centro busca deslocar o sujeito afásico do terreno da morbidez e da falta para inseri-lo em espaços de convivência social.

Das práticas interativas surgem ações sociais concretas, tais como a reinserção dos afásicos na vida social, por meio de atividades cotidianas fora do CCA, como, por exemplo, frequentes visitas à cinemas, exposições de artes e pequenos passeios turísticos, visitas interpessoais, iniciativas específicas como o contato com outros grupos de afásicos, no Brasil e no Exterior, ou a confecção do “Jornal do CCA” e mesmo o livro de divulgação das afasias.

Um produto interessante do histórico de grupo e de suas práticas resultou na elaboração do livro *“Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos”*, que é também uma ação social por divulgar e informar sobre as afasias e seus efeitos psicossociais, suas consequências e responsabilidades, bem como a busca de alternativas terapêuticas mais engajadas em termos ético discursivos, voltadas aos problemas enfrentados cotidianamente pelos afásicos e seus familiares (Morato et al., 2002).

2.4 – O CCA como uma “comunidade de práticas”

Surgido inicialmente no campo da Psicologia Social, o conceito de comunidade de práticas (doravante CP) é um componente de uma teoria social de aprendizagem (Lave & Wenger, 1991). Em meados da década de 90, esse conceito começa a ser utilizado nas teorias de construção social da identidade, principalmente em trabalhos que investigam a relação entre linguagem e gênero por meio de dados conversacionais (Eckert & McConnel-Ginnet, 1992; Eckert, 2000; Holmes & Meyerhoff, 1999). O termo *Comunidade de Práticas* foi introduzido na Sociolinguística, nas pesquisas de linguagem e gênero, inicialmente, por Eckert & McConnel-Ginnet (1992), baseadas em Lave & Wenger (1991):

Um grupo de pessoas que se reúnem em torno de compromisso mútuo, em um empenho. Formas de fazer algo, maneiras de falar, valores, poderes de relações – em suma – práticas que emergem no curso desse empenho mútuo. Como um conceito social, uma Comunidade de Prática é diferente da comunidade tradicional, primeiramente porque ela é definida simultaneamente pelo conjunto de seus membros e pela prática em que os membros se comprometem (1991: 464).⁴¹

Wenger (1998) reformula o conceito, numa crítica aos modelos tradicionais de aprendizagem que requerem dos aprendizes a assimilação de conteúdos em ambientes artificiais, como as salas de aulas. A crítica construída por Wenger baseia-se no argumento de que a aprendizagem é um aspecto natural e inevitável da vida, sendo fundamentalmente um processo social. Para entender a definição de comunidade de prática desenvolvida por Wenger, é necessário situar a noção de prática utilizada pelo autor:

O conceito de prática implica ação, mas não apenas ação por si só. É ação em um contexto histórico e social que dá estrutura e significado ao que fazemos. Nesse sentido, a prática é sempre prática social (1998: 47).⁴²

⁴¹ An aggregate of peoples who come together around mutual engagement in a endeavor. Ways of doing things, ways of talking, values, power relations – in short, practices – emerges in the course of this mutual endeavor. As a social construct, a CofP is different from the traditional community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages (1991: 464).

⁴² The concept of practice connotes doing, but not just doing in and itself. It is doing in a historical and social context that gives structure and meaning to what we do. In this sense, practice is always social practice (1998: 47).

Baseado nesta noção de prática, o autor refina o conceito de comunidade de práticas, atribuindo-lhe três propriedades fundamentais:

- 1) Engajamento mútuo; 2) um empreendimento comum; 3) um repertório de recursos negociáveis compartilhados acumulados ao longo do tempo (1998: 73).

⁴³

Wenger considera que as práticas não se referem somente às ações dos indivíduos, mas sim às ações que carregam sentidos sociais que eles produzem num determinado contexto social e historicamente situado. Para o autor o conceito de prática:

não se insere ao lado de dicotomias tradicionais que separam desempenho de conhecimento, manual de mental, concreto de abstrato. O processo de comprometer-se na prática envolve a todo o indivíduo, ambos desempenho e conhecimento. (...) O termo prática é, às vezes, usado como um antônimo para teoria, idéias, ideais, ou fala. Entretanto, meu uso do termo não reflete a dicotomia entre o prático e o teórico, ideais e realidade, ou fala e ação. As comunidades de prática incluem todos esses, mesmo se às vezes houver discrepâncias entre o que dizemos e o que fazemos, o que aspiramos e o que aceitamos, o que sabemos e o que conseguimos manifestar. Nós todos temos nossas teorias e formas de entender o mundo e nossas comunidades de prática são os lugares onde nós as desenvolvemos, negociamos e compartilhamos (Wenger, 1998: 47-08). ⁴⁴

Wenger admite que a noção de prática que sustenta seu conceito se distingue das concepções tradicionais por não dividir o agir do saber, o manual do mental e o concreto do abstrato. Segundo o autor, a inserção nas práticas de uma comunidade conjuga simultaneamente os aspectos práticos e teóricos da ação e também requer, sobretudo, processos de negociação coletiva que envolve aquilo que os sujeitos pensam e as suas formas de agir.

A esta noção de prática assumida por Wenger, agregamos as contribuições dos estudos de cunho sociológico e linguístico de Hanks (1996), baseados em uma rediscussão da teoria da prática (Bourdieu, 1982, Giddens, 1989). Para Hanks (1996), a

⁴³ 1) mutual engagement; 2) a joint enterprise; 3) a shared repertoire of negotiable resources accumulated over time. (1998: 73).

⁴⁴ More generally, my usage of the concept of practice does not fall on side of traditional dichotomies that divide acting from knowing, from manual from mental, concrete from abstract. The process of engaging in practice always involves the whole person, both acting and knowing. (...) The term practice is sometimes used as an antonym for theory, ideas, ideals, or talk. However, my use of the term does not reflect the dichotomy between the practical and theoretical, ideals and reality, or talking and doing. Communities of practice include all of these, even if there are sometimes discrepancies between what we say and what we do, what we aspire to what we settle for, what we know and what we can manifest. We all have our theories and ways of understanding the world and our communities of practice are places where we develop, negotiate, and share them (Wenger, 1998: 47-08).

compreensão das formas pelas quais os sujeitos agem com e sobre a linguagem implica também a compreensão dos padrões, hábitos e esquemas que moldam as práticas. Assim, o autor propõe uma abordagem das práticas comunicativas a partir da compreensão de duas dimensões: os aspectos estruturados e os aspectos emergentes das práticas. Os aspectos estruturados dizem respeito às rotinas, aos hábitos que os sujeitos têm acesso e por meio dos quais moldam suas ações. Por sua vez, os aspectos emergentes são aqueles novos aspectos que não estão consolidados nas práticas e que se constituem no decorrer das ações interativas. Os aspectos emergentes e os aspectos estruturados conjugam-se mutuamente nas práticas⁴⁵. Nas palavras de Hanks:

O objetivo é generalizar através de práticas verbais, trazer juntas as características que são repetíveis, assim como distinguir as que não são. A primeira característica nós chamaremos de aspectos esquemáticos. Eles implicam aspectos de práticas relativamente estáveis, pré-fabricados que o indivíduo tem acesso a eles para entrar em um compromisso. (...) Em contraste com os aspectos esquemáticos estão os emergentes. Por esse eu quero dizer aquelas partes de práticas que emergem durante o curso de ação, como parte da ação. Aspectos emergentes não são dados aos agentes antes de seu comprometimento nem são pré-fabricados ou estáveis. “Eles estão no processo” (1996: 233).⁴⁶

Adotaremos em nossas análises a noção de prática que Wenger (1998) assume, à qual vincularemos a análise de aspectos emergentes e estruturados que moldam as práticas conforme preconiza Hanks (1996). Em função dos resultados obtidos no âmbito de nossa dissertação de mestrado, bem como do *corpus* da presente pesquisa, constatamos que os fatores comunicativos mais proeminentes nas atividades do CCA são

⁴⁵ As práticas sociais podem ser entendidas como procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executados apropriadamente pelos agentes sociais. Se a vida social se distingue da natureza pelo desempenho das práticas sociais, então a base dessa distinção consiste nas habilidades e recursos requeridos para se desempenhar uma dada prática (Giddens, 1984 *apud* Bentes, 2006).

⁴⁶ The aim is to generalize across verbal practices, to bring together those features that are repeatable, as distinct those that are not. The former we will call *schematic* aspects. They imply relatively stable, prefabricated aspects of practices that actor have access to they enter into engagement. (...) Opposed to schematic aspects are emergent ones. By this I mean those parts of practices that emerge over the course of action, as part of action. Emergent aspects are not already given to agents prior to their engagement are not neither prefabricated nor stable. They are in process” (1996: 233).

a dinâmica do turno conversacional e os fenômenos relacionados ao desenvolvimento tópico.

Esses fatores parecem estar intrinsecamente ligados à configuração dos encontros semanais do CCA que, devido a sua organização social e suas atividades cotidianas, pode ser considerado como uma comunidade de práticas, uma realidade linguístico-interacional que tem a ver com o incremento e a visibilidade de competência comunicativa de afásicos.

Passemos agora à exposição das propriedades de engajamento mútuo, empreendimento comum e de recursos compartilhados. Junto a esta exposição das propriedades do conceito de comunidade de práticas, realizaremos, preliminarmente, uma breve identificação destes fatores nas interações do CCA.

A primeira delas é o engajamento mútuo (*mutual engagement*) que diz respeito à disponibilidade dos sujeitos de se reunirem semanalmente em função de um objetivo comum. Segundo Wenger (1998), as práticas de uma comunidade existem pelas relações de engajamento mútuo de seus membros, e é por meio desta relação de engajamento que ocorrem os alinhamentos das ações interativas entre os membros. O trecho⁴⁷ abaixo, extraído de um dos encontros do CCA, exemplifica a propriedade do engajamento mútuo:

1 **MN**: quantos anos você começou a falar
2 **MG**: quantos qu:::e co...meçou a cabalar?
3 **NS**: falar
((todos dizem: é))
4 **NS**: eu sei eu sei...mas eu
5 **JM**: [quantos anos... depois... quanto tempo você começou a falar?
6 **NS**: ai... deixa eu ver...três ano quatro ano cinco ano... cinco ano... pá trás eu não falava nada
---→ ((faz gesto com a cabeça))
---→ ((indica para trás com o braço)) 7 **JM**: [cinco a...nada nada
8 **NS**: não...agora um mês um mês não falava nada... um mês quase dois... falava nada nada nada
9 **JM**: um mês faz... um mês o quê?
10 **NS**: pa trás... não falava nada
---→ ((indica para trás com o braço))
11 **EF**: fala fala fala
12 **NS**: nada nada nada... que a... a Carla lá em casa... lá em casa... o Olavo... a Carla e o Venício ... a Carla e o Olavo fala... o Olavo também.. falo nada.. o Olavo... a Carla assim fala mãe ... fala N
13 **JM**: mas há cinco meses que você não... não... ah... depois do avc... depois do avc... você não falava nada?
14 **NS**: [fone

⁴⁷ Apenas para garantir a melhor visualização dos dados, a inicial em negrito indica que o participante da interação é um sujeito afásico.

15 **NS:** nada nada nada.. mas nada...muda mais muda muda muda

Nesse fragmento, a senhora afásica MN inicia o tópico da conversa, que versa sobre uma experiência comum a todos, a saber, os sinais de recuperação da fala logo após o episódio neurológico. Como de fato este é um assunto de interesse comum para o grupo, há logo o engajamento de todos os sujeitos afásicos no desenvolvimento do tópico em questão. Logo depois, NS assume o papel de narradora de sua experiência pós AVC, relatando suas consequências na vida familiar. Na linha 4, NS hesita em completar sua resposta à pergunta de MG; logo JM realiza uma sobreposição ao seu turno para promover uma reformulação da pergunta feita anteriormente (“quantos anos... depois... quanto tempo você começou a falar?”). Este procedimento de JM pode ser considerado um reajuste no fluxo interacional para assegurar uma continuidade do tópico, ou seja, a continuidade do relato da experiência comum que os une nas atividades do CCA.

A segunda propriedade do conceito de comunidade de práticas refere-se ao empreendimento comum, isto é, à negociação de objetivos partilhados pelos participantes no curso de uma determinada prática interativa. O empreendimento comum não é um objetivo compartilhado definido *a priori*. Pelo contrário, o empreendimento comum é o resultado de um processo coletivo de negociação entre os membros e que reflete o engajamento mútuo. Nas interações do CCA, podemos postular que o empreendimento comum configura-se, na realidade, no objetivo que norteia a existência do grupo: a reinserção dos afásicos em situações sociais e cotidianas que promovem o exercício de práticas de linguagem. Este é o empreendimento comum ao qual os participantes se engajam, sendo que ele resulta de um processo dinâmico de reatualização das práticas de linguagem a cada novo encontro. Assim, de acordo com Wenger (1998), o empreendimento comum das práticas interativas do CCA, a saber, o de reinserir os afásicos em situações cotidianas de linguagem, é continuamente perseguido por meio de constantes e intensos processos de negociação e de construção conjunta dos sentidos. O fragmento abaixo ilustra um exemplo de empreendimento comum: a inserção em práticas cotidianas de linguagem, como a discussão do noticiário da semana:

1 EM: entendeu...é de traição que também fala o samba né...pelo qual ele explica o que que ele fez...fala olha eu sei que (amo) você a Brahma mas foi a Nova Schin...((FC canta um trecho do jingle da propaganda em questão)) como alguém que

vem e volta depois...a cara da dona N...não gostou ((risos de 69 EM)). ((FC canta um trecho do jingle da propaganda em questão))

2 **MG** [você (é a favor?)]

3 **FC**: eu não sou não...eu acho que o Zeca Pagodinho pisou na bola

4 **MG**: [pisou e você pisou?
*-----

→* ((aponta o dedo em direção a HM e NS, aparentemente MG pergunta primeiro para HM e depois para NS))

5 **EM**:
[mas é essa a discussão ãh]

6 **MG**: ...por que?

7 **JM**: e você:::acha

8 **MG**:e...eu acho que sou...nor-mal ((risos))

9 **JM**: imagina uma coisa....se se...o seu...tra-balho anterior...você contratasse um cara...pra todos os serviços no interior e tal...etc e tal a...a...a...escrita...todos todos os os...papéis...e...imagina também a...não não vai ser...vou fazer com outro

10 **FC**: (SI)

11 **MG**: é...ser-viço

12 **EM**: isso é serviço né

12 **MG**: é serviço

Neste fragmento, podemos perceber o empreendimento no qual os sujeitos estão engajados, isto é, participar de situações cotidianas de uso da linguagem. Durante a discussão de notícias, exposição dos argumentos e o desenvolvimento do tópico e o posicionamento dos sujeitos frente à polêmica da discussão são as atitudes concretas que revelam o processo de reintegração dos sujeitos afásicos em situações cotidianas de uso da linguagem. Este exemplo ilustra o trabalho dos afásicos para alcançar esse empreendimento comum, ou seja, a participação em processos de construção/negociação de sentidos. Eles não acompanham passivamente a exposição de um tópico ou apenas concordam com determinados argumentos. Pelo contrário, os afásicos, durante as atividades do CCA, se deparam com situações nas quais constantemente se demanda deles um trabalho com e sobre a linguagem.

A última propriedade do conceito de comunidade de práticas, de acordo com Wenger (1998), é o repertório de recursos compartilhados que reflete o histórico das interações dos membros de uma comunidade de práticas. Em outros termos, isto diz respeito aos recursos mobilizados pelos sujeitos na interação para a construção do significado social. Essa é a terceira propriedade que constitui uma comunidade de práticas. Os elementos do repertório são heterogêneos. Os recursos de que os sujeitos lançam mão nas negociações coletivas não são de uma única natureza. Se analisadas separadamente, as negociações podem ser vistas como um conjunto de atividades distintas e incoerentes. Tais recursos, porém, ganham coerência e função definidas quando analisados no contexto de negociação de um objetivo comum.

O uso dos recursos compartilhados varia de acordo com o grau de severidade da afasia, ou seja, o nível de comprometimento da linguagem. Os sujeitos afásicos que têm um maior comprometimento de linguagem utilizam de forma mais acentuada alguns dos recursos acima mencionados. Os que têm um menor grau de comprometimento também mobilizam tais recursos e cooperam com os outros afásicos com maiores dificuldades, verbais ou não, de modo a incentivar sua participação nas atividades do CCA. O fragmento abaixo ilustra alguns recursos que são frequentemente utilizados nas interações do CCA:

88

18 **NS:** a Creuza é....é... prima deu ... mas quem... que trabaiava lá na coisa...
né... a... eu não conheço ...a

mulher... né... comanda aqui... sabe aqui... não mas... comanda aqui sabe... aí
né começamo a conversar
as mãos))

No fragmento acima, vale salientar que os recursos não-verbais utilizados por NS para narrar sua trajetória são significativamente explorados na construção da narrativa interacional. Por exemplo, nas últimas linhas do fragmento, quando JM a questiona sobre o local de seu tratamento fonoaudiológico (e você sempre com a... fono.... da...Suma-ré?/ su... dão... você não viria aqui)., NS se vale de toda uma gesticulação (gesto de negação com a cabeça, indicações com as mãos para apontar lugares), conjuntamente aos seus enunciados verbais, para produzir uma resposta à questão de JM. Este é um recurso muito utilizado pelos afásicos nas atividades do CCA, para contornar as dificuldades linguísticas, seja de articulação fonético-fonológica, de acesso lexical e/ou de supressão de palavras funcionais.

Acreditamos que em muito de seu funcionamento, e mais especialmente o assim denominado Programa de Linguagem, o CCA configura-se como uma comunidade de práticas (CP). Em sua constituição e funcionamento, temos: *i)* o engajamento mútuo, isto é, compartilhamento das formas de participação nos encontros regulares do grupo; *ii)* um empreendimento comum que se traduz até mesmo na denominação do grupo (Centro de *Convivência* de Afásicos) que é o de promover a convivência dos afásicos com outras pessoas, afásicas ou não, por meio de ações diversas negociadas no interior de suas práticas; *iii)* um repertório de recursos compartilhados ativamente utilizado nas interações do grupo, seja para construção conjunta do sentido, seja para a manutenção do empreendimento comum.

O ganho metodológico que o conceito de comunidade de práticas traz para este trabalho é a possibilidade de analisar as atividades do grupo, focando especificamente suas práticas sem promover a homogeneização de seus membros. Dessa forma, as atividades dos sujeitos para a realização deste empreendimento são, sem dúvida, heterogêneas. Apesar das práticas realmente proporcionarem a reunião de diferentes indivíduos, no entanto, isto não significa o apagamento das marcas da subjetividade e da inscrição sociocultural heterogênea inerentes a qualquer grupo social.

O engajamento dos participantes nas situações conversacionais ocorridas nos encontros semanais do CCA demanda a coordenação de uma enorme gama de ações que ultrapassam somente o mero exercício ou treino de habilidades linguísticas.

Os encontros semanais do CCA colocam diferentes sujeitos sociais, com conhecimentos de mundo e experiências sociais distintas, engajados num objetivo comum. O resultado dessa heterogeneidade é a diversidade de posicionamento nas atividades conversacionais, pois a própria conversação é uma prática interativa humana que não detém o caráter de simetria como condição fundamental. As conversações são processos propositais, em que os falantes executam ações coordenadas com a finalidade de atingir um objetivo comum. No entanto, apesar de haver ações coordenadas, o ato de conversar não significa necessariamente processos rigorosamente planejados e simétricos (Clark, 1996).

Ao analisar interações fundamentadas por práticas de linguagem, como é o caso dos *corpus* desta pesquisa, torna-se necessário considerar os diferentes papéis sociais exercidos pelos integrantes dos participantes do CCA, ou seja, de uma comunidade de práticas fundamentada no objetivo do exercício cotidiano de situações conversacionais. Sendo a conversação uma prática cotidiana que estrutura as mais distintas relações sociais, não haverá nesse tipo de interação uma simetria precisa ou perfeita, por meio da qual os falantes fazem uma completa abstração de suas identidades sociais (Tubero, 2006). Pelo contrário, a conversação é uma prática em que tais identidades são constantemente exibidas e reelaboradas.

Os integrantes do CCA, apesar de terem um traço social comum, ou seja, a condição de afásico, exibem identidades sociais heterogêneas em termos de idade, classe socioeconômica, procedência, escolaridade, profissão, variedade linguística, letramento, interesses culturais, *etc.* Em função disso, as interações do grupo sofrem influências diretas da heterogeneidade das identidades sociais dos integrantes. Em relação aos aspectos conversacionais, as formas de engajamento às práticas linguísticas e discursivas do CCA são constantemente influenciadas pelos processos de construção e exibição das identidades sociais. Em outras palavras, as identidades sociais que os participantes visam projetar e manter em meio às práticas desenvolvidas no CCA

influenciam diretamente a conversação e, conseqüentemente, a dinâmica das trocas de turno e as formas de desenvolvimento do tópico discursivo.

A heterogeneidade dos integrantes do CCA e os processos de exibição e consolidação de suas identidades são aspectos de suma importância para a análise de nosso *corpus*. Fatores como tempo de participação nas atividades, faixa etária, profissão, grau de escolaridade e letramento, procedência e relações familiares são peças-chaves para a compreensão dos elementos interativos e linguísticos postos em jogo durante as práticas cotidianas de linguagem desenvolvidas semanalmente no CCA.

É importante também levar em conta que há reconhecimento, por parte dos integrantes do CCA, de que há pontos de vistas convergentes ou divergentes entre eles, como ocorre em outros grupos sociais. Por meio de uma atividade complexa de negociação, os participantes encontram soluções para determinados “embates” interativos que afloram dos movimentos de coletividade e individualização envolvidos inevitavelmente na conversação. É possível perceber, pela observação do nosso *corpus*, que alguns participantes do CCA exibem frequentemente traços concretos de uma identidade social. Tais traços são constantemente reforçados e adquirem um *status* de uma marca de participação associada quase que de forma agregada à imagem, e, conseqüentemente, no padrão interativo de cada integrante. Por isso, é possível postular, tal como fazemos nesta tese, que há uma relação estreita e recíproca entre o traço mais saliente da identidade social e as formas de manipulação do turno e do tópico discursivo.

Alguns integrantes estabelecem uma relação estreita entre os aspectos heterogêneos de sua identidade e o papel exercido dentro do grupo, como se as formas de participação fossem uma espécie de “marca registrada”, condizente com a imagem projetada por cada integrante no grupo. Isso equivale dizer que os integrantes, durante a conversação, agem interativamente de acordo com o traço social mais proeminente de suas identidades. Nesse sentido, o CCA pode ser considerado:

um espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um, do afobamento do outro, da serenidade de um, da explosão do outro, do pânico velado de um, da sensatez do outro, da seriedade desconfiada de um, da ousadia do risco do outro, da mudez de um, da tagarelice de outro, do riso fechado de um, gargalhada debochada do outro, dos olhos miúdos de um, dos olhos esbugalhados do outro, de lividez do rosto de um, do encamado do rosto do outro. Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo provoca, educando o risco de ousar (Weffort, 1992: 23-24).

De acordo com que o autor destaca acima, torna-se necessária a elucidação de dois aspectos importantes: (i) uma reunião de pessoas constitui-se como grupo ao mobilizar uma rede de conhecimentos mútuos compartilhados, isto é, a propriedade do “repertório comum” preconizada por Wenger (1998), e o reconhecimento por parte de seus membros de uma identidade peculiar coletiva, que os diferencia na exterioridade do grupo; (ii) o reconhecimento dos papéis individuais relevantes para a manutenção do coletivo, ou seja, o desempenho de cada participante para o reconhecimento de uma identidade social compartilhada coletivamente.

Os dados da pesquisa indicam que há integrantes, por exemplo, que fazem questão de exibir uma imagem de membro experiente, que participa do CCA há mais tempo, que tem mais desenvoltura e familiaridade de participação nas práticas de linguagem, que procura ser sempre o integrante do grupo que acolhe de forma mais calorosa os mais novos, que graças à sua experiência profissional detém maiores habilidades comunicativas.

Em função desses traços, ressaltados constantemente em cada encontro, alguns integrantes realizam com maior frequência sobreposições aos turnos, entram na disputa pela palavra de maneira mais incisiva, estabelecem grupos paralelos de conversação, utilizam argumentos mais elaborados nos debates, fazem pequenas brincadeiras e piadas e participam mais ativamente do gerenciamento do tópico (promovendo mais progressões ou digressões, por exemplo).

Também há membros que, devido a fatores culturais ou experiências familiares, agem de forma mais contida e tímida, apresentando turnos mais curtos e ajustados à regra “cada um fala de uma vez”. Geralmente, participam do desenvolvimento tópico se houver uma solicitação mais direta, argumentam por vezes de maneira menos incisiva (emitindo apenas respostas curtas, como “sim” ou “não”); apesar de integrarem o CCA há muito tempo e de manter boas relações com todos no grupo, demonstram ter maior afinidade ou desinibição com determinados membros. Há também aqueles que agem espontaneamente desde seu ingresso no grupo, elaboram narrativas detalhadas de seu cotidiano, compartilham com o grupo detalhes da vida familiar.

Um dos primeiros passos em direção a uma compreensão mais apurada de nossos dados é a consideração de papéis sociais primários dos membros do CCA, o que,

sem dúvidas, influencia diretamente as interações. O *status* institucional do CCA, ou seja, a ligação hierárquica com órgãos de uma universidade e até mesmo a sua localização física, lembramos, já predispõe um papel social pré-determinado de seus membros. Quando o grupo se dispõe a alguma atividade fora do *campus*, ou mesmo da cidade, por exemplo, toda uma agenda de procedimentos conjuntos se torna presente: escrever uma carta à Direção do Instituto para solicitar transporte, argumentar em torno da justificativa para o pedido e esclarecer como será feita a cotização entre os membros se for necessário pagar o combustível, elaborar uma lista dos que integrarão a atividade planejada, etc

3

Descrição do *corpus* da pesquisa e procedimentos metodológicos

3.1 Descrição do *corpus*

O *corpus* desse trabalho foi organizado a partir do acervo do banco de dados do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (COGITES), o *AphasiAcervus*. Este acervo de dados é constituído por gravações em meio audiovisual dos encontros do CCA, que englobam as atividades de Programa de Expressão Teatral e do Programa de Linguagem.

Entre as particularidades do acervo, que se reúne de forma heterogênea em termos de sistemas de notação os encontros do CCA desde 2003-2009, podemos assinalar: constituição de cerca de 350 horas videogravadas; cerca de 250 horas digitalizadas; cerca de 100 horas transcritas; digitação de registros realizados *in loco*, com descrições sumárias das atividades desenvolvidas nas reuniões do CCA.

Trata-se, pois, de um acervo multimodal (audiovisual) de dados relativos a distintas interações, relativas a distintas práticas sociais e discursivas desenvolvidas no CCA, a serem especificadas na seção dedicada à metodologia da pesquisa. Em termos formais, na constituição do acervo de práticas conversacionais utilizamos determinados sistemas computacionais que permitem a vinculação de dados de oralidade e imagem. Esse tipo de registro multimodal permite distintas formas de pesquisa, em geral interessadas em

dados de vida cotidiana, interações face a face, interlocuções entre mães e crianças em fase de aquisição de linguagem, encontros dirigidos ou espontâneos, conversações telefônicas e via computador, *etc.*

A gravação das situações interativas em vídeo tem permitido uma descrição multimodal (isto é, não exclusivamente oral) de recursos utilizados pelos interlocutores afásicos e não-afásicos em práticas discursivas, bem como tem permitido dar visibilidade à variedade de processos de significação verbais e não-verbais. A análise de recursos expressivos de sujeitos afásicos torna-se mais completa a partir de um sistema de transcrição multimodal, pois possibilita investigar com maior rigor o papel de outros processos semióticos co-ocorrentes (gestos, expressões fisionômicas, postura corporal, direcionamento do olhar, *etc.*) nas práticas discursivas, bem como permite perscrutar com ênfase o lugar da linguagem frente a outros processos cognitivos e outros modos de significação (Morato, 2011).

3.2 Procedimentos Metodológicos

As atividades do Programa de Linguagem configuram-se como um evento interativo reunião. O evento interativo reunião pressupõe o direcionamento das atividades por um dos integrantes e a existência de uma pauta que organiza a ação. Durante o desenvolvimento do evento interativo “reunião”, observamos a emergência de dois diferentes e recorrentes enquadres interativos. Segundo Tannen & Wallat (1987/2002), o conceito de enquadre interativo refere-se ao:

que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (movimento ou gesto) poderia ser interpretada. Para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber dentro de qual enquadre ela foi composta: por exemplo, será que é uma piada? será que é discussão? Algo produzido para ser uma piada mas interpretado como insulto (certamente podendo significar ambos) pode originar uma briga. (...) A noção interativa de enquadre, então, refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual o sentido os falantes dão ao que dizem. Dado que esse sentido é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam na interação, os enquadres emergem das interações verbais e não verbais e são por elas constituídos (p.188-89).

Os participantes de uma interação, como, por exemplo, uma “reunião do CCA” são capazes de perceber as alterações nas estruturas de participação que provocam a emergência de novos enquadres durante a interação. A consequência da emergência desses novos enquadres interativos é a modificação da dinâmica dos turnos e das formas de desenvolvimento do tópico.

As estruturas de participação dizem respeito aos direitos e obrigações dos participantes que são redistribuídos em novas configurações no decorrer da interação. Dessa forma, as estruturas de participação não são constituídas *a priori*, elas englobam as maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno na fala e mantê-lo, de conduzir e ser conduzido, que culminam nas reorientações significativas de posições dos falantes (Erickson & Shultz, 1981/2002).

As formas de desenvolvimento do tópico dizem respeito a quem o instaura e os conduz mediante a estrutura de participação vigente. Esses dois fatores estão atrelados ao tipo de enquadre interativo que se estabelece durante a reunião. A emergência dos enquadres e a alteração na estrutura de participação e na forma de desenvolvimento do tópico afetam sensivelmente o engajamento dos sujeitos afásicos na atividade, e também a negociação em torno do empreendimento comum do grupo. Identificamos três enquadres diferentes durante as reuniões do grupo: discussões sobre um tema específico, atividades coletivas e relatos/comentários do cotidiano ou da experiência como afásico. O diagrama a seguir ilustra o quadro geral das interações do CCA observadas em nosso *corpus*:



A principal característica do enquadre *Discussão / Debate* é a regularidade do desenvolvimento interacional proporcionada pelo direcionamento claro dado pelas pesquisadoras, direcionamento este que pode ser percebido pelo tipos recorrentes de ações praticadas por elas: a introdução de um tema previamente selecionado, seguido de esclarecimentos didáticos sobre o tema para aqueles participantes que não o conhecem muito claramente e a condução da discussão por meio da distribuição de turnos.

Vale também ressaltar outro recurso compartilhado que tem grande relevância na estruturação das interações: o conhecimento prévio sobre as estruturas de participação do enquadre *Discussão*. Em função de uma rotina interativa já consolidada, existe um conhecimento implícito das formas de agir que os enquadres interativos demandam. Os sujeitos reconhecem que a estrutura do enquadre *Discussão* requer que suas ações, principalmente o direito à palavra e as formas de obtê-la, sejam organizadas a fim de permitir a exposição dos argumentos e o posicionamento frente ao tema.

A adesão dos participantes às práticas está relacionada ao tipo de enquadre comunicativo, à relevância do tópico conversacional na rotina do grupo, e também aos

conhecimentos compartilhados necessários para o desenvolvimento do tipo de interação que o enquadre requer. Engajar-se significa, sobretudo, participar de atividades de alinhamento de ponto de vista, de produção de argumentos, de negociação.

O resultado do engajamento dos sujeitos no enquadre *discussão* é a construção conjunta dos sentidos. Este processo, na realidade, corresponde ao empreendimento comum no qual os sujeitos estão engajados, isto é, participar de situações cotidianas de uso da linguagem. No enquadre discussão, a exposição dos argumentos, o desenvolvimento do tópico e o posicionamento dos sujeitos frente à polêmica da discussão são as atitudes concretas que revelam o processo de reintegração dos sujeitos afásicos em situações cotidianas de uso da linguagem.

Segundo Vion (1992), a *discussão* constitui um tipo de interação regido pelos princípios da cooperação e da competitividade. O equilíbrio entre dois elementos produz dois tipos distintos de discussão: as discussões cooperativas orientadas na busca de consensos e as discussões conflituosas orientadas na disputa e exacerbação de diferenças. Acreditamos que nas interações do CCA há o predomínio das discussões cooperativas; no entanto, há também discussões conflituosas em que as diferenças no interior do grupo são ressaltadas.

Embora possamos constatar a emergência de três diferentes enquadres durante o evento “reunião”, isto não significa que as mudanças de enquadre sejam sistemática e esquematicamente produzidas. As atividades do Programa de Linguagem iniciam-se sob a estruturação de uma reunião e, na maioria das vezes, o primeiro enquadre que emerge é o da discussão. Apesar de haver uma certa predominância desse enquadre, ele não se mantém durante toda a reunião. São frequentes as ocorrências do enquadre “Relato/comentários do cotidiano” durante a discussão. E com a emergência deste novo enquadre, temos uma nova configuração da estrutura interativa.

No enquadre *Atividades Coletivas* (participação em jogos que envolvem habilidades linguísticas, exibição de filmes, atividades manuais e culinária), os participantes realizam ações orientadas pelas pesquisadoras. Geralmente, as pesquisadoras estimulam os sujeitos afásicos a participarem e compartilharem com o grupo uma determinada habilidade requerida pela atividade coletiva. Tais atividades têm um tom lúdico e exige ações em que são requeridos principalmente aspectos de

conhecimento de mundo, concentração e exercícios de raciocínio. Uma atividade coletiva muito frequente é um jogo que consiste na explicação de um provérbio ou expressões idiomáticas impressas em figuras. Nesse tipo de atividade, cada membro busca definir o sentido do provérbio que está representado na imagem, o que envolve processos de negociação de sentidos para o significado atual e passado de expressões cristalizadas no uso da linguagem. Durante a execução das atividades coletivas, há um maior direcionamento das atividades, o que ocasiona uma menor movimentação da dinâmica de turnos e desdobramento dos tópicos

No *Relatos / Comentários do cotidiano*, é requerido que os participantes elaborem relatos ou façam comentários a respeito de algum tópico surgido na discussão ou durante o desenrolar de alguma atividade específica na qual o grupo esteja envolvido. Esse enquadre é caracterizado fundamentalmente por uma flexibilidade da estrutura de participação. Dessa forma, o sistema de trocas de turno é mais irregular, há mais sobreposições e o desenvolvimento do tópico ocorre de maneira menos dirigida.

Após traçarmos o mapa geral dos enquadres interativos do CCA, selecionamos os registros do ano de 2004, que totaliza 33 encontros, para compor *corpus* dessa pesquisa. Tal escolha ocorreu pelo fato de que o conjunto de registros desse ano já estava digitalizado e transcrito. Outro motivo, que levou à escolha específica desse conjunto de encontros de 2004, foi a experiência anterior do autor desta tese no trabalho de transcrição dos encontros de 2004, no âmbito do Projeto “Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos - CCA-IEL/UNICAMP” (Processo FAPESP nº 03/02604-9).

Dentre os 33 encontros de 2004, selecionamos um conjunto de 15 encontros para compor o *corpus* de análise de nossa pesquisa, que totalizou cerca de 23 horas de material gravado e transcrito, ou seja, um corpus de práticas conversacionais extenso, que demanda a observação criteriosa dos fenômenos intrínsecos da linguagem oral. O fator que norteou a escolha desse conjunto de 15 encontros foi a presença dos mesmos sujeitos afásicos (MN, NS, MS, SI, SP, MG, JM e EF) e também dos sujeitos não afásicos (HM, EM, FC e JC). Ocasionalmente, em alguns encontros (do conjunto de 15), há a presença de duas senhoras afásicas, IP e MR, que frequentam esporadicamente o CCA, além do pesquisador JT, que integrou anteriormente a equipe, e que às vezes visitava o grupo. Optamos, assim, por um recorte qualitativo e longitudinal que contemplasse a

presença nos referidos encontros dos mesmos sujeitos afásicos, para acompanhar as situações conversacionais dentro de um determinado espaço de tempo, o ano de 2004.

Para haver representatividade das diferentes formas de manipulação do turnos e do tópico discursivo do nosso *corpus*, decidimos analisar dois dados do enquadre *Relatos do Cotidiano* e um do enquadre *Discussão / Debate de notícias*. Essa decisão ocorreu por duas razões. Primeiramente, em função da maior recorrência em todo o *corpus* dos dois enquadres citados acima em relação ao enquadre *Atividades coletivas*. Outro fator que influenciou a escolha dos enquadres *Relatos do Cotidiano* e *Discussão / Debate de notícias*, foi a maior movimentação dos turnos e dos tópicos, que influem diretamente nas possibilidades de uso da linguagem, especificamente das duas categorias elencadas em nosso trabalho, o que dá visibilidade aos fenômenos analisados.

O mesmo não ocorre no enquadre *Atividades Coletivas*, por apresentar uma dinâmica de turno mais controlada, assim como a movimentação tópica. Por este motivo, optamos por não selecioná-lo para o *corpus*. Além disso, o enquadre *Atividades Coletivas* não apresenta a presença do grupo de sujeitos afásicos e não afásicos na mesma proporção que outros dois enquadres.

A segunda razão está relacionada à possibilidade de analisar os enquadres mais representativos de todo o *corpus* e, dessa forma, poder destacar de forma qualitativa as configurações das situações conversacionais ocorridas semanalmente.

Por outro lado, a escolha dos dois enquadres (*Relatos do Cotidiano* e um do enquadre *Discussão / Debate de notícias*) para a composição do *corpus* não significa que as interações do CCA estejam restringidas somente a essas duas configurações. Há outras configurações interativas no *corpus* de 33 encontros selecionados primeiramente, porém, escolhemos aqueles que apresentam uma configuração interativa recorrente da maioria dos encontros.

Em função da extensão deste primeiro conjunto de dados (15 encontros), que totalizou 23 horas de material gravado, realizamos uma nova seleção que contemplasse dois aspectos fundamentais: encontros que tivessem uma boa representatividade das configurações específicas de cada um dos enquadres e a presença dos mesmos integrantes do CCA. Constituímos, então, um novo conjunto de três encontros que totaliza seis horas e trinta sete minutos de material gravado e transcrito. Dentre esses seis encontros, decidimos recortar um dado do enquadre *Discussão / Debates de Notícias* e

dois do enquadre *Relatos do Cotidiano* para a composição final de nosso *corpus*. O quadro abaixo ilustra a especificação dos encontros escolhidos para o *corpus* analisado nesta pesquisa:

ENQUADRE PRINCIPAL	Data do Encontro	Duração do Encontro
Discussão / Debates de notícias	25/03/2004	02h: 20m
Relatos do Cotidiano	07/03/2004	02h: 05m
Relatos do Cotidiano	30/09/2004	02h: 12m
Totais:	03 encontros	06h: 37m

Em relação à estrutura das atividades desenvolvidas no CCA, conforme descrito acima, é necessário considerar que as práticas conversacionais desenvolvidas no Programa de Linguagem sofrem influências do tipo de enquadre interativo que estrutura ou emerge durante as reuniões. Cada enquadre demanda formas de participação e adesão às atividades do Programa de Linguagem de maneira distintas. Por isso, o recorte dos dados foi realizado a partir do segmento tópico e das formas de participação que determinam o enquadre interativo. Nas análises, esse tipo de recorte torna mais visível as dinâmicas de turno de cada enquadre, sem perder a continuidade tópica da interação. Portanto, os dados selecionados para as análises são extensos justamente por terem sido recortados em função da continuidade tópica e da configuração interativa do enquadre, e por isso, serão analisados em blocos de seguimentos (com a indicação de linhas).

Definido dessa forma o *corpus* a ser considerado na pesquisa, procedemos à etapa de análises de cunho qualitativo. Optamos por uma análise qualitativa que nos permitisse ter uma compreensão mais refinada da configuração interativa e conversacional (sob a ótica das formas de uso do turno e tópico) delineada nos dados, de forma a tornar visível

as “regras, princípios e, sobretudo, compreender o funcionamento das relações sociais mediadas pela língua” (Marcuschi, 2001: 22-36).

Nas análises, utilizamos determinadas categorias analíticas do arcabouço teórico-metodológico da AC e dos estudos textuais. Cumpre salientar que, apesar deste trabalho ter como escopo de análise duas categorias analíticas conversacionais, não utilizamos somente categorias e a metodologia do campo da AC. Aliada a algumas categorias analíticas da AC, utilizamos, como já mencionado, a metodologia de análise de estudos de perspectiva textual-interativa difundidos nos trabalhos de análise de textos orais como: a Gramática do Português Falado, os trabalhos de pesquisadores renomados como Koch (1998, 2005, 2006), Jubran (2005, 2006a, 2006b) e Marcuschi (1999, 2005, 2006a).

Ao optarmos por utilizar procedimentos metodológicos da AC e dos estudos textuais desenvolvidos por autores brasileiros, pretendemos produzir análises que não só descrevam os episódios conversacionais por meio de um instrumental analítico interdisciplinar, mas, sobretudo, produzir análises qualitativas, de inspiração textual, que levem em consideração as relações entre o local e o social como parte da reflexão teórica.

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC e marcações propostas por Marcuschi (1998) para a análise de textos orais, acrescidas de alguns elementos que salientam aspectos importantes para a análise das situações interativas envolvendo indivíduos afásicos, como a presença de semioses não-verbais (aspectos proxêmicos, expressão facial, atitudes corporais, gestualidade, direcionamento do olhar, *etc.*), fundamentais para a compreensão da dinâmica interativa das atividades do CCA. Para garantir a melhor visualização e compreensão dos dados, adotamos alguns procedimentos que valem ser aqui ressaltados:

- a) a identificação dos participantes do CCA é feita a partir das iniciais do nome e do sobrenome;
- b) o texto da transcrição é apresentado em sistema ortográfico modificado; em alguns casos, torna-se necessária a transcrição fonética;

c) apenas para diferenciar os sujeitos afásicos e não afásicos, utilizamos negrito para distinguir iniciais dos nomes dos participantes afásicos;

d) no caso de locução, são usadas as iniciais em letras maiúsculas dos sujeitos; quando se trata de suas condutas não-verbais ou de significação não-verbal, a descrição de tais aspectos segue entre parênteses.

4

Análise dos Dados

4.1 Enquadre Interativo: Debate / Discussão de notícias

4.1.1 Dado 1

Data: 25/03/2004

Sujeitos afásicos presentes: MG, JM, SP, MN, NS e SI.

Sujeitos não afásicos: EM, HM, FC e ET.

No encontro de 25/03/2004, o tema da reunião do CCA foi a questão, muito polêmica na época, da quebra de um contrato publicitário que envolvia o sambista Zeca Pagodinho e duas famosas marcas de cerveja. Esse acontecimento teve repercussão nacional pelo fato de que uma das marcas de cerveja ofereceu uma grande quantia de dinheiro para que o sambista imediatamente deixasse de fazer a propaganda da concorrência, além de arcar com o ônus da rescisão contratual.

Houve um amplo debate, veiculado amplamente nos meios de comunicação de massa, a respeito da conduta do cantor, o que possibilitou a emergência de duas posições argumentativas: uma contra Zeca Pagodinho, por sua atitude de ter violado um contrato comercial, mas também valores éticos e morais; e uma outra atitude, favorável à atitude do cantor, por esta se caracterizar como uma estratégia comercial ousada e lucrativa para uma das marcas de cerveja e também para o cantor. Todos os desdobramentos desse debate foram alvos de uma intensa cobertura da imprensa.

Houve, inclusive, veiculação de um peça publicitária da marca de cerveja cujo contrato publicitário foi rompido pelo sambista, uma espécie de réplica do episódio ocorrido.

Nesse encontro, os integrantes do grupo, após os cumprimentos habituais e os preparativos do café, iniciam as atividades do programa de linguagem com o relato da pesquisadora EM a respeito de uma reportagem, lida por ela, que tratava da questão da quebra de contrato do sambista com a marca de cerveja. O relato da pesquisadora era na realidade uma indagação aos integrantes do grupo visando saber se eles tinham conhecimento deste fato e, dessa forma, permitir o engajamento do grupo na conversação. Ao mesmo tempo em que a pesquisadora EM faz essa indagação, ela já instaura o tópico da interação que demanda um posicionamento dos integrantes a respeito da questão da quebra de contrato e, conseqüentemente, o programa de linguagem adquire características e contornos claros de um debate.

O enquadre *Debate / Discussão de Notícias* requer uma participação ativa na interação, ao exigir que os participantes tomem uma posição argumentativa em relação ao tema da pauta proposta pela pesquisadora. As ações desenvolvidas no debate estão atreladas a sua estruturação, isto é, à regularidade no sistema de trocas de turnos, que caracteriza a estrutura de participação do enquadre, e à simetria do desenvolvimento do tópico. Procuraremos mostrar aqui como as estruturas deste enquadre forjam as dinâmicas do turnos e o desdobramento tópico da interação.

- 1 EM: ... fiquei sabendo...achei uma coisa muito importante...então
você viram propaganda na televisão...propaganda na televisão..pois é
- 2 MG: [vimos]
- 3 JM: a é...da Ambev né
- 4 EM:...da Ambev...fui cortar meu cabelo e li numa porção de revista
falando bem e falando mal do Zeca Pagodinho ((todos se
manifestam))...ele fez uma propaganda
- 5 JM: (SI)
- 6 EM: eu (SI) ((risos de todos, nesse momento o áudio é
prejudicado))...quando a gente vai no cabeleireiro a gente fica
olhando revistas tipo Caras...e ouvindo todas lá né...e aí fala ô
gente...o Zeca Pagodinho...conhece ele seu S?
- 7 SP: [(não)]
- 8 MG: conheço
- 9 EM...um sambista brasileiro...conhece né dona N...era...ele um
notório bebedor da cerveja Brahma e fez
- 10 MN: [conheço]
- 11 EM: propaganda falando bem...e recomendado né...uma outra cerveja
que não Brahma a...como chama?

12 JM: Schincariol

13 EM...é da Schincariol chamada Nova Schin...ele tinha um contrato com essa Nova Schin que dizia que ele tinha que beber publicamente essa cerveja Nova Schin...fazer a propaganda na televisão...e que acontece...ele rompeu esse contrato...e começou a fazer propaganda da cerveja...a outra...a Brahma..por três dizem....por três milhões

14 JM:

[a:::o contrato

No segmento 1-14, temos basicamente a introdução do tópico do debate, que conforme veremos nos segmentos abaixo, desencadeia um debate acerca de valores éticos e morais envolvidos na questão noticiada pela revista que EM menciona (linhas 1 e 4). Na linha 2, a participante afásica MG reconhece prontamente a questão relatada por EM, sem ser diretamente interpelada na introdução do tópico. A posição de interesse de MG pelo debate que o tópico introduzido por EM suscita manifesta-se de forma bem visível no decorrer do encontro. Um dos primeiros sinais do engajamento de MG ao debate pode ser visto em seu primeiro turno, transcrito na linha 2.

Assim que EM introduz o tópico da interação, representado pelo sintagma “propaganda de televisão”, MG insere seu turno durante uma micro pausa no turno de EM, porém sem tomá-lo (linha 2). Dessa forma, MG reconhece o LRT mais visível para a sua inserção de turno. Tal inserção não chega a ser uma sobreposição; no entanto, demonstra que MG conhece os recursos partilhados socialmente pelo grupo. O turno inserido por EM instaura o tópico que dá origem às estruturas de participação demandadas pelo enquadre interativo “Debate”

Nesse tipo de turno, devem ser evitadas sobreposições que causem rupturas (o de instauração do tópico). Já JM realiza a complementação do conteúdo semântico do tópico instaurado por EM (linha 3), após a conclusão de seu turno, agindo de forma colaborativa para a instauração do tópico que será alvo de um debate.

Na linha 4, EM detalha qual é a questão da polêmica relacionada ao sambista, de acordo com o que ela havia lido na revista. Esse turno de EM é a integração de um conjunto referencial lançado anteriormente (na linha1). É possível perceber na linha 4, quando após dizer o nome do sambista envolvido na polêmica (Zeca Pagodinho), todos os participantes manifestam-se simultaneamente. O turno da linha 4 apresenta os enunciados que são concernentes ao conjunto de referentes que foram introduzidos

anteriormente na conversação, ou seja, neste turno ocorre a integração de segmentos textuais que exemplificam os referentes enunciados na linha 1.

É a partir deste momento que efetivamente é possível perceber o engajamento a um empreendimento comum, que no caso se traduz em debater os valores morais envolvidos no episódio da quebra de contrato. Em outras palavras, neste fragmento este é o momento em que a atividade do programa de linguagem é decidida e o tópico é instaurado. Essa função, aqui, é desempenhada por um integrante não afásico. É frequente que EM inicie as atividades do programa, instaure o tópico e comece a distribuir os turnos por meio de perguntas, o que gera muitas vezes uma dinâmica de turnos baseada na estrutura de pares adjacentes. Isso pode ser explicado em função da categorização social dos participantes na estrutura social do grupo. Apesar dos sujeitos afásicos demonstrarem autonomia para manipular os turnos e agir no desenvolvimento do tópico, a função de gerenciar as atividades do programa, ou seja, conduzir o encontro, instaurar o tópico e distribuir e manter a dinâmica de turnos, cabe em geral aos participantes que são pesquisadores ligados à instituição, não afásicos.

Vale destacar que não só a categorização social dos participantes não afásicos é um fator influente para a distribuição dos turnos e inserção de tópicos. O caráter social que fundamenta as práticas do CCA reside na iniciativa de reintegração efetiva dos afásicos por meio de interações concretas e significativas entre sujeitos afásicos e não-afásicos no interior de uma instituição como a universidade pública. Vale a pena salientar que historicamente, as práticas do CCA estão situadas em uma época, final do século XX e início do século XXI, que permite um enfoque teórico sobre os fenômenos de linguagem dos afásicos que seria pouco possível em outro tempo, como por exemplo, antes da chamada “virada Pragmática” e da interdisciplinaridade na Linguística (Mira, 2007). Esses fatores são claramente evidenciados na formação linguística dos pesquisadores, que não considera a linguagem por um viés normativista ou prescritivista de linguagem, e também em suas formas de atuação nas práticas do CCA.

Ainda no momento de instauração do tópico, após as inserções de turnos de MG e JM, a pesquisadora EM continua a relatar a maneira como teve conhecimento da episódio da quebra de contrato (linha 6). Ao fazer tal relato, EM realiza também algumas distribuições de turnos, com perguntas diretas a determinados participantes, como

podemos observar no segmento (6-10). Isso fica evidente nas linha 9 e 10, quando EM indaga diretamente MN, que responde logo após uma micro pausa no turno de EM.

MG e JM demonstram ter conhecimento prévio acerca do tópico, e, assim, inserem seus turnos, os demais participantes ainda não fazem inserções de turnos. Para estender o tópico a todos os integrantes, EM adota a estratégia de dirigir alguns turnos para assegurar tanto a participação de todos, pois o desenvolvimento do tópico ocorre em função de um processo que envolve colaborativamente os participantes da interação. Esse processo é baseado numa gama de fatores contextuais e de *background* de informações prévias e de visões de mundo que são entendidos ou compartilhados durante o ato conversacional (Jubran, 2006a).

A respeito das inserções de turnos de MG e JM, devemos salientar que ocorrem de uma forma mais autônoma e que obedece ao fluxo do desenvolvimento do tópico. Essa autonomia, que pode ser percebida nas inserções de turno, ocorre, em parte, em função do tempo de participação no grupo e das experiências pessoais por eles vividas antes do episódio que culminou na afasia. Por exemplo, MG era uma dona de agência de viagens e sua rotina profissional demandava situações de uso da linguagem em que era requerido o conhecimento do funcionamento das regras de conversação, de antecipar ou esclarecer informações que surgem durante o fluxo do tópico. JM era comerciante e tinha uma rotina de práticas conversacionais semelhantes à rotina de MG. Conforme argumenta Hanks (1996), estes são os aspectos estruturados das práticas, que os sujeitos trazem a partir de experiências prévias, e que moldam significativamente suas ações que emergem em novas práticas comunicativas. Segundo o autor:

O objetivo é generalizar através de práticas verbais, trazer juntas as características que são repetíveis, assim como distinguir as que não são. A primeira característica nós chamaremos de aspectos esquemáticos. Eles implicam aspectos de práticas relativamente estáveis, pré-fabricados que o indivíduo tem acesso a eles para entrar em um compromisso. (...) Em contraste com os aspectos esquemáticos estão os emergentes. Por esse eu quero dizer aquelas partes de práticas que emergem durante o curso de ação, como parte da ação. Aspectos emergentes não são dados aos agentes antes de seu comprometimento nem são pré-fabricados ou estáveis. "Eles estão no processo" (1996: 233).⁴⁸

⁴⁸ The aim is to generalize across verbal practices, to bring together those features that are repeatable, as distinct those that are not. The former we will call *schematic* aspects. They imply relatively stable, prefabricated aspects of practices that actor have access to they enter into engagement. (...) Opposed to schematic aspects are emergent ones. By this I mean those parts of practices that emerge over the course of

Tais conhecimentos das particularidades da conversação (seja em relação à forma de transição de turnos ou às formas de desenvolvimento tópico) não deixam de transparecer nas interações de MG e JM. Pelo fato de conhecerem tais particularidades e colocá-las em práticas (conforme nos mostra o segmento 1-4), seus papéis sociais dentro do CCA são construídos a partir disso. Em outras palavras, a imagem que MG e JM projetam para o grupo são de participantes ativos que emitem opiniões próprias a respeito de diversas polêmicas. O reconhecimento destas imagens que são construídas antes e depois do ingresso no CCA e constantemente exibidas e reestruturadas nas atividades do programa de linguagem exercem influências diretas na forma que os participantes aderem à interação e conseqüentemente nas maneiras de manipular os turnos e os tópicos.

15 EM: então ele fez uma...ele quebrou o contrato e aí o povo começou a cair em cima dele...dizendo assim que ele tinha traído o contrato dele.. e dizia assim....ele se fazendo de coitado também...você viram isso...e na televisão ele cantando um samba dizendo assim olha né...depois que ele rompeu com essa cerveja Nova Schin...diz assim olha...a mesma coisa de você ter aí um amor de verão né...a gente tem um amor de verão e depois volta para o amor antigo...e é a mesma coisa que aconteceu comigo...voltei para a Brahma...com três milhões de dólares ((risos)) e aí tá uma

16 HM:

[mais aí é lá que ele faz pagode

17 EM:...encontrei alguns amigos assim homens que tão com essa coisa na cabeça...não sei se é por que ele ganhou três milhões de dólares ((risos))

18 ET:

[e vai

continuar tomando Brahma

((todos riem e falam ao mesmo tempo))

19 FC: mais aí tem uma outra propaganda da Nova Schin que com... ficou com muita raiva que o Zeca Pagodinho fez isso

20 EM: ah é e aí

21 FC: e aí propaganda da Nova Schin é assim...tem um cara..tem dois caras numa mesa de bar conversando...e o cara atrás que é a cara do Zeca Pagodinho

22 EM:

[um sócia

23 FC...isso...A CARA

24 EM: [o ator que faz (SI) ((risos))

25 FC:...do Zeca Pagodinho...e o cara tá sentado atrás....e os dois estão conversando e aí um fala assim pro outro... mas ó....fala aí por um milhão de dó/um milhão de reais você fazia ou não fazia propaganda

action, as part of action. Emergent aspects are not already given to agents prior to their engagement are not neither prefabricated nor stable. They are in process" (1996: 233).

pra outra ((risos dos outros integrantes))...aí o cara fala eu não fazia não...e por dois milhões...não fazia não troco minha cerveja por nada...e por três milhões...bom pera aí ((risos))...pensando bem...aí o outro bate no cara que é igual ao Zeca Pagodinho...a:::por três milhões vale a pena

Para que ocorra um debate frutífero, é necessário que haja subsídios concretos para os participantes embasarem seus argumentos e contribuírem para que a questão do debate seja expandida, e, conseqüentemente que o tópico seja desenvolvido. O segmento 15-25 apresenta a pontualização do tópico instaurado por EM no início da atividade do programa de linguagem (linha 4: EM:...da Ambev...fui cortar meu cabelo e li numa porção de revista falando bem e falando mal do Zeca Pagodinho ((todos se manifestam))...ele fez uma propaganda).

O segmento acima apresenta focalização, proeminência desse conjunto referencial no curso da interação. Ainda é possível observar que esse segmento traz vários turnos elaborados apenas pelas pesquisadoras que servem para especificar ainda mais detalhes do tópico (a descrição do episódio da quebra de contrato, a repercussão do fato e o valor monetário pago ao sambista para fazer o anúncio da outra marca de cerveja). Os turnos deste segmento são longos e simétricos, sobrepostos por turnos inseridos fora de micro pausas, mas que são nucleares (de acordo com a tipologia sugerida por Galembeck, 1997) por trazerem elementos referenciais que contribuem para o desenvolvimento do tópico.

Em termos de análise das funções desempenhadas por sujeitos afásicos e não afásicos no intercâmbio da manipulação da estruturas conversacionais, fica claro, nesse encontro, que as funções de definição ou de centração tópica ficam a cargo de integrantes não afásicos. Isso ocorre fundamentalmente pelo fato de que são as pesquisadoras que definem a pauta do encontro, isto é, definem que tipo de atividade será desenvolvida e, dessa forma, fica delineado o enquadre interativo do encontro.

- 26 **MG:** é::: foi (três milhões)
27 **EM:** três milhões...a gente fica apaixonado né
28 **MG:** é fica
29 **HM:** três milhões
30 **MG:** (fez muito primeiro)..fez muito bem
31 **EM:** você acha?
32 **MG:** fez muito bem

33 EM: por que a Nova Schin tá dizendo que ele não foi ético...porque ele quebrou o contrato sem avisar sem nada

34 MG: a::: i:::
 ---→ ((gesticula os braços, indicando descaso))

35 EM: é... você acha que a coisa era comercial...não tem nenhum governo moral aí?

36 MG: [eu também acho

37 HM: você acha?

38 MG: eu acho ((EF ri))

39 EM: e aí seu M?

40 JM:a::a associação de cer-vejas...com todas as...cer-vejarias do mundo...só...vai levantar...em...euros do país

41 EM: [sei

42 EM: que Brahma agora então ...é uma cerveja internacional

43 JM: exatamente (3s) só vai... le...levantar e:::m euros do país...na:::da...do

44 EM: entendi

45 JM: o país... eu...euros NÉ

46 EM: na Europa é euro

47 JM:isso...euros o país

48 FC: ela é holandesa não é...a AmBev?

49 JM: exatamente

50 FC: a Ambev é holandesa

51 EM: e essa Nova Schin é aqui de Itu né...a Schincariol...((EF faz sinal de concordância com a cabeça)) bom...o argumento (em torno) da discussão é esse...será que ele fez bem?

Após a pesquisadora FC descrever um anúncio publicitário que foi feito pela empresa que foi o pivô da quebra de contrato de relatar a quantia de dinheiro ofertada ao sambista (linha 25), MG dá início ao cerne do debate, ao reiterar o valor mencionado por FC e se posicionar frente ao debate de valores morais que se estabelece pelo o desenvolvimento do tópico, ou seja, se o sambista agiu corretamente ao quebrar o contrato por determinada soma de dinheiro (cf. o seguimento 26-31). A transição de turnos nesse segmento ocorre por meio da estrutura de pares adjacentes, sem sobreposições e obedecendo aos LRT (lugares relevantes de transição de turno), principalmente após sinais prosódicos. Na linha 27, após o marcador conversacional “né”, e na linha 31, pela entonação descendente da interrogação. A estrutura de pares adjacentes favorece uma transição de turnos sem sobreposições, e este contexto para a transição de turnos é reconhecido por MG, pois ela insere seus turnos justamente após as marcas prosódicas mencionadas acima.

Na linha 33, a pesquisadora EM questiona diretamente MG se ela ainda sustenta sua posição argumentativa frente ao embate ético da quebra de contrato. A partir desta

linha é lançada a questão cerne que envolve todo o debate, conforme é se observa no enunciado de EM (linha 35: é... você acha que a coisa era comercial...não tem nenhum governo moral aí?). Na sequência, há a reiteração da questão do debate por meio de uma transição de turnos que ainda segue a estrutura de pares adjacentes. Mesmo com as indagações de EM e HM (linhas 35 e 37), MG mantém sua posição. Isto pode ser considerado não só uma mera reiteração da posição moral e argumentativa de MG para esta questão, mas também como uma forma de posicionamento de sua imagem perante ao grupo. MG consegue posicionar-se mesmo frente às posições contrárias das integrantes que representam uma espécie de autoridade institucional pelo próprio fato de compartilhar com o grupo determinados recursos de negociação e formas não estereotipadas e assimétricas de interação.

O repertório de recursos compartilhados entre os participantes das atividades do CCA inclui não só as diversas e heterogêneas competências linguísticas dos sujeitos (apesar das dificuldades de, por exemplo, acesso lexical ou de articulação fonético-fonológica), mas também gestos, *promptings* orais, uso da escrita e desenho, pausas longas entre as passagens de turno e hesitações. O histórico do grupo também faz parte do repertório de recursos compartilhados, já que os participantes do CCA também compartilham informações sobre aspectos da vida pessoal, familiar, de hábitos cotidianos seus e dos outros membros do grupo.

As negociações ocorridas por meio desses recursos compartilhados entre todos é o fator que permite aos membros de uma comunidade se identificarem e diferenciarem. Ao operarem eficientemente com os recursos compartilhados, os membros tornam-se mais ou menos ativos no processo de negociação. A aquisição e o uso dos recursos promovem variações de estatuto dos membros.

Ao considerarmos que o CCA configura-se como uma comunidade de práticas, o posicionamento de MG frente ao debate pode ser não só visto como um exercício de argumentação, mas também como uma exibição (e legitimação) de seu estatuto de participante no grupo, constituído a partir do seu histórico de participação e da heterogeneidade da constituição do CCA.

Após o tópico ser instaurado e a questão do debate ter vindo à tona, EM novamente direciona os turnos, para que outros participantes, além de MG, posicionem-

se (linha 39). No entanto, ocorre uma digressão tópica, ou neste caso, uma outra questão surge frente à questão principal do debate. Após ser indagado por EM para posicionar-se frente a questão principal do debate, JM lança uma outra questão, que ainda está inserida dentro do referente supertópico, porém, ocorre o surgimento de um subtópico. Ao invés de argumentar a respeito da questão do debate, isto é, se a conduta do sambista é justificada pela soma de dinheiro paga, JM instaura o subtópico “nacionalidade da cervejaria” (linha 40).

A colocação de JM modifica o fluxo do tópico, pois coloca em foco um fato que vai além do debate de valor da questão. Em outras palavras, o subtópico de JM é derivado do supertópico instaurado e debatido principalmente por EM e MG, porém não demanda a estrutura interativa do enquadre debate, que requer um movimento argumentativo. Especificamente, no segmento 35-51 há uma mudança no fluxo interativo que influi tanto no desenvolvimento do tópico, quanto nas formas de transição de turnos. O subtópico instituído por JM coloca momentaneamente em foco uma questão vai além da discussão de valores éticos do supertópico.

É possível observar que durante a transição dos turnos o desenvolvimento do subtópico ocorre de forma distinta do padrão de transição observado no supertópico. Enquanto no supertópico é predominante a estrutura de pares adjacentes, com a pesquisadora EM direcionando os turnos, no subtópico observam-se turnos que são finalizados após turnos antecedentes, sem a ocorrência de sobreposições ou turnos permeados por micro pausas. A exceção é o turno de JM (linha 43), onde há uma pausa de 3 segundos seguida de dois alongamentos vocálicos. A partir da linha 41 até à linha 49, há turnos assimétricos. A assimetria se caracteriza pelo fato do desenvolvimento do tópico ficar a cargo de apenas um dos locutores, enquanto o outro apenas “segue”, ou “vigia” seu interlocutor. No segmento acima, os outros participantes, que não são afásicos, inserem turnos que “seguem” o conjunto de referentes lançado por JM na linha 40. Isto pode ser visto não só como uma mudança no plano intratópico de dinâmica de turnos.

As mudanças ocorridas neste segmento também são uma mudança sensível do contexto interativo, que pode ser explicada a partir da noção de contexto postulada por

Hanks (2008), que visa analisar as práticas comunicativas a partir de duas dimensões: a incorporação e a emergência. Para este autor, ressaltamos que o contexto é:

um local concomitante da conversação e da interação, efêmero e centrado sobre o processo de fala. Se se coloca ênfase principal em situações reais ou sobre exemplos construídos, o quadro de referência e de explicação resultantes são as atividades individuais de fala e as interações nas quais elas ocorrem. De um ponto de vista oposto, outros pesquisadores desenvolveram abordagens da língua e do discurso segundo os quais o contexto não é nem local nem efêmero, mas global e duradouro com escopo social e histórico maior que qualquer ato realizado (op.cit, pp.171).

O que salientamos na análise desse segmento é que o subtópico introduzido e conduzido por JM provoca a emergência de aspectos associados ao tempo real da produção do enunciado e da interação, o que acarreta a capacidade dos coocupantes perceberem e prestarem atenção uns aos outros, a emergência pode ser facilmente concebida em níveis temporais diferente. No caso desse segmento, temos a mudança de um debate entre dois participantes, conduzido pela pesquisadora EM, para um contexto em que há um pano de fundo ou horizonte do qual se distingue e em relação ao qual como um ponto central (Hanks, 2008).

Ainda que aparentemente o CCA apresente uma configuração social definida previamente pelos papéis sociais de seus integrantes, não é possível estabelecer *a priori* quem determina as estruturas interativas ou direciona integralmente as situações conversacionais. Por exemplo, nesse segmento, o subtópico é instaurado por um afásico e os participantes não afásicos passam a colaborar, com turnos assimétricos, com o seu desenvolvimento. Esse contexto interativo, que ocorre devido ao surgimento do subtópico e da mudança da dinâmica de turno, também demonstra que os papéis interativos são dinâmicos e não estão atrelados totalmente à configuração e aos papéis sociais dos integrantes do CCA.

52 MG: eu acho que ele fez muito bem

53 JM: por que...que você acha?

54 MG: a::::: quem tem dinheiro... tô comigo ((risos de todos, MG fala com HM (SI)))

55 EM: agora ele vai ter que arcar com os custos da quebra do contrato...agora...quem é que vai arcar com os

56 JM: [exatamente

57 EM: custos...ele próprio ou a Brahma...que convidou ele pra fazer a propaganda e portanto...talvez fique com o ônus da quebra da quebra do contrato

((SP emite verbalizações para FC a respeito da nacionalidade da multinacional Ambev, não foi possível transcrever esse segmento pois ele é enunciado simultaneamente com o segmento acima de EM))

58 FC: ela é belga... isso mesmo é belga...a Ambev é belga

59 MG: [muito bem

60 JM: bel...belga

61 FC: Bélgica Holanda é tudo aqueles países ((risos de todos))

62 EM: é belga a cer/ tá.. então é um pouco isso...isso aí fica uma discussão por que ele tá assim...é moral esse

63 JM: [é belga

No segmento 52-63, há uma pequena retomada do debate do supertópico em meio ao desenvolvimento do subtópico, uma relação de interdependência na hierarquia da organização tópica (Jubran, 2006). Especificamente, no segmento 52-57, a retomada do debate é evidente com a ênfase da posição argumentativa de MG (linha 52). Na sequência, JM indaga MG para que ela confirme sua posição, o que é feito por ela na linha 54. A posição de MG, frente ao debate é extrema e causa junto aos outros participantes um efeito de humor. O humor que o enunciado de MG desperta pode ser explicado pelo conhecimento compartilhado pelos participantes no histórico do grupo, a partir de experiências interativas prévias em que a identidade social MG, e de todos os participantes, é construída e constantemente exibida.

Entre as linhas 57-63, ocorre a formação de um grupo paralelo, que retoma o subtópico “nacionalidade da cervejaria”. Não foi possível transcrever o trecho em questão por se tratar de conversação paralela envolvendo um grupo de 10 participantes. O que consta na transcrição original são comentários do transcritor a respeito da cena. Isso sinaliza que o subtópico não foi totalmente esgotado e que a interação apresenta sobreposições destes duas estruturas tópicas, ou seja, o debate gerado pelo supertópico e o subtópico que originou dele.

Como ocorre em qualquer interação em grupo (com mais de 3 participantes), no CCA também ocorre a formação de díades conversacionais. Essa ocorrência sinaliza que apesar do CCA ter uma estrutura pré-definida das dinâmicas de turnos, isto é, na maior parte das vezes a instauração e a distribuições de turno é realizada por uma

pesquisadora, o desenvolvimento da conversação é constantemente reconfigurado por fatores intrínsecos e próprios à interação.

64 EM: negócio...é comercial um pouco
65 MG: [é um so:::
66 EM: fala em traição...a Nova Schin fala que fala que...fala que o Zeca Pagodinho traiu... né o contrato
67 MG: [é::: não...ele fez muito bem
68 EM: entendeu...é de traição que também fala o samba né...pelo qual ele explica o que que ele fez...fala olha eu sei que (amo) você a Brahma mas foi a Nova Schin...((FC canta um trecho do jingle da propaganda em questão)) como alguém que vem e volta depois...a cara da dona N...não gosto
69 EM: ((risos)). ((FC canta um trecho do jingle da propaganda em questão))
70 MG: você é a favor?
71 FC: eu não sou não...eu acho que o Zeca Pagodinho pisou na bola
72 MG: [pisou e você pisou?
73 EM: mas é essa a discussão ãh
74 MG: ...por que?
75 JM: e você:::acha
76 MG: e...eu acho que sou...nor-mal ((risos))
77 JM: imagina uma coisa....se se...o seu...tra-balho anterior...você contratasse um cara...pra todos os serviços no interior e tal...etc e tal a... a...a...escrita...todos todos os os...papéis...e...imagina também a...não não vai ser..vou fazer com outro
78 FC: (SI)
79 MG: é...ser-viço
80 EM: isso é serviço né
81 MG: é serviço
82 EM: olha essa reportagem que saiu ((mostra a revista)) na Isto é...ela diz assim pagode dá discórdia...é o nome da matéria...aí o (3s) ((procura algo na revista)) a pessoa aqui da – olha olha aqui – da Nova Schin...da cerveja Nova Schin ela diz que o contrato foi abandonado pelo Zeca Pagodinho diz o comercial é aquele que ele fez que ele canta o samba e fala olha meu problema foi esse assim como você tem o amor de verão e volta para o amor antigo a mesma coisa eu eu fiz a propaganda da Schin e agora voltei para a Brahma né...comercial não foi por amor coisa nenhuma...foi por dinheiro ((todos se manifestam)) e aí o cara lá da ...Brahma diz assim Zeca fez um trabalho profissional...ó...((mostra a revista)) Zeca fez um trabalho profissional como atrizes e atores fazem...que pode romper com o contrato que é eles que arquem... e ele está arcando com o rompimento do contrato...só que não é ele tá que tá – como o senhor tá falando – não é
83 JM: [é esse aqui
84 EM: que arca com o rompimento...por que tem custo você romper com um contrato...é a Brahma
85 JM: [exatamente

86 **JM:** será que é a Brahma?
87 **EM:**...aqui diz que é a Brahma..então...por que são dezoito milhões...e o rompimento de contrato...é muito
88 **JM:** é
89 **MN:** nossa senhora
90 **MN:** dezoito milhões

A partir da linha 64, o debate é retomado e o subtópico esgotado. Nesse momento de retomada do debate, o turnos e o desenvolvimento do tópico ainda ficam centralizados em EM e MG. No segmento 64-68, MG reitera sua posição argumentativa, mesmo após o contra argumento de EM, linha 66. A transição dos turnos ocorre sem muitas sobreposições, com as inserções de turnos nos lugares mais relevantes. Nesse segmento (linhas 64 a 90), por se tratar de um dos momentos ápices do debate do supertópico, ou seja, o jogo de argumentação e contra argumentação empreendido em grande parte por EM e MG, as trocas de turnos ocorrem sempre após a finalização do turno anterior, com exceção de sobreposições pontuais de MG, como por exemplo na linha 66, onde ela insere seu turno após o marcador “né” no turno de EM; na linha 71, quando ela insere seu turno no preenchimento do verbo “pisar” e faz uma pergunta repetindo o mesmo verbo, e as sobreposições de JM nas linhas 83, 85 e 88. As sobreposições de JM são turnos curtos, que tem por função reiterar os argumentos de EM.

O debate e, conseqüentemente, o desenvolvimento do tópico, deixa de ficar a cargo de MG e EM, quando JM posiciona-se argumentativamente em favor dos contra-argumentos lançados por EM, como pode ser observado no segmento 75-77. O engajamento de JM ao debate ocasiona o surgimento de mais um subtópico, ainda que JM reitere os contra-argumentos de EM. Na linha 82, EM relata o conteúdo de uma matéria que aborda toda a polêmica. Em função da matéria mencionada por EM, há referentes para o surgimento de um novo subtópico “quem arca com as consequências do rompimento”. Esse subtópico surge com o relato de EM, porém é desenvolvido a partir do questionamento de JM, na linha 86. O desenvolvimento desse novo subtópico traz à tona uma outra linha argumentativa para o debate: “o valor pago pela quebra de contrato”. Esse argumento reabre o debate, conforme é possível observar no segmento abaixo:

90 MN: dezoito milhões

91 EM... [de reais...ah...a Brahma tá achando que vale a pena tirar o Zeca Pagodinho do concorrente...por que é uma concorrência..então ela acha assim que tirando o Zeca Pagodinho da concorrência trazendo ele de volta para a Brahma...vale dezoito milhões...então é o custo da quebra de contrato dele...ela tá fazendo isso

92 FC: mas ao mesmo tempo é um investimento da Brahma por que a repercussão disso o marketing uma propaganda que...voltou a falar da Brahma a Brahma voltou a aparecer...no momento em que é...escondendo o fato que a Brahma agora não é mais um empresa brasileira...então ninguém pensa nisso e só que Zeca

93 JM: [exatamente

94 FC: Pagodinho Zeca Pagodinho...ninguém lembra mais que a Brahma não é mais

95 EM: [agora o Zeca Pagodinho tá bem contente né eu acho...e se faz de vítima...e agora se faz de vítima carioca da gema

96 HM: é dinheiro muito bem...e o resto que se dane...aí a N falou aqui pra mim...você concorda

97 EM: [fala N

98 NS: não não concordo

99 EM: você acha que o Zeca Pagodinho tinha que ficar é...honrando o contrato dele com a Nova Schin até o fim

100 NS: isto..eu acho que sim

101 EM:...que é até setembro...até setembro a imagem dele teria que estar ligada à cerveja Nova Schin...se ele não quebrasse...o contrato ele tá caindo fora antes...aí tem que pagar uma multa por que tá caindo fora antes

102 HM: ele tinha que ter conversado

103 EM: [não ele não conversou...ele só...ele fez a propaganda...ele fez

104 HM: [é...ele apareceu

105 EM: a propaganda e recebeu a multa...ele recebeu a multa...entendeu recebeu a multa e aí a Brahma agora tá tá tratando toda a discussão

106 NS: [é então

107 HM: a discussão é exatamente essa...que ele feriu um contrato ético uma questão

108 EM: e o Zeca Pagodinho fala assim não fui eu que...traí a Nova Schin...a Nova Schin que me traiu aliás ((risos dos integrantes)) e reverte assim toda situação...reverte por que é o seguinte puxa a vida né falaram que iam

109 NS: [é eu sei

110 EM: dá lá um dinheiro pra pro pessoal de Xerém de onde eu moro e não deu...e a agora a Nova Schin falou que isso aqui...o que eu falei que ia dar pra ele o salário dele...o dinheiro dele que tá dentro do...contrato não falei que ia dar outra coisa de boca então o Zeca Pagodinho sai atirando também...na Nova Schin...e o samba tá aqui ó...né...o samba que toca ((mostra a revista))

111 FC: o slogan da da Nova Schin pegou né que foi
experimenta...experimenta todo mundo...o carnaval eu ouvi o tempo
inteiro
112 EM:[[todo mundo comentava que pelo menos experimentava
113 MG: [[posso levar para ler em casa?
114 JM: [[não ((MG ri))

O novo subtópico traz mais elementos para o fechamento do debate. Os dois subtópicos que surgiram a partir da instauração do supertópico não alteram a relevância do conjunto de referentes lançados desde o início da interação. Pelo contrário, o debate do supertópico é inicialmente centralizado em duas participantes (EM e MG) e os subtópicos contribuem para a proeminência dos referentes, funcionando como um encadeador semântico dos tópicos. Dentro de um debate, os subtópicos agregam a ele subsídios para o jogo argumentativo. O segmento 91-114 exemplifica esse processo.

A dinâmica dos turnos desse encontro é marcada fundamentalmente por um tipo de alternância quase semelhante ao sistema de troca proposto por SSJ, 1974. O padrão da movimentação dos turnos obedece ao padrão “cada um fala de uma vez”, porém, com pontuais exceções. Tais exceções são algumas sobreposições em que ocorre alguns LRT previsíveis, como marcadores conversacionais, pausas, alongamentos vocálicos e preenchimento dos elementos de transitividade de verbos. Vale a pena assinalar também que os turnos ocorrem em uma perspectiva simétrica do desenvolvimento do tópico, em que os participantes inserem seus turnos para expandir o tópico e até mesmo desdobrá-lo em subtópicos.

A observação de nosso *corpus* revelou a recorrência de alguns enquadres interativos que podem ser delineados graças às formas de desenvolvimento de tópico e das dinâmicas de turnos. O encontro analisado acima é um típico exemplo do enquadre “*Debate / Discussão de notícia*”. A principal característica desse enquadre é a regularidade do desenvolvimento interacional proporcionada pelo direcionamento claro dado pelas pesquisadoras, direcionamento este que pode ser percebido pelo tipo recorrente de ações praticadas por elas: a introdução de um tema previamente selecionado, seguido de esclarecimentos didáticos sobre o tema para aqueles participantes que não o conhecem muito claramente e a condução da discussão por meio da distribuição de turnos.

Segundo Vion (1992), os debates ou as discussões constituem um tipo de interação regido pelos princípios da cooperação e da competitividade. O equilíbrio entre os dois elementos produz dois tipos distintos de discussão: as discussões cooperativas orientadas na busca de consensos e as discussões conflituosas orientadas na disputa e exacerbação de diferenças (Tubero, 2006). No caso deste encontro que analisamos, há o predomínio de uma discussão cooperativa em que a participação não fica polarizada apenas em um integrante. Por exemplo, muitos elementos que dão sustentação à discussão da questão do supertópico são introduzidos por participantes afásicos, o que nos dá subsídio para defender a hipótese de que as interações do CCA, apesar de acontecerem sob um aparato institucional, não são integralmente ou unilateralmente conduzidas pelos integrantes que representam a instituição, ou seja, as pesquisadoras. É possível perceber também que mesmo em discussões cooperativas, as diferenças entre os integrantes do grupo não deixam de ser ressaltadas, como, por exemplo, a posição argumentativa de MG (a favor da posição do sambista), que a todo momento é reiterada e exibida no debate.

4.2 – Enquadre Interativo: Relatos do Cotidiano

4.2.1 – Dado 1

Data: 07/03/2004

Sujeitos afásicos presentes: MG, MR, IP, EF e JM.

Sujeitos não afásicos: EM, JT, JC

No encontro de 07/03/2004, a atividade do Programa de Linguagem consistia no relato das férias e das festas de final de ano. Após tomarem café, os participantes, sentados ao redor de uma mesa, produziam pequenos relatos a respeito do que fizeram durante o período de recesso das atividades do CCA. Em função do fato de ser o primeiro encontro do ano, as narrativas ocupam grande parte do espaço das atividades, e, assim, tornam-se o tópico predominante da interação. O primeiro tópico introduzido no encontro de 07/03 é o “relato de férias”.

1 EM: então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né
 2 **MG:** eu bati ((risos))
 3 JT: ah que emocionante G...batida foi emocionante então
 4 **MG:** foi ((risos))
 5 **IP:** na garagem da vizinha né G
 6 **MG:** e be te
 7 EM: mas bateu sem perigo assim machucou nada
 8 **MG:** não...eu entre de ((risos))
 9 JT: de marcha ré?
 10 JC: entrou na garagem da vizinha
 11 **IP:** é ((risos de MG))
 12 **MG:** é mandei e
 13 EM: você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas?
 14 **MG:** é na
 ---→ ((olha para IP))
 15 **IP:** [perto
 16 **JM:** de marcha ré
 17 **MG:** ...vinte e quatro::
 18 JT: na véspera de Natal?
 19 **MG:** é

No fragmento selecionado, observamos o desenvolvimento de um desses subtópicos e a dinâmica de turnos, especificamente o padrão de constituição e transição dos turnos no gerenciamento do tópico.

Conforme é observado na linha 1, a pesquisadora EM, dando continuidade aos relatos individuais de férias, indaga à participante afásica MG a respeito dos fatos ocorridos durante o recesso do grupo. Antes de ser indagada por EM, MG relatava algum fatos ocorridos durante o período de recesso do grupo para outros participantes, o que ocasionou a formação de grupos paralelos durante o relato de outro participante. Para assegurar o compartilhamento do relato de MG e a instauração e o desenvolvimento de novo subtópico, EM inicia uma estrutura de transição de turnos baseada em pares adjacentes, que assegura a alternância dos turnos e a seleção do próximo falante, por serem constituídos basicamente por perguntas (P) e respostas (R).

Os pares adjacentes demandam, na maioria das vezes, um certo direcionamento dos turnos, que no caso deste fragmento é a continuidade do supertópico (“relato de férias” e seu desdobramento em subtópicos – “a batida de carro de MG”). O fator que desencadeia estas enunciações emparelhadas em forma de pares adjacentes é a produção de uma primeira parte do par, o atual falante deve parar de falar, e o seguinte

deve produzir, nesse ponto, uma segunda parte do mesmo par (Schegloff & Sacks, 1973).

Apesar da estrutura de perguntas e respostas demandar essencialmente a transição dos turnos e a seleção imediata do próximo falante, conforme pode ser observado nas linhas: 1-2 (1 EM: “então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né / 2 MG: eu bati”); 7-8 (7 EM: mas bateu sem perigo assim machucou nada / 8 MG: não...eu entre de) e 13-14 (13 EM: você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas? / 14 MG: é na ((hesitação))), há a inserção de turnos de outros participantes no par adjacente estabelecido anteriormente entre EM e MG. Nas linhas 3, 5, 9, 10 e 11, os turnos de JT, IP e JC estão intercalados às respostas de MG. A inserção desses turnos colabora para o desenvolvimento do subtópico em questão, como também para a manutenção da própria estrutura de pergunta e resposta. Assim, embora as perguntas iniciais do par não sejam endereçadas especificamente a JT, IP e JC, os turnos intercalados desses participantes requerem o maior detalhamento das resposta de MG, ou seja, a continuidade de sua narrativa.

Os turnos dos participantes que inicialmente não são parte do par adjacente demonstram que o critério de adjacência das díades de pergunta e respostas revela-se frágil por não conseguir explicar as possibilidades de transição dos turnos. No fragmento 1-15, a estrutura de par adjacente é o mecanismo inicial da dinâmica de turnos que desencadeia tanto a continuidade da conversação quanto age diretamente na progressão de um supertópico definido anteriormente, isto é, o relato de férias dos participantes e a instauração do subtópico “a batida de carro de MG”. Um conceito interessante que amplia o critério de adjacência é o de relevância condicional.

Levinson (2007) propõe que a regra que une as partes de um par não é uma questão que deve receber uma resposta para assim haver um discurso bem formado, mas sim as expectativas específicas que é preciso atender na interação em curso. Levando em conta a atividade conjunta exercida pelo grupo, o relato do período de férias dos participantes, podemos considerar que os turnos de JT, IP e JC não são mecanismos de ruptura do par, instaurado por EM (linha 1: “então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né”). Se considerarmos a expectativa da ação do grupo nesse momento da interação, podemos concluir que estes turnos são

várias segundas partes do par, que potencialmente respondem à primeira parte do par, isto é, o pedido de EM para MG relatar suas férias. Na realidade, os turnos intercalados demonstram que a noção de adjacência é estreita. Podemos observar que segmento 1-15 que há reações distintas, que não são propriamente respostas às perguntas, porém, funcionam como segundas partes aceitáveis do par inicialmente estabelecido e agem diretamente na sequencialidade do episódio conversacional. Sob a ótica do desenvolvimento tópico, os turnos intercalados são elementos influentes no fenômeno de progressão tópica.

Em relação à constituição da UCTs, as linhas 14-15 apresentam uma forma de transição que contraria a tese de predominância sintática preconizada por Schegloff desde a publicação do artigo seminal sobre a sistemática elementar das trocas de turnos (1974). Na linha 14, o turno de MG não apresenta uma finalização em termos sintáticos, mas ocorre uma hesitação no momento da produção da resposta à pergunta de EM na linha anterior (você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas?). Devido à grande pausa no momento da finalização da UCT, a participante IP completa o turno de MG (linha 14). A ação de IP em relação à transição do turno poderia ser interpretada apenas com uma sobreposição, entretanto, tem-se neste fragmento um exemplo de sua percepção do lugar relevante de transição do turno que culmina em uma ação colaborativa para proceder ao fechamento do turno anterior de MG e, assim, assegurar a progressão tópica. Se observarmos esses movimentos de transição de turno somente sob a ótica de um sistema de trocas que opera por unidades mínimas sintáticas e lexicais, tal como é proposto por SSJ (1974), constataremos que o padrão da transição dos turnos não ocorre somente em função de aspectos estritamente linguísticos. Em 14 e 15, o LRT ocorre por um fator pragmático e prosódico (o olhar de MG para IP e a sua hesitação), de acordo com o postulado de finalização e transição dos turnos proposto por Ford & Fox (1996), ou seja, a partir da convergência de fatores prosódicos e pragmáticos na constituição das UCTs.

Vale salientar que parece haver uma ratificação, por parte de MG, com vistas à participação de IP na transição dos turnos e assim na cooperação do desenvolvimento tópico. A partir desse segmento, a ratificação de IP alterna não só a estrutura anterior de par adjacentes, como também é um mecanismo de contribuição dos referentes tópicos. A

ratificação de outros participantes em interações diádicas promove a construção de um estado de informações compartilhadas que afeta sensivelmente o engajamento dos participantes na interação e, conseqüentemente, a forma de transição dos turnos Goffman (1979).

A interrogação feita por JM (linha 16: de marcha ré) logo após o fechamento do turno de MG, que foi realizado por IP, mostra-nos que a sucessão do turno foi completada. MG prossegue com o relato dos detalhes de seu acidente e inicia seu turno com uma micro pausa no início da sentença e, ao final, realiza um alongamento vocálico. Esse sinal prosódico é interpretado por JT como um sinal de que há a necessidade de sua complementação, a qual ele prontamente realiza com uma sobreposição, que é uma pergunta acerca das circunstâncias do episódio em questão (18 JT: na véspera de Natal?).

Na sequência, MG responde ao questionamento e, portanto, fecha o turno inicialmente aberto por ela (linhas 17 e 19). É possível perceber que IP já elabora complementos ao tópico da conversa, o relato do acidente de MG, nos espaços de repetição e hesitação nos lugares mais relevantes de finalizações dos turnos de MG (por exemplo, nas linhas 24 e 25 no fragmento abaixo). Vale salientar também que os turnos de IP são inseridos na conversa sem sobreposição, unindo as partes do par adjacente sem recorrer à estrutura de perguntas e respostas.

20 JT: véspera de Natal...que beleza
21 EM: escuta G (é o mesmo) que você tinha batido antes?
22 **MG:** não ((todos falam ao mesmo tempo))
23 EM: você bateu no portão dela?
24 **MG:** no portão dela a sorte que ela tava...ela tava ela tava...tava
25 **IP:** dentro
26 **MG:** não
27 EM: ela não estava ali
28 **MG:** não...e ela só chegou duas horas da ((risos))
29 EM: é pegou no portão...tá e aí quando você bate no portão dela você manda arrumar?
30 **MG:** ah se não mandar...eu mando tudo
31 EM: o que acontece quando você entra é sempre do mesmo jeito que você bate?...tem uma...alguma constância?...nessa sua batida
32 **MG:** não é eu tava...bate
33 EM: tava entrando na sua casa?
34 **MG:** não
35 EM: o portão é automático?

36 **MG:** não tava
 37 **IP:** chegando né
 38 **MG:** tava chegando
 39 **EM:** você ia entrar na casa ou ia encostar
 40 **MG:** não ia...
 41 **EM:** encostar
 42 **MG:** isso ((risos de EF))
 43 **EM:** aí você bateu no portão dela?
 44 **MG:** ah
 45 **EM:** da outra vez foi assim também?
 46 **MG:** não
 47 **EF:** ((rindo)) nossa senhora
 48 **EM:** era uma outra manobra
 49 **MG:** [[é
 50 **IP:** [[é
 51 **EM:** G tem que dar uma treinada nessa sua chegada em casa...((MG ri)) não é verdade não é isso?
 52 **MR:** você vai brigar com a rua inteira cuidado

De 26 a 51, volta a ocorrer a predominância de pares adjacentes, em forma de perguntas e respostas (P/R). Esse padrão de movimentação do turno parece contribuir para o desenvolvimento direcionado do tópico. Nesse caso, a narrativa de MG é conduzida por uma sucessão de P a respeito do acidente de MG (linhas 29, 31, 33, 35, 43, 45), mantendo assim a estrutura de P/R iniciadas por EM desde o instauração do tópico da atividade de 07/03/2004.

É interessante notar que os turnos de IP são complementos às respostas de MG. IP parece reconhecer fundamentalmente dois elementos: a necessidade de desenvolvimento do tópico (nesse caso o subtópico “Acidente de MG”) e também a pertinência de elaborar “complementações” às respostas de MG, seja por meio do preenchimento dos *gaps* das UCTs dos turnos de MG (gramaticalmente curtas), ou como nos seguimentos 14-15 e 24-25 onde IP reconhece a finalização das UCTs dos turnos de MG. No segmento 14-15, a finalização da UCT e, conseqüentemente, a transição do turno ocorre por meio de uma pista pragmática, o olhar de MG. Uma ocorrência parecida também pode ser observada no segmento em 24-25, onde novamente a ocorrência da transição acontece a partir de hesitações e repetições, ou seja, pistas fundamentalmente prosódicas. Nesses segmentos, é possível observar que IP assume um papel de co-elaboradora dos turnos e desenvolvidora desse subtópico. Vale ressaltar que os outros participantes não fazem sobreposições, e, que de alguma forma reconhecem esse padrão de transição de turnos e

de desenvolvimento tópico como práticas conversacionais relacionadas a um gênero oral ou tipo de interação consolidados no grupo.

Esses segmentos ilustram a tese de Ford, Fox & Thompson (1996) a respeito da complexidade da transição dos turnos. Segundo as autoras, a finalização dos turnos conjuga simultaneamente fatores linguísticos que vão além do nível sintático, conforme preconizado no texto seminal de SSJ (1974) e por alguns trabalhos mais recentes de Schegloff (2000) e (2007). Se considerarmos a predominância da sintaxe na constituição das UCT, a transição dos turnos em 14-15 e 24-25 é explicada em função do preenchimento sintático das sentenças bem formadas. No entanto, nesses exemplos, a transição dos turnos acontece em função da projetabilidade da ação desempenhada pelos participantes, que neste caso é o relato das férias de MG. A simultaneidade de ocorrência de vários recursos léxico-gramaticais, prosódicos e pragmáticos garante o desenvolvimento do tópico.

A partir da observação dos dados para a seleção do *corpus*, é possível postular que este padrão de movimentação de turno é mais frequente em tópicos que demandam uma estrutura narrativa, principalmente nos momentos em que a configuração do enquadre interativo *Relatos do cotidiano* torna-se predominante. Há indícios de que a relação entre tópico e enquadre interativo é o elemento que estrutura o padrão de transição dos turnos. O contexto interativo, proporcionado pela emergência do enquadre de *Relatos do cotidiano*, ocasiona o que Hanks (2008) denomina como “os processos de incorporação de credenciamentos e divisões sociais que existem antes e além de qualquer campo demonstrativo, que não são assinaladas em algum lugar do discurso e mesmo assim, moldam o contexto e restringem o acesso dos sujeitos ao discurso” (p.186).

53 EM: o quê que foi R?

54 MR: daqui a pouco vai brigar com a rua inteira fica amassando os portão de todo mundo ((risos de todos))

55 EM: será que a vizinha reage mal?

56 MG: também tá com oi

57 EM: ela reage mal como ela reage G ele reage mal ela fica assim pô G como ela reage a tua vizinha

58 MG: não ela tá bem

59 IP: ela conserta tudo

60 EM: ela reage bem..ãham?

61 IP: ela conserta tudo

62 MG: conserto tudo

63 IP: é portão novo né

64 **MR:** bate lá em casa também G
 65 **IP:** portão novo né:::
 --→ ((balança a cabeça e olha para MG, que balança
 também a cabeça))
 66 **JM:** você não foi...pra Bertiooga?
 67 **MG:** fui
 68 **IP:** a pé
 69 **MG:** não eu fui com a minha sobrinha
 70 **JM:** ah tá bom
 71 **EM:** e quanto tempo você ficou lá?
 72 **MG:** eu vim (3s)
 73 **IP:** terça
 74 **MG:** não eu cheguei (3s)

O segmento 63-68 apresenta esgotamento do subtópico “Acidente” e a instauração de um novo: “viagem a Bertiooga”. Na linha 63, IP age novamente como co-elaboradora das R de MG. O marcador conversacional “né” é o sinal léxico-prosódico que desencadeia o esgotamento do subtópico “Acidente” por apresentar uma entonação típica de formulação de perguntas e ao mesmo tempo requerer a resposta de alguém para confirmar todo o encapsulamento de informações que são concernentes à delimitação semântica desse subtópico (segmentos 54-62). Na linha 64, é possível perceber que o enunciado de MR é uma resposta a esse encapsulamento desencadeado por IP, por explicitar a relevância desse conjunto de referentes desenvolvido anteriormente. Na linha 65, a transição do turno ocorre a partir de um alongamento vocálico. A repetição do marcador de conversacional “né”, acompanhada de um gesto, demonstra a finalização do turno e um pedido explícito de confirmação de toda a co-produção da narrativa por parte de IP.

A constituição dessa UCT, a explicitação da ocorrência desse LRT, é um dos fatores interacionais que promovem a mudança de subtópico. Como não houve a resposta de MG à transição desse turno, JM abre um novo subtópico, ainda relacionado às férias de MG. Portanto, o esgotamento e a abertura de um novo subtópico ainda faz parte de um gênero predominantemente narrativo e a participação de MG continua ocorrendo em uma estrutura de pares adjacentes. Novamente, a transição dos turnos e o desenvolvimento desse subtópico fica a cargo de MG, e IP também reassume a posição de co-elaboradora da narrativa, conforme podemos ver na linha 68.

69 **MG:** não eu fui com a minha sobrinha

70 **JM:** ah tá bom
 71 **EM:** e quanto tempo você ficou lá?
 72 **MG:** eu vim (3s)
 73 **IP:** terça
 74 **MG:** não eu cheguei (3s)
 75 **EM:** você quer escrever alguma coisa G?
 76 **MG:** não...é foi ontem
 77 **EM:** você chegou ontem...ah tá
 78 **JM:** [ah é
 79 **EM:** e você passou as festas lá de final de ano...Natal e Reveillon?
 80 **MG:** passou
 81 **EM:** você ficou direto lá?
 82 **MG:** direto
 83 **EM:** tá certo...ai que bom...choveu choveu bastante lá?
 84 **MG:** é
 85 **EM:** naquele período lá da primeira quinzena de janeiro que choveu bastante
 86 **MG:** é
 87 **EM:** depois a gente pode falar sobre isso...eu li no jornal hoje que vai começar novamente a chover não sei se daquele jeito...às vezes é um castigo né...a região toma essa chuva na frente e fica destruída...depois eu conto da minha viagem dos lugares pra onde eu fui que...eu também encontrei assim uma chuva enorme...aí...então teve umas férias legais né G?

No segmento 73-74, IP insere seu turno em função da hesitação de MG, complementando o conjunto referencial do subtópico. A atuação de IP como co-elaboradora dos turnos desempenha uma função textual importante: a de integrar e, ao mesmo tempo, estabelecer uma clara relação de interdependência semântica, isto é, o traço de *concernência* da propriedade tópica de *centração*. A complementação aos turnos funciona no plano textual como um elo que une os elementos de um conjunto referencial, processado de forma compartilhada no decorrer da conversação. Conforme argumenta Jubran (2006b):

A relação de interdependência entre turnos pela preocupação dos falantes de se entrosarem, procurando manter a conversa em torno de um conjunto de *objetos-de-discurso* compartilhados, que se constituem como o foco da interação. Há que como uma consciência de que se deve falar sobre algo e de que ponto a conversa deve ficar claro para os interlocutores. Neste caso, são observáveis segmentos discursivos mais amplos do que o do turno, centrados num recorte proeminente [...] O tópico decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes de um ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão

de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam (Jubran, 2006b: 90).

A partir da linha 75, EM pergunta à MG se ela prefere complementar seu relato usando o auxílio da escrita. Aparentemente, esta atitude de EM parece ser uma forma de reorganizar o desenvolvimento do tópico (ainda o subtópico “Viagem à Bertioga”) por MG. As interpelações de IP, no papel de co-elaboradora, afetaram a distribuição do turno. Os turnos complementares, tomados sem sobreposições por IP, contribuíram para o desenvolvimento do tópico, porém, deixando em segundo plano as tomadas e o desenvolvimento de turnos mais extensos por parte de MG. Pode parecer à primeira vista que essa movimentação de turno (com inserções complementares às respostas) segue uma estrutura de pares adjacentes de pergunta e resposta, ou, ainda obedece à máxima “cada falante fala após o turno de outro falante” preconizada pelo sistema elementar de trocas de turnos (SSJ, 1974). No entanto, é graças aos turnos complementares de IP, que são inseridos nos LRT sinalizados por alongamentos vocálicos ou pausas extensas, que a conversação mantém seu ritmo e a sequencialidade do tópico, que no caso é o relato das férias de MG. A dinâmica colaborativa do turnos, (iniciada por IP e , posteriormente, também realizada pelos demais participantes – JM, JT, EM, MR) é um recurso compartilhado por essa comunidade de práticas, que assegura o engajamento numa atividade específica (o interesse de todos pelos relatos de MG), e, sob o ponto de vista textual discursivo é um dos mecanismos responsáveis pela progressão tópica.

4.2.2 – Dado 2

Data: 30/09/2004

Sujeitos afásicos presentes: MS, NS, SP, SI e EF.

Sujeitos não afásicos: JC e HM.

Na atividade de linguagem ocorrida em 30/09/2004, participavam as pesquisadoras HM e JC e os afásicos: MS, NS, SP, SI e EF. Nesse encontro, o grupo recebeu dois visitantes: uma candidata a vereadora e a esposa de um dos integrantes afásicos. A candidata a vereadora foi trazida por um dos integrantes afásicos para conversar com o grupo e explicar suas propostas. No primeiro momento do registro deste encontro, o enquadre interativo que emergiu foi o de debate. A candidata apresentava seus argumentos para as suas propostas e os integrantes do grupo faziam questões e comentários. Após a saída da candidata, o enquadre interativo do grupo é reconfigurado. E é exatamente neste momento que o fragmento abaixo foi recortado.

1 HM: é...então tá bom... seu S não vota... dona S também não vota...
vota?
2 SI: si:::m
3 NS: [por que?
4 HM: não né
5 JC: por que é facultativo
6 HM: é lembra que ela explicou... por que pode votar ou não
7 NS: ah tá
8 JC: depois dos setenta: anos
9 HM: a S não tem setenta
10 JC: setenta não é?
11 HM: setenta anos S não ((EF inicia movimento para tirar a
carteira do bolso))
12 SP: nã::o eu tenho... eu tenho
13 HM: mas ela acha que... por que você não vota S?
14 SI: ah... por... que ((volume de voz muito baixo))
15 JC: [acho que ela não tem ((essa sobreposição
de JC tira totalmente o turno da fala de SI...))
16 NS: cê não tem?
17 HM: não tem título
18 EF: [[não... não
-----> ((acena com a cabeça em sinal de negação, e
começa a mexer em sua carteira))
19 HM: eu sei que a dona N também não tem aqui... ela não vota
20 MG: não tem título
21 EF: ãh
--> ((tira uma foto da carteira))
22 SI: meu marido vota
24 HM: seu marido vota né... é

25 EF: hum ãh
 ----→ ((vira em direção a HM e lhe a carteira de identidade))
26 HM: mil novecentos e trinta... setenta e quatro anos
27 EF: é:::::
 à ((pega a identidade das mãos de HM e a guarda novamente na carteira))
28 MG: ixi:::: tudo isso?.... no::ssa ((risos))
29 SI: ano que vem a senhora (SI) você mais véio
30 HM: olha aqui é por isso que você reconheceu a dona L né... tá aqui na foto
 -----→ ((mostra uma foto para NS))
31 NS: é eu vi eu conheço eu conheço
32 HM: muito simpática sua mãe... não M... nova... muito ativa... bacana
33 MS: [isto *----→* ((faz sinal com o polegar um pouco antes da verbalização))
34 MS: oi... oi-ten
35 JC: [eu não vi as fotos
36 HM: oitenta
37 MS: ãh... é ... uhamm....três
 ----→ ((indica o número três com os dedos das mãos))
38 NS: [[três
39 HM: bom agora eu queria que o M explicasse o que que ele faz... tá aqui fazendo
40 MS: ah... humm
41 HM: o que que o senhor acha seu S?
 -----→ ((ergue a foto em direção a SI))
42 SP: ah....hummm ((emite aspirações))
 -----à ((ergue o braço em direção a HM))
43 NS: deixa eu ver deixa eu ver
 -----→ ((pega das mãos de HM a foto)) ((MG pega outras fotos sobre a mesa))
44 HM: deixa eu pegar outra que tem aqui... tem que dar umas explicações aqui pra gente
 -----→ ((pega outra foto sobre a mesa))
45 JC: olha que... hora ele mostra pela primeira vez
46 MS: A-C-U-P-U-N-T-U-R-A

Em função da proximidade das eleições municipais de 2004, a pesquisadora HM indaga os participantes em quem eles votarão nas eleições (linha 1). Podemos observar que no fragmento 1-17 ocorrem pares adjacentes bem definidos de perguntas e respostas, com inserções e finalizações de turnos completas e poucas sobreposições. Nesse fragmento, na linha 11, o sujeito EF, em meio às perguntas e respostas do tópico “

quem vota”, retira a carteira de seu bolso. A partir da linha 18, quando EF acena negativamente com a cabeça e indica algo que está em sua carteira é que o enquadre interativo é reconfigurado. No segmento citado acima, podemos observar que a dinâmica de turnos segue quase integralmente a regra “um falante fala de cada vez”, conforme o modelo de SSJ (1974) e de um tópico que se mantém ao longo da interação.

Após o seguimento 1-18, temos a emergência do enquadre *Relatos do Cotidiano*. Esse enquadre ocasiona uma dinâmica de turnos e o desenvolvimento de tópico bem distintos do seguimento 1-17. Nesse encontro, MS trouxe fotos que estavam dispostas sobre a mesa. Na linha 21, EF tira uma foto de sua carteira, e, a partir deste momento, o tópico anterior (“quem vota”) é encerrado e há o surgimento de um novo tópico, o relato das fotos. Como esse tópico demanda uma atividade narrativa em que os participantes relatam a cena expressa na fotografia, há uma maior autonomia dos sujeitos afásicos tanto para inserir e sobrepor turnos, quanto para agregar novos referentes ao tópico, o que favorece o surgimento de novos subtópicos. A reconfiguração do encontro pode ser observado, de uma forma geral, no segmento 21-45.

Ainda no segmento 21-45, é possível observar que os sujeitos afásicos lançam mão de recursos extralinguísticos (gestos dêiticos) para a construção e a inserção de seus turnos. Alguns exemplos dessa mudança nas dinâmicas de turnos são o uso de gestos para preencher os espaços de longas pausas ou hesitações quando há dificuldades de evocação lexical ou de implementação fonética. Os gestos permitem aos afásicos manter o turno, como nos mostra a linha 37. Outro recurso constantemente utilizado pelos sujeitos afásicos são as sobreposições de turnos nos momentos de hesitações. Esses turnos não são propriamente tentativas de tomada de turnos; eles indicam que o interlocutor “acompanha” ou “segue” as palavras do seu interlocutor”, como podemos ver na linha 38 (Galembeck, 1997).

As passagens de turnos realizadas ou facilitadas por meio de fatores que não estão estritamente condicionados aos níveis linguísticos (como por exemplo a sintaxe ou léxico, como é proposto inicialmente por SSJ, 1974) revelam, neste fragmento, que os afásicos manipulavam de forma muito satisfatória algumas regras do modelo de SSJ, tais como: a seleção do próximo falante, a retenção e a projetabilidade de turnos.

Um exemplo evidente das formas de projeção dos turnos nas interações do CCA é o segmento 32-45, em que transições de turnos ocorrem por meio de complementos às hesitações, uso de *promptings* orais e uso de elementos encapsuladores (linha 33 – “isto” de MS, que confirma a complementação do turnos anterior). Estas evidências corroboram os estudos de Ferguson (1998) e Ford, Fox & Thompson (1996). Segundo esses autores, as unidades de construção de turno (UCT) são finalizadas e percebidas pelos falantes não somente por meio dos *gaps* sintáticos e marcas lexicais da língua, mas também por elementos vinculados ao contexto imediato da interação (conforme podemos observar os gestos dêiticos e sinalizadores nas linhas 30, 33, 37 e 41), utilizados tanto por sujeitos afásicos, quanto não afásicos.

Ainda que os sujeitos afásicos apresentem dificuldades na manipulação de determinadas estruturas linguísticas, é possível perceber que as dinâmicas de turnos ocorrem de forma muito semelhante às conversações que envolvem sujeitos não afásicos. Os dados mencionados acima indicam também que a estruturação da conversação não é somente garantida pelos fatores intrínsecos à língua, ou até mesmo à ideia de domínio gramatical, mas também a uma gama de fatores contextuais que emergem no âmbito do contexto imediato da interação (Hanks, 2008).

Na sequência do dado, o grupo pede a MS que relate a situação de uma das fotos (segmento 44-46). Na linha 46, MS introduz um novo referente, o que ocasiona uma mudança de tópico. Esta mudança é perceptível em função da introdução de um novo referente, que é desenvolvido no decorrer deste encontro, conforme podemos observar no segmento 47-108.

47 HM: ah e:::::

48 JC: só... acupuntura pra melhorar
-----→ ((coloca a mão na cabeça))

49 MG: você... quanto paga?

50 MS: na-da nada
--→ ((acena com a mão))

51 NS: mas por que?

52 JC: plano de saúde?

53 MS: NÃO ... e:::::u.
--→ ((aponta o dedo para si mesmo))

54 NS: [hospital hospital

55 MS: isso... e:::: e:::::

---→ ((aponta o braço em direção a NS))

56 NS: lá na... hospital não é

57 MS: e::... Laércio

58 JC: seu amigo

59 MS: i::sso

60 HM: o Dr Laércio o médico que faz acupuntura

61 MS: [issoé:::]

62 JC: então ele... ele faz de graça por que ele é seu amigo

63 MG: eu eu... quiser ir lá... ele tam-bém faz?

64 NS: [mas por que?

65 JC: o que é acupuntura?

66 NS: mas por que?

67 MS: eu faço ((EF toca no braço de MS, e emite "é:::"))

68 JC: a::h olha só...a N quer saber por que que na orelha
---→ ((segura a orelha))

69 NS: é por que?

70 HM: pera aí... pera aí... vamo ... vamo organizar aqui ((HM e JC tentam organizar a interação, JC gesticula com o braços indicando desordem)) por que se fica conversas.... paralelas que....a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá

71JC: [não dá certo

72 HM: interessado vamos voltar aqui né...então a G perguntou/o M perguntou é de graça que faz? o M falou ... é

73 NS: [é então

74 HM: é de graça por que o médico é amigo dele então ele... tá fazendo um favor... não sei...mas aí G quer

75 MS: [[isso

76 NS: [[eu sei...ah eu sei

77 HM: saber ela for lá também vai ser de graça... é isso?

78 EF: [a:::: é::::

-----→ ((toca o braço de HM, em seguida aponta para si e faz sinal de positivo com o polegar))

79 HM: o senhor faz acupuntura?... e vai indicar indicou pra ela

EF: [a::::

---→ ((EF aponta para MG))

80 MS: não

81 JC: ele quer saber a mesma coisa da G?

82 HM: [[também quer saber a mesma coisa da G?

83 MS: ISSO ISSO ISSO

84 HM: também se ele for lá se ele faz...e aí Dr Laércio faz... atende onde? peraí um pouquinho seu E vamos lá

85 EF: [a::::

86 MS: ã::::ham (3s) centro... não ãhm (4s) humm... e não... nada
-----→ *-----→* (faz gestos circulares com o braço e de negação))

87 HM:

[no hospital?... um centro de saúde?

88 JC: acho que é uma clínica... particular

89 MS: isso isso... isso

-----→ ((aponta o braço em direção a JC))
 90 HM: uma clínica particular
 91 MS: [isso isso
 92 NS: mas é aqui?
 ---→ ((aponta para baixo))
 93 JC: é aqui em Campinas ?
 94 NS: Campinas?
 95 MS: isso isso (2s) eu a:::h (3s) eu a:::
 96 NS: [mas por que aqui
 ---→ ((segura
 na própria orelha))
 97 JC: calma então... pera aí
 98 MS: nã:::o e
 ---→ ((estende o braço e apanha um papel na mesa))
 99 NS: por que aqui
 ---→ ((segura na própria orelha novamente))
 100 JC: por que aqui na orelha
 -----→ ((segura na própria orelha))
 101 HM: ah... explica então um pouquinho o que é acupuntura
 102 MS: a:::h
 -----→ ((põe a mão na própria cabeça))
 103 NS: cabelo?
 -----→ ((pega no cabelo))
 104 EF: a:::h
 -----→ ((põe a mão na própria cabeça))
 105 NS: cabeça?
 106 JC: não o cérebro... o cérebro... a afasia... o derrame
 -----→ ((põe a mão na própria cabeça))

A partir do momento em que MS informa ao grupo que se submete a um tratamento com acupuntura, os afásicos se engajam na atividade de discussão desse novo tópico, que é pertinente à maioria dos integrantes do grupo, isto é, uma terapia complementar que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida deles

Na linha 49, a pergunta de MG (“você... quanto paga?”) promove uma primeira alteração na dinâmica de turnos da interação. De uma atividade dirigida pelas pesquisadoras, passamos a um diálogo em que principalmente duas participantes afásicas (MG e NS) alteram a estrutura de participação vigente até então, tomando a frente das pesquisadoras (HM e JC) e realizando elas mesmas perguntas sobre o tópico introduzido, no qual a pesquisadora HM desempenhava o papel de fazer as solicitações e os afásicos desempenhavam o papel de responder àquilo que lhes era solicitado.

Assim, temos neste segmento um outro direcionamento da atividade, isto é, um diálogo que não é dirigido pelas pesquisadoras, mas sim pelos afásicos (MS, NS e MG).

Podemos observar neste diálogo um maior número de sobreposições nos turnos e um indispensável uso de recursos gestuais que auxiliam na construção dos sentidos.

A principal especificidade do enquadre *Relatos do Cotidiano* é o fato de que a iniciativa de instauração do tópico é realizada por sujeitos afásicos. As pesquisadoras HM e JC continuam a direcionar a atividade, mas de uma forma diferente. Elas deixam de direcionar os turnos para elaborar *promptings* orais que auxiliam na verbalização de outros enunciados que são pressupostos pelas enunciações e pela expressividade gestual dos sujeitos afásicos e também pelo conhecimento partilhado entre afásicos e os não-afásicos. Acreditamos que os principais objetivos que norteiam essa função das pesquisadoras sejam o ajuste do fluxo do diálogo e a construção de sentidos negociada por todos, que culmina no desenvolvimento conjunto do tópico.

No segmento 69-77, é saliente a alteração do enquadre interativo. A fala de HM (“pera aí... pera aí... vamo ...vamo organizar aqui por que se fica conversas.... paralelas que....a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo tá”) é, na realidade, uma forma de promover o realinhamento da interação, já que a estrutura de participação havia sido alterada. No decorrer deste segmento, a pesquisadora HM volta a organizar as tomadas de turnos (linha 72: a gente sabe... como é o mesmo assunto se todo mundo ta interessado vamos voltar aqui né...então a G perguntou/o M perguntou é de graça que faz? o M falou ... é” , “é de graça por que o médico é amigo dele então ele... tá fazendo um favor... não sei...mas aí G quer saber ela for lá também vai ser de graça... é isso?), ou seja, ela retoma o direcionamento da interação para que a atividade volte a ser estruturada como era no início da interação, quando as pesquisadoras organizavam e distribuíam o turno entre os afásicos.

No entanto, mesmo após esta reestruturação, a pergunta de NS, feita na linha 69, (“é por que?”), não é respondida. Esse esclarecimento só ocorre a partir do segmento 96-97. O gesto que NS realiza (ela segura novamente na sua orelha enquanto repete e pergunta) esclarece finalmente a especificidade de sua pergunta, e instaura um novo subtópico: “o lugar do corpo onde é realizado o tratamento com acupuntura”. A atividade em questão é a discussão do tópico “acupuntura”, sendo que a discussão sobre esse tema específico pode ser considerada como o primeiro fator de engajamento de todos os sujeitos envolvidos na atividade.

Todos os sujeitos que participam da atividade voltam a atenção integralmente para a discussão do tópico “acupuntura”. A inserção do subtópico “pagamento do tratamento”, realizada por MG, suscita a adesão mais ativa dos sujeitos. Os sujeitos afásicos se interessam pelo tópico e participam da interação conjuntamente, porém, de maneira heterogênea. Mesmo discutindo o mesmo tópico, os interesses de MG e NS são distintos. O interesse de MG é saber quanto MS paga pelo tratamento, enquanto NS questiona apenas “por quê?” ele o faz. O questionamento de NS é esclarecido somente depois que as pesquisadoras conseguem redirecionar a interação.

O fragmento acima indica-nos que NS e MG têm um interesse comum: saber mais sobre a acupuntura. No entanto, as formas como elas agem na interação para alcançar este interesse comum são diferentes. MS e as pesquisadoras HM e JC estão também engajadas, junto com os demais participantes, na discussão do tópico. Os interesses distintos de NS e MG, e as intervenções de HM e JC, podem ser considerados o que Wenger (1998) chama de disposição mútua de engajamento. Entretanto, as formas de engajamento dos sujeitos na discussão do subtópico são heterogêneas. A análise do dado do enquadre *Debate* revelou estruturação de turnos mais rígida e um tipo de engajamento que poderíamos chamar de “integral”, porque o grupo inteiro participava da discussão da conduta de Zeca Pagodinho. Nesse dado, temos um contraste em relação ao anterior, já que observamos alterações tanto na dinâmica de turnos e no engajamento dos participantes, quanto no desenvolvimento do tópico compartilhado por todos.

A formação de díades ou de grupos paralelos de conversa no decorrer da atividade de linguagem ocasiona mudanças na estrutura de participação que influenciam na sustentação do envolvimento dos participantes, instaurando, assim, um outro tipo de engajamento, que denominamos “engajamento paralelo”. Esse tipo de engajamento não constitui uma mera dispersão da interação; pelo contrário, ele reflete a dinamicidade da interação e a negociação em torno de um empreendimento comum.

4.3 Quadro geral de recorrências do turno conversacional e do desenvolvimento de tópico discursivo nos enquadres interativos

Para a melhor visualização das dinâmicas de turno e da movimentação tópica, elaboramos um quadro de cada uma a fim de sintetizar as principais recorrências dessas categorias nos episódios conversacionais analisados. Na elaboração dos quadros, distinguimos as formas de distribuição dos turnos e de movimentação tópicas realizadas pelos dois tipos de sujeitos presentes nos episódios conversacionais: afásicos e não afásicos. A quantificação das ocorrências serve apenas para a simples observação e comparação entre as ocorrências na produção dos dois tipos de sujeitos, não tendo nenhuma finalidade quantitativa destinada à compreensão dos fenômenos focalizados. Interessa-nos sobretudo, observar que ambos os fenômenos ocorrem na produção de sujeitos afásicos e não afásicos.

No enquadre interativo *Debate / Discussão de notícias*, é possível perceber que as sobreposições de turnos realizadas por afásicos são consideravelmente maiores do que em relação ao enquadre *Relatos do Cotidiano*. Por outro lado, as sobreposições de turnos de não afásicos em turnos de afásicos são maiores no enquadre *Discussão* do que no enquadre *Relatos do Cotidiano*. À primeira vista, os números expressam situações de uso do turno incorporadas no contexto das estruturas de cada enquadre (Hanks, 2008), pois comumente o exercício de argumentação demandado em um debate influencia diretamente as formas de construir e exibir um ponto de vista.

Enquadre Debate / Discussão de Notícias

Dado 1 – 25/03/2004

<i>Dinâmicas de Turno</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Recorrência no Dado</i>
Sobreposições de turnos de afásicos em turnos de não afásicos	18	Afásicos realizam as sobreposições de turnos após a inserção de tópico por um não afásico. Tais sobreposições têm a função de confirmar a participação no tópico, e são, geralmente, feitas a partir de itens lexicais isolados que expressam afirmação ou negação do argumento proposto no tópico (ex: “sim” ou “não,” “muito bem”). Com menos frequência, as sobreposições ocorrem por meio de sintagmas verbais, principalmente nas sobreposições de MG. As sobreposições de afásicos, ainda que realizadas, por itens lexicais, indicam o engajamento no tópico discutido, pois ocorrem justamente nos momentos em que há a centração dos referentes principais do debate.
Sobreposições de turnos de não afásicos em turnos de afásicos	01	Há apenas uma sobreposição desse tipo nesse dado que, na realidade, se configura como um assalto ao turno, para introduzir mais referentes a um dos argumentos do debate. Os turnos de não afásicos são os mais longos, com a maior parte de informações e referentes do tópico e obedecem a um padrão de distribuição dirigido. Isso parece ocorrer para que haja a participação dos integrantes não afásicos, ou seja, a discussão da questão cerne do debate.
Sobreposições de turnos de afásicos em turnos de afásicos	01	As sobreposições de turnos de afásicos em turnos de afásicos não ocorrem nesse dado. Isso pode ser explicado por dois fatores: (i) os argumentos centrais do debate são geralmente introduzidos por não afásicos na abertura do tópico, e além disso são direcionados, na maioria das vezes, a participantes afásicos específicos; (ii) a distribuição dos turnos no enquadre interativo tende a ser feita a partir de uma estrutura de <i>exposição / pergunta / resposta</i> , sendo, portanto, menos suscetível a sobreposições e assaltos ao turno

Sobreposições de turno de não afásicos em turnos de não afásicos	07	Nesse tipo de sobreposição há a inserção de turnos que complementam a conteúdo referencial e semântico do tópico do debate. Os turnos que são sobrepostos versam a respeito da exposição do tópico e dos argumentos do debate. Tais sobreposições não se caracterizam como assaltos de turnos, pois são curtas e ocorrem da forma como descrita acima.
Direcionamento do turno realizada por não afásicos	05	Características principais: Par dialógico – Pergunta e Resposta (P/R). Ocorrem durante a discussão e a exposição do ponto de vista acerca da questão do debate.
Direcionamento de turno realizada por afásicos	04	Características principais: Par dialógico – Pergunta e Resposta (P/R). Ocorrem durante a discussão e a exposição do ponto de vista acerca da questão do debate. Esses direcionamentos corroboram o engajamento mútuo do grupo.

<i>Desenvolvimento do tópico</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Recorrência no Dado</i>
Inserção do Supertópico	01	Fica a cargo de um participante não afásico, inclusive do levantamento das questões do debate relacionadas ao supertópico.
Inserção de Subtópicos	01	Realizada por um afásico, a partir da indagação da questão cerne do debate (linha 40). Direcionamento do turno (feito por um não afásico a um afásico), novo argumento para o debate do supertópico. O subtópico “nacionalidade da cervejaria” torna-se mais proeminente neste momento
Retomada ao Supertópico	01	Realizada por um afásico, retomando a questão do debate e expondo seu ponto de vista (linha 52). Outros afásicos retomam a questão (linhas 53, 98)

A observação qualitativa desses números revela a dinamicidade que as tomadas de turnos adquirem nos enquadres interativos, no que diz respeito à sua construção e lugares de transição, temas tão debatidos em algumas vertentes da Análise da Conversação.

É possível perceber, a partir dos números observados nos quadros acima, bem como a partir das análises dos dados, que há momentos em que a transição dos turnos obedece às regras do sistema elementar de trocas de turnos preconizado por SSJ em 1974, como, por exemplo, no enquadre *Debate / Discussão de Notícias*. Porém, nesse enquadre, também podemos perceber que o tópico desenvolvido no debate é o fator que desencadeia a maioria das formas de sobreposições ao turno.

Uma situação parecida pode ser observada nos dados do enquadre *Relatos do Cotidiano*, onde a maior parte das sobreposições ocorre em função da continuidade da narrativa desenvolvida no episódio conversacional. Isso indica que as trocas de turnos estão mais vinculadas ao contexto interativo do enquadres e fatores discursivos intrínsecos da conversação do que somente a unidades de natureza linguística, conforme a tese de Ford, Thompson (1996), Ford, Fox & Thompson (1996).

Enquadre Relatos do Cotidiano

Dado 1 – 07/03/2004

<i>Dinâmicas de Turno</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Recorrência no Dado</i>
Sobreposições de turnos de afásicos em turnos de não afásicos	04	Os afásicos realizam poucas sobreposições, e quando estas ocorrem, são para complementar a narrativa.
Sobreposições de turnos de não afásicos em turnos de afásicos	01	Não há ocorrência, possivelmente por conta da estrutura narrativa, do engajamento de todos para ouvirem as narrativas; ou seja, no empreendimento comum e também por respeitarem pausas, hesitações presentes nos turnos dos afásicos (recursos compartilhados entre os integrantes de uma CP).
Sobreposições de turno de afásicos em turnos de afásicos	01	A sobreposição ocorre em uma hesitação, a partir de um pista pragmática (olhar), e funciona como uma complementação para o fechamento de turno (linhas 14 e 15).

Sobreposições de turno de não afásicos em turnos de não afásicos	00	Não há ocorrência, possivelmente por conta da estrutura narrativa, do engajamento de todos para ouvirem as narrativas, ou seja, no empreendimento comum e também por respeitarem pausas, hesitações presentes nos turnos dos afásicos (recursos compartilhados entre os integrantes de uma CP).
Direcionamento do turno realizada por não afásicos	00	Não há ocorrência. A transição de turnos ocorre sem direcionamento explícito, porém com complementações participantes não afásicos.
Direcionamento do turno realizada por não afásicos	00	Não há ocorrência. A transição de turnos ocorre sem direcionamento explícito, porém com complementações de participantes não afásicos.

<i>Desenvolvimento do tópico</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Recorrência no Dado</i>
Inserção do Supertópico	01	Fica a cargo de um participante não afásico (o relato de férias), porém, o supertópico deste dado é desencadeado pelo relato de uma batida de carro que envolveu uma participante afásica, ocorrido no período de férias.
Inserção de Subtópicos	02	Realizada por um não afásico, a partir da narrativa da batida (o supertópico), o subtópico trata da reação da vizinha envolvida na batida. A segunda inserção é também realizada por um afásico, após o fechamento do subtópico apontado acima, sendo ainda uma derivação desse mesmo subtópico.
Retomada ao Supertópico	01	Realizada por um não afásico, fechando o subtópico “viagem de MG”

O dado do enquadre *Relatos do Cotidiano* de 30/09/2004 exemplifica uma dessas situações em que, a partir das imagens fotográficas, comentadas por um afásico, ocorre uma grande reconfiguração do enquadre interativo e um processo visível de construção conjunta de sentido. É justamente em função da desconsideração dos aspectos emergentes e incorporados às práticas interativas que estão fundamentadas as críticas a algumas vertentes de estudos da Análise da Conversação (cf. capítulo 1).

Enquadre Relatos do Cotidiano

Dado 2 – 30/09/2004

<i>Dinâmicas de Turno</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Recorrência no Dado</i>
Sobreposições de turnos de afásicos em turnos de não afásicos	09	A estrutura narrativa do enquadre contribui para que os afásicos insiram turnos que servem para confirmar ou negar referentes relativos ao tópico desenvolvido. Em função da dificuldade de seleção lexical ou outra dificuldade linguística, muitos turnos de afásicos são curtos e complementam a informação do turno anterior, que pode ter sido de um afásico ou não afásico. Alguns turnos são constituídos por recursos extralinguísticos.
Sobreposições de turnos de não afásicos em turnos de afásicos	02	As duas sobreposições deste episódio interativo são realizadas por somente uma participante não afásica (JC). Em uma das sobreposições, JC completa o turno de SI. No outro caso, a sobreposição ocorre em função da formação de grupo paralelos de conversação.
Sobreposições de turno de afásicos em turnos de afásicos	05	A integrante afásica NS realiza 4 sobreposições de turnos que servem para obter maiores detalhes a respeito de um dos referentes construídos durante o desenvolvimento do tópico. Na outra sobreposição, ela verbaliza o gesto que indica número de um outro sujeito afásico. A partir da observação das sobreposições de NS, é possível perceber o engajamento ao empreendimento comum do grupo, ou seja, o pertencimento e participação nas interações do CCA que pode ser caracterizado como uma comunidade de práticas.
Sobreposições de turno de não afásicos em turnos de não afásicos	02	As sobreposições ocorrem para esclarecer o conteúdo informativo dos turnos anteriores e também tentam organizar a distribuição dos turnos, já que neste dado há momentos em que há inserção simultânea de turnos devido à estrutura narrativa do tópico em desenvolvimento.
Direcionamento do turno realizada por não afásicos	04	Os direcionamentos dos turnos ocorrem para participantes se integrassem aos tópicos desenvolvidos naquele episódio interativo (quem votaria nas eleições daquele ano; os comentários surgidos a partir da observação de fotografias trazidas pelos participantes).

Direcionamento de turno realizada por afásicos	00	No enquadre dos Relatos, os turnos são mais curtos. A transição de turnos ocorrem sem direcionamento explícito, porém com complementações de outros não afásicos
---	----	--

<i>Desenvolvimento do tópico</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Recorrência no Dado</i>
Inserção do Supertópico	02	A inserção é realizada uma das pesquisadoras, porém esse supertópico é fechado e um outro supertópico é aberto por outra pesquisadora
Inserção de Subtópicos	01	A inserção do segundo supertópico “a observação das fotografias”, um subtópico, inserido pela pesquisadora HM, ganha espaço na interação e os participantes engajam-se de maneira visível. Há ainda durante o desenvolvimento desse subtópico a construção conjunta de referentes, mudanças de contexto e o uso de recursos extralinguísticos
Retomada ao Supertópico	00	Não há ocorrência.

Graças ao reconhecimento de qual tipo de atividade desenrola-se e qual o sentido que os participantes dão a isso (Tannen & Wallat, 1987/2002), os turnos conversacionais apresentam padrões de recorrência heterogêneos, que não ficam apenas concentrados nos participantes não afásicos ou afásicos, mesmo que os números apontem que a maioria das sobreposições de turnos são realizadas por integrantes afásicos.

A dinamicidade dos enquadres interativos, que por sua vez influi na dinâmica de turnos, ocorre graças à configuração social e estruturação interacional que o CCA possui. Assim, ao compreender as dinâmicas de turnos situamos as práticas conversacionais dentro de um aparato socialmente organizado, em que os integrantes desse grupo contam com um histórico de participação interativa, reúnem-se em torno de um objetivo comum e compartilham recursos que os permitem engajar-se interativamente.

Se o CCA não tivesse tais características de uma comunidade de práticas (Wenger, 1998), provavelmente as formas de interação que nele ocorrem seriam diferentes e, conseqüentemente, teríamos outros padrões de recorrência de turnos conversacionais.

Vale salientar também o papel que o contexto exerce diretamente sob o enquadre interativo, e, conseqüentemente, também sob a movimentação dos turnos. O pronto reconhecimento das formas de interagir no enquadres provém não só de conhecimentos compartilhados de uma base comum necessária para a dinâmica interativa (Clark, 1996), mas também da dimensão incorporada do contexto, proveniente da inserção histórico-social do próprio CCA e de suas práticas discursivas ritualizadas (Hanks, 2008). Nesse sentido, é muito relevante considerar em nossas análises da movimentação dos turnos os aspectos relacionados à materialidade social do CCA e a heterogeneidade seus participantes.

Tais aspectos de tomada, retomada e sobreposição dos turnos têm a ver ou estão mais relacionados às formas de reconhecimento e de credenciamento ao discurso, defendidas por Hanks (1998), do que somente com a materialidade linguística de construção de um sistema de turnos operado por meio de regras específicas, como propõe inicialmente o modelo de SSJ (1978). O maior ou menor número de sobreposições realizados por afásicos, expressos nos dados dos enquadres de *Debate / Discussão de notícias* e de *Relatos do Cotidiano*, estão relacionados ao reconhecimento das formas de argumentar e narrar e das possibilidades, incorporadas ao contexto interativo do CCA.

É também necessário considerar os aspectos emergentes do contexto, que configuram e reconfiguram continuamente os enquadres interativos das práticas de linguagem do CCA. A emergência de fatores localizados discursivamente é responsável pela manutenção ou descontinuidade de determinadas formas reconhecimento do que ocorre na interação e das possibilidades de inserção, tomada e distribuição dos turnos; na duração, sequência e simultaneidade da conversação (Hanks, 2008). Nos dados, as marcas linguísticas dos aspectos emergência do contexto interativo manifestam-se em pausas, hesitações e alongamentos vocálicos. As marcas pragmáticas são os fatores intrínsecos às práticas de linguagem do CCA, que ocorrem no momento em que os participantes engajam-se em uma determinada atividade.

A partir de nossas análises, é possível postular que as dinâmicas de turnos são influenciadas diretamente pelos fenômenos relacionados ao tópico discursivo. A movimentação tópica é o maior fenômeno responsável pelas mudanças de contextos, que por sua vez influem diretamente nas características dos enquadres interativos e na

dinâmica de turno de cada um deles. Nesse sentido, postulamos que o tópico é o fator que desencadeia o engajamento do grupo às práticas de linguagem do CCA e, a partir disso, a forma como o tópico é conduzido e retransformado (isto é, divide-se em subtópicos, sofre regressão ou progressão e outros tantos fenômenos) relaciona-se mutuamente com a emergência de aspectos do discurso que surgem da produção e recepção dos processos no curso da interação. Nesse sentido, retomamos o argumento de Marcuschi (1998:14), segundo o qual a topicalidade é:

o fio condutor da organização discursiva, que constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns e para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura.

O tópico, portanto, manifesta-se como fenômeno conversacional que desencadeia a emergência de fatores que alteram sensivelmente os processos de percepção daquilo que está ocorrendo na interação, o enquadre, e por consequência, as formas de tomar, inserir e fechar os turnos conversacionais. É em função do tópico que os dados analisados neste trabalho, apresentam as configurações interativas que nos permitem entrever as práticas linguísticas envolvidas nos enquadres interativos, inclusive a sua configuração e reconhecimento pelos participantes e as dinâmicas de turnos.

Por esse motivo, concordamos com o argumento de Marcuschi de que o tópico é o “fio condutor” da atividade discursiva. Sem a sua predominância, que pode ser constada em nossos dados, a organização das práticas interativas e conversacionais do CCA seria, provavelmente, muito diferente do que é. Em outras palavras, é possível que teríamos o engajamento dos sujeitos a tais práticas e também a participação efetiva de sujeitos afásicos, seja no que diz respeito ao fenômenos relacionados aos turnos e até mesmo à movimentação tópica.

5

Conclusões

A partir de nossas análises e de todo o empreendimento teórico desenvolvido no âmbito desta tese é possível observar as estratégias de que participantes lançam mão para os ajustes necessários à sustentação da conversação em contextos interativos específicos, que são definidos tanto por aspectos relacionados à estruturação social do grupo, à categorização social de seus participantes e ao histórico e qualidade das interações constituídas nas práticas do CCA, quanto pelas demandas específicas surgidas durante o engajamento conversacional de seus integrantes.

O exemplo mais visível dessa relação mutuamente constitutiva de fatores macro e micro (ou seja, práticas sociocognitivas do CCA e estruturação e gestão do turno e do tópico), é o reconhecimento que os participantes demonstram ter dos enquadres principais que influenciam diretamente nas formas dinâmicas de estruturação dos turnos e no desenvolvimento do tópico discursivo. É a partir desse reconhecimento que os participantes se (re) alinham às interpretações conjuntamente negociadas e de julgamentos que se confirmam ou se alteram durante a conversação.

Nossos dados também permitem observar que esses movimentos ocorrem de forma diferente nas interações dos sujeitos afásicos. Considerando as restrições de ordem linguística e comunicativa que a afasia implica, os sujeitos afásicos recorrem a outros recursos que não apenas verbais, compartilhados em meio ao histórico de

participações no CCA, para manipular estratégias conversacionais na construção conjunta de sentidos.

As pausas mais extensas, as repetições, os reparos, as dificuldades de articulação fonético-fonológicas, as hesitações, gestos de especificidade linguística, o *prompting* e o uso da escrita são recursos recorrentes que os sujeitos afásicos utilizam para participarem da conversação e manterem o fluxo interacional das práticas de linguagem. Se, por um lado, a utilização desses recursos evidencia os déficits linguísticos impostos pela condição afásica, por outro, esses eles nos permitem entrever que o conhecimento das particularidades do uso da linguagem e das propriedades da conversação não é prejudicado pela afasia. A experiência de cada um com rotinas e formas de organização de grupos sociais também integra, certamente, o repertório de recursos e estratégias evocados pelos sujeitos.

A participação dos sujeitos afásicos não parece estar substancialmente modificada ou até mesmo distante do padrão de interação demandado pelas situações específicas dos enquadres interativos que foram analisados. No enquadre *Debate / Discussão de Notícias*, é visível a posição argumentativa dos participantes do CCA. Durante esse episódio conversacional, o tópico é inserido por um participante não-afásico e, prontamente, os outros integrantes reconhecem a especificidade argumentativa do tópico. Ao reconhecerem que naquele encontro a prática de linguagem configurava um debate, os participante afásicos, com a colaboração dos outros participantes, construíram e expressaram o seu ponto de vista.

Durante a conversação, os sujeitos afásicos reconhecem os momentos mais específicos para a inserção, tomada ou sobreposição de turnos. Parte desse reconhecimento está mais relacionado aos aspectos próprios da linguagem oral (a hesitação, pausa, prosódia e aspectos linguísticos) do que os níveis estritamente linguísticos, como, por exemplo, a sintaxe. A outra parte está relacionada ao desenvolvimento do tópico, ou seja, à medida em que debate é estabelecido, os participantes procuram construir uma posição argumentativa a respeito da questão que é inserida pelo comentário da notícia.

O estabelecimento do tópico também revela-se como o fator responsável pela organização dos turnos conversacionais e dos enquadres interativos. A narrativa que é

demandada nessa configuração interativa do CCA influencia as formas de distribuição dos turnos. Nos dados analisados desse enquadre, é possível observar que a maioria das sobreposições ocorre em função da continuidade da narrativa, que é realizada conjuntamente por alguns participantes. Nesse sentido, as sobreposições dos turnos no enquadre interativo *Relatos* apresentam um caráter complementar, isto é, trazem elementos referenciais que contribuem para o desenvolvimento do tópico, ocorrendo nos momentos em que há pausas mais acentuadas e hesitações. Também cabe destacar que tais sobreposições são feitas com elementos de um histórico compartilhado do grupo, tais como gestos, olhares, *promptings* orais e o uso da escrita.

A observação das recorrências dos turnos nos dados analisados permite-nos tecer algumas considerações acerca da materialidade e dos turnos nos episódios conversacionais do CCA, um tema, como vimos no capítulo 1, muito discutido no campo dos estudos da Análise da Conversação.

Os dados analisados corroboram com a tese de Ford, Fox & Thompson (1996) no que diz respeito à configuração dos turnos nas práticas conversacionais do CCA. Dessa forma, a tese da regularidade do sistema de troca de turnos, que opera a partir das UCT's constituídas a partir da regularidade da sintaxe, conforme é preconizado por SSJ (1974), não consegue ser comprovada integralmente em nossos dados. Em relação ao turno conversacional, as análises demonstram que afásicos também realizam sobreposições, tomadas e passagens em quantidade muito semelhante à dos não afásicos.

Outro fator que deve ser levado em consideração para compreendermos as dinâmicas de turnos do CCA recai, sensivelmente, no enquadre interativo que é delineado em cada um dos encontros. Portanto, o turno conversacional, no âmbito deste trabalho, configura-se não só como um das estruturas nucleares da conversação, mas, sobretudo, como um *locus* privilegiado para a observação das práticas conversacionais, pois é por meio dele que ocorrem a sustentação e a continuidade da conversação. Por esse motivo, o turno é uma das categorias que nos permite analisar as formas pelas quais os sujeitos afásicos conseguem se posicionar como participantes da conversação e também sustentarem o fluxo interativo que a conversação demanda.

O papel do tópico nas interações do CCA é importante, pois é a partir de sua movimentação que as configurações do enquadre das atividades do CCA são

reconhecidas pelos participantes. O tópico sofre alterações por parte dos afásicos, o que origina o surgimento de subtópicos, digressões e até mesmo novos tópicos. Como em qualquer outra interação, a progressão tópica (produto do engajamento comum do grupo) ocorre na medida em que os aspectos semânticos e pragmáticos da interação passam a ter sentido para os participantes do grupo. De maneira colaborativa, o tópico influencia o turno na definição dos enquadres e, conseqüentemente, o fluxo conversacional.

Além disso, o tópico é fator da conversação responsável pela construção partilhada dos sentidos na interação, o que é importante nos dados do CCA devido à sua configuração de uma comunidade de práticas. Por isso, o tópico é o elemento responsável pelo engajamento dos participantes e pela negociação conjunta do objetivo comum por meio de recursos compartilhados, conforme salientamos em nossas análises (cf. cap. 4). Levando em conta esses motivos, podemos considerar, no âmbito deste trabalho, que o tópico é, retomando as palavras de Marcuschi (1998:14):

o fio condutor da organização discursiva, que constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura.

Se o tópico é o fio condutor dos processos de entrosamento e colaboração entre os falantes, podemos considerar que as práticas conversacionais do CCA organizam-se em torno dos fatores de ordem semântica e pragmática que sustentam o envolvimento da conversa. As práticas conversacionais do CCA estão mais relacionadas com o seu conteúdo do que com a forma linguística dos enunciados conversacionais. Dessa forma, a conversação no CCA organiza-se em função do tópico, que, por sua vez, configura o enquadre interativo e define as formas de trocas de turno. Em relação aos turnos, os movimentos de sobreposição, finalização e reconhecimento dos momentos específicos de inserção ocorrem em função da configuração interativa do enquadre, que por sua vez é definida pela negociação conjunta de sentidos demandada pelo tópico.

De maneira colaborativa, o tópico age com o turno na definição dos enquadres e, conseqüentemente no fluxo conversacional. No entanto, as qualidades específicas das práticas interativas que ocorrem no CCA dependem não só dos fatores intrínsecos da conversação mencionados acima, mas também da configuração social do grupo, ou seja, das propriedades de uma comunidade de prática. O CCA se assemelha a outros grupos

sociais organizados em torno de um objetivo comum, no qual os participantes engajam-se e negociam sentidos conjuntamente a partir de um repertório de específicos. Nesse sentido, a exibição da competência textual-interativa não está relacionada somente à manipulação que os integrantes dos CCA (sejam afásicos ou não afásicos) realizam das categorias linguísticas, mas sim aos diferentes papéis que são assumidos por eles no curso das interações.

Outro fator que deve ser levado em consideração para compreendermos as dinâmicas de turnos do CCA recai, sensivelmente, no enquadre interativo que é delineado em cada um dos encontros. É graças ao reconhecimento das formas de agir nesses enquadres que os participantes do CCA, afásicos e não afásicos, reconhecem os momentos e possibilidades das dinâmicas de turnos.

Como em qualquer outra interação, a progressão tópica (produto do engajamento comum do grupo) ocorre na medida em que os aspectos semânticos e textuais da interação passam a ter sentido para os participantes do grupo. E este sentido pode ser construído conjuntamente ou pode ser justamente o fator que provoca o pertencimento a um grupo social. Sendo assim, assumimos que a forma linguística dos turnos não é o único ou mesmo fator principal responsável pela conversação, mas sim um conjunto de fatores, textuais e sociocognitivos, relacionados à configuração do enquadre interativo e à movimentação tópica.

Nossos dados levam-nos observar que não há ausência ou presença incipiente do turno conversacional ou do tópico discursivo, ainda que encontremos formas diferenciadas do uso destas categorias conversacionais. Diferenciadas não no sentido de serem totalmente alteradas ou deturpadas pelas afasias, mas diferenciadas justamente pelo fato de que o CCA é um grupo socialmente organizado que apresenta as propriedades estruturais de uma comunidade de práticas. Nesse sentido, podemos postular que as práticas conversacionais possibilitam que observemos que:

a emergência da competência se mobiliza às vezes pela força da linguagem, às vezes por outros processos semiológicos que a acompanham de forma constitutiva, como a gestualidade ou um *savoir-faire* procedural específico (Morato et al., 2008).

A emergência de uma competência mobilizada pela força da linguagem (de sua estrutura em uso) e por outros processos semiológicos que a constituem pode ser observadas em nossos dados. Uma competência que, sob uma perspectiva sociocognitiva, não se reduz à simples capacidade metalinguística e que, observada em meio aos episódios conversacionais, “não se perde ou se destrói necessariamente nas afasias” (cf. Morato, 2005; Morato et al., 2008). Nossos dados permitem considerar que afásicos podem exibir uma competência textual-interativa ao manipular satisfatoriamente, em relação a seus propósitos discursivos, as duas categorias que são os pilares da conversação.

Assim, a nossa hipótese de que os afásicos não perdem uma competência relativamente à linguagem que os permite interagir nas situações conversacionais, manipulando de forma satisfatória os turnos conversacionais e contribuindo textual e pragmaticamente para o desenvolvimento do tópico, é comprovada por meio de nossas análises. Mesmo diante dos inegáveis déficits linguísticos que as afasias acarretam, o sujeitos afásicos demonstram que o conhecimento das regras da conversação não estão destruídos ou perdidos em decorrência da afecção do sistema linguístico. Os afásicos reconhecem a configuração textual-interativa da conversação, manifestada pelas movimentação do tópico, das formas de participação dos enquadres interativos e pelas dinâmicas de turno.

Essas conclusões abrem possibilidades de novas abordagens da produção lingüística e comunicativa de afásicos, baseada sobretudo na relevância de expedientes sociais e terapêuticos de caráter interacional para o entendimento e enfrentamento das afasias. A investigação das práticas conversacionais, tomadas enquanto fenômenos sociocognitivos, podem fornecer ganhos heurísticos para o entendimento das relações entre linguagem e cognição no contexto patológico, bem como permitem rediscutir – no terreno dos estudos linguísticos – o próprio conceito de afasia (em geral, amparado num logocentrismo que se deixa ver de forma quase caricatural nas baterias de testes-padrão utilizados nos diagnósticos).

Finalizando, este trabalho espera ter colaborado para que as afasias sejam compreendidas não somente a partir de sua dimensão patológica, que restringe a vida do sujeito afásico em vários sentidos, mas, sobretudo, que elas possa ser percebidas socialmente a partir de uma perspectiva de reconhecimento dos recursos legítimos – em termos linguísticos e interacionais – utilizados pelos afásicos para participarem, como

falantes e cidadãos - do “exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais” (Marcuschi, 1998: 07), isto é, a conversação.

Referências Bibliográficas

BENTES, A. C. *Linguagem como prática social: a elaboração de estilos de fala por jovens rappers brasileiros*. Relatório de Pós Doutorado. UNICAMP/FAPESP, Campinas, 2006.

BLOOMMAERT, J. Contexto é/ como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org). *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola, 2008.

BROWN. G. & YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CALLIGARIS, J. P. *Estudo das semioses co-ocorrentes no trabalho de expressão teatral com afásicos*. Relatório de Iniciação Científica. Graduação em Filosofia. Universidade Estadual de Campinas, 2007. (mimeo)

CAMERIN, I. P. D. *Discurso cotidiano no CCA/IEL Unicamp*. 2005. 83 f. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CAZELATO, S. E. O. *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. 2003. 238 f. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CHACON, L. J. Dificuldade de início de movimentos na produção de enunciados falados de sujeitos parkinsonianos. In: *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. XXXV, p. 1171-1178, 2006.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Montoun, 1957.

CLARK, H. *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

_____. O uso da linguagem. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: Núcleo de Editoração do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. n. 9, p. 49-71, 2000. Tradução de Nelson de Oliveira Azevedo & Pedro M. Garcez. (Originalmente publicado em *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996)

ECKERT, P. & MC-CONNELL-GINET. S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. In: *Annual review of Anthropology*. s/l: s/ed., Vol. 27, p. 461-90, 1992.

ERICKSON, F. & SHULTZ. E. O “quando” em um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*, 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *Ethnography and Language*, 1981).

FERGUNSON, A. Conversational turn-taking and repair in fluent aphasia. *Aphasiology*, v. 12 n.11, p.1007-1031, 1998.

FORD, C; FOX, B; THOMPSON, S. Practices in the Construction of Turns: the 'TCU' revisited. In: *Pragmatics*. International Pragmatics Association. v. 6, n.3, p.427-454, 1996.

FORD, C.; THOMPSON, S. Interactional units in conversation: syntactic, intonational, and pragmatic resources for the management of turns. In: OCHS, E.; SCHEGLOFF E.; THOMPSON, S. (Orgs.). *Interaction and grammar*. New York: Cambridge University Press, 1996.

FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. In: *Almanaque* vol. 5, p.9-27, 1977.

FREITAS, M. *Alterações fono-articulatórias das afasias motoras: um estudo linguístico*. Tese de Doutorado. UNICAMP/IEL, 1997.

GALEMBECK, P. O turno conversacional. In: Preti. D (Org). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 3.ed, 1997.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São PAULO, Martins Fontes, 1989.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T & GARCEZ, P M. *Sociolinguística Interacional*, 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *American Anthropologist*, v.66, n. 6, p.133-166, 1964)

GOLDSTEIN K. *Language and language disturbances*. New York: Stratton, 1949

GOODWIN, C. A Competent Speaker Who Can't Speak: The Social Life of Aphasia. In: *Journal of Linguistic Anthropology*. University of California, Los Angeles, Vol. 14, No. 2, pp. 151-170, 2004.

GRICE, H. *Studies in the way of words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. & HYMES, D.H. *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. N.Y: Mc Namara, 1972.

HANKS, W. *Language and communicative practices*. Boulder: Westview, 1996.

_____. O que é contexto? In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C; MACHADO, M. A. R. (Orgs). *Língua como prática social: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

HOLMES, J. & MEYERHOFF, M. The community of practice: theories and methodologies in language and gender research. In: *Language in Society*. New York. Cambridge University Press, Vol. 27/1, p.173-185, 1999.

HYMES. D. H. On communicative Competence. *Sociolinguistics*. Philadelphia: Penguin Books, 1971.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Philadelphia, 1974.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954/1981.

JUBRAN, C. C. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R.(Org.). *Gramática do português falado*. v. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, p.359-439, 1992.

JUBRAN, C.C.A. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.V., MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (Orgs.). In: *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 48, n.1, p. 33-44, 2006a.

_____.O tópico discursivo. In: JUBRAN. C.C.A. & KOCH.I.G.V. (Orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1 , 2006b.

_____. Introdução In: JUBRAN. C.C.A. & KOCH. I.G.V. (Orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1 , 2006c.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, I. G. V. *A Inter-Ação Pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto,1998.

_____. & Penna, M.A.O. Construção e Reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 48, n.1, p. 23-31, 2006.

_____. A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. In: *Investigações*, Recife, v. 18, n. 2, p. 9-38, 2005.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*, Washington: Center for Applied Linguistics Press, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEBRUN, Y. *Tratado de afasia*. São Paulo: Panamed Editorial, 1983.

LEITE, M.Q. et al. A análise da conversação no Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.) *Linguística textual e análise da conversação*: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 49-90.

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LEWIN, K. *Action research and minority problems: Resolving Social Conflicts*. London: Souvenir Press, 1973.

LURIA, A. R. *Basic problems of Neurolinguistics*. The Hague: Mouton, 1976.

_____. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP, 1981.

LYONS, J. *As ideias de Chomsky*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MACEDO, H. O. *O processo de refacção textual na linguagem*. 2005. 215 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Questões atuais na Análise da Conversação*. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 3. Recife: ANPOLL, 1988. p. 319-335.

_____. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, v. 3, p. 21-46, 1999.

_____. Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. In: *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*. Venezuela, Cúcuta, Número 1, p. 23-42, 2001.

_____. Referenciação e progressão tópica. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 48, n.1, p. 07-22, 2006a.

_____. Repetição. In: Jubran. C.C.A. & Koch. I.G.V (Orgs). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1, 2006b.

MAYNARD, D. Placement of topic changes in conversation. In: *Semiotica*.v.30, n.3/4, p. 263-290, 1980.

MIRA, C.C.C.R. *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MONDADA & PEKAREK, S. (2000). Interaction sociale et cognition située: quels modèles pour la recherche sur l'acquisition des langues? In: *AILE* 12: 147-17, 2000.

MONDADA, L. Participants' online analysis and multimodal practices: projecting the end of the turn and the closing of the sequence. In: *Discourse Studies*, v. 8, n.2, p.117 – 129, 2006.

MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição – As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

_____. Formas Metaenunciativas no Discurso de Sujeitos Afásicos. In: BARROS, K. S. M. (Org.). *Produção Textual: interação, processamento, variação*. Natal: EDUFN, p. 53-62, 1999.

_____ & BENTES, A. C. *Das intervenções de Bourdieu no campo da Linguística: reflexões sobre competência e língua legítima*. Horizontes, São Paulo, v. 20, p. 31-48, 2002.

_____. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F & BENTES, A. C. (Org). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. et al. *Sobre as afasias e os afásicos*. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Ed. Unicamp, Campinas, 2002

_____. O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguísticos?. In: ALBANO, E. et al. (Orgs.) *Saudades da Língua*. Campinas/IEL, Mercado de Letras, 2003.

_____. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____ et al. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)*. Processo FAPESP 03/02604-9. Depto. de Linguística – IEL/UNICAMP, 2005. (Relatório de Pesquisa)

_____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Da noção de competência no campo da Linguística. In: Signorini, I. (Org.). *Situar a língua(gem)*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____ et al. *Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. (CCA-IEL/UNICAMP)*. Processo FAPESP 06/52950-9. Depto de Linguística – IEL/UNICAMP, 2008. (Relatório de Pesquisa)

_____. *Sobre o Centro de Convivência de Afásicos e o acervo de dados linguístico-interacionais (APHASIACERVUS)*. 2011. (mimeo)

NASCIMENTO, J. C. & CHACON, L. . Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 50, p. 59-76, 2006.

PICHÓN-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RAPP, B. *The Hanbook of Cognitive Neuropsychology: what deficits reveal about the human mind*. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

REISDORFER, I. M. S. Produção de parafasias lexicais e semânticas: reflexão a partir dos estudos sobre referenciação. In: *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*: São Carlos, 2006.

SILVA, R. C. *Formas e funções da repetição no contexto das afasias*. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2008.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*. v 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Tradução de Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago et al. In: VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003.

SALAZAR ORGIV, A. & HUDELOT, C. *Enchaînements, continuités et déplacements dialogiques chez le jeune enfant*. Verbum, v. XII, n.1, 1989.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: *Veredas*. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 61-79, 1999.

SCHEGLOFF, E. Turn organization: one intersection of grammar and interaction. In: OCHS, E.; SCHEGLOFF E.; THOMPSON, S. (Orgs.). *Interaction and grammar*. New York: Cambridge University Press, 1996.

_____. Whose Text? Whose Context. In: *Discourse & Society*. v.8, p.165-187, 1997.

_____. Discourse, Pragmatics, Conversation, Analysis. In: *Discourse Studies*, v.11, n. 1, p.405 – 435, 2000.

_____. *Sequence Organization in Interaction*. v.1 .Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. & SACKS. H. Opening up closings. In: *Semiotica* 8, p. 289-327, 1973.

SELTING, M. On the interplay of syntax and prosody in the constitution of turn-constructional units and turns in conversation. In: *Pragmatics*, International Pragmatics Association. v. 6, n.3, p.371-388,1996.

_____. The constructing of units in conversational talk. In: *Language In Society*, London. v. 29, n.4, p.477-517, 2000.

TANNEN. D. & WALLAT. C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B.T & GARCEZ, P M. *Sociolinguística Interacional*, 2. ed. São Paulo :Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *Social Psychology Quarterly*, nº 50, 1987).

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2008.

TUBERO, A. L. *A construção conjunta de objetos de discurso: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos no processo de elaboração do livro: "Sobre as afasias e os afásicos"*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 2006.

VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

VION, R. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachette, 1992.

VYGOTSKY, L. S. 1984. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEFFORT, F. *Qual democracia?* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WENGER, E. *Communities of practice*. Learning, meaning and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Anexo

Sistema de notação – versão 2004

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(3s)	MS: ã::::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito... — Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[apontando o local onde ocorre a sobreposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”

Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	<p>* início e fim do gesto*</p> <p>*-----*</p> <p>continuidade gestual</p>	<p>NS: i::xi... faz tempo aqui</p> <p>*-----*</p> <p>((aponta com o dedo))</p>
--	--	--

Fonte: Morato et al., 2005.